

**UNIVERSIDADE DE SOROCABA  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA,  
EXTENSÃO E INOVAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**Thereza Cristina Utsunomiya Alves**

**SOBRE FLORESTAS E ESCOLAS:  
diálogos cotidianos de uma professora pesquisadora**

**Sorocaba/SP  
2020**

**Thereza Cristina Utsunomiya Alves**

**SOBRE FLORESTAS E ESCOLAS:  
diálogos cotidianos de uma professora pesquisadora**

Tese apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Sorocaba, como exigência parcial para obtenção do título de Doutor em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Antonio dos Santos Reigota

**Sorocaba/SP  
2020**

### Ficha Catalográfica

A482s Alves, Thereza Cristina Utsunomiya  
Sobre florestas e escolas : diálogos cotidianos de uma professora  
pesquisadora / Thereza Cristina Utsunomiya Alves. -- 2020.  
160 f. : il.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Antonio dos Santos Reigota  
Tese (Doutorado em Educação) - Universidade de Sorocaba, Sorocaba,  
SP, 2020.

1. Educação. 2. Ecologia. 3. Prática de ensino. 4. Educação ambiental. I.  
Reigota, Marcos Antonio dos Santos, orient. II. Universidade de Sorocaba.  
III. Título.

Thereza Cristina Utsunomiya Alves

**SOBRE FLORESTAS E ESCOLAS:  
diálogos cotidianos de uma professora pesquisadora**

Tese apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Sorocaba, como exigência parcial para obtenção do título de Doutor em Educação.

Aprovado em: 22 jun. 2020

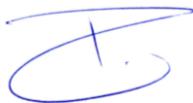
**BANCA EXAMINADORA:**



Prof. Dr. Marcos Antonio dos Santos Reigota  
Universidade de Sorocaba



Profª Drª Raquel Aparecida de Oliveira  
Pontífica Universidade Católica de São Paulo - PUCSP



Prof. Dr. Eder Rodrigues Proença  
Prefeitura Municipal de Sorocaba/Secretaria de Educação



Profª Drª Alda Regina Tognini Romaguera  
Universidade de Sorocaba



Prof. Dr. Guilherme Leonardo Freitas Silva  
Universidade de Sorocaba

Essa tese foi realizada com bolsa PROSUC/CAPES no período de Março de 2018 até Junho de 2020.

Dedico aos rebeldes; revolucionários que ousam pulsar potentes afetamentos a partir do altruísmo e dos fazeres miúdos. Especialmente ao companheiro desnudo em ensaios dos cotidianos, das pesquisas e da vida: Léo.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço aos seres ancestrais, aos seres atuais e aos futuros seres; por cada desafio e ensinamento.

Professores: Marcos Antonio dos Santos Reigota, Alda Regina Tognini Romaguera, Eder Rodrigues Proença, Raquel Aparecida de Oliveira, Guilherme Leonardo Freitas Silva, Marta Catunda, Ana Godoy e Eliete Jussara Nogueira; que pulsam tese comigo.

À minha família.

À Gaia: Saúva (Maria Fernanda), πcolé (Rachel), Elásti-k (Flávia), Tolada (Paola), K-Tuaba (Maíra), Lontra (Carol Chaves), Maga (Ana Karina), Tchu-k (Carol Cortez), K-πvara (Renata), K-Tira (Juliana), K-çula (Luana Araújo), D-pende (Luana Nunes), Joanhina (Vânia), Xerri (Bruna), Frita (Débora), Intrusa (Elis), Boladona (Raisa), Storada (Paula), Certeza (Gabriela Arena), Ti-Bum (Mirella), Pegadinha (Ana Paula), Karoxa (Ana Cláudia), Lama (Camila), Kuaresma (Danielle), Gueto (Isabella), Namorad-ra (Lais), Brexó (Gabriela Souza), Prin (Camila), Carol (Caroline), Xerada (Beatriz Torres), Kero Leite (Miriam), Minion (Joyce), Saliendi (Marília), Hamtaro (Letícia), Petê (Denise), Barrikelo (Rebeca), Corada (Maysa), Bombriu (Lara), Farinha (Lavinia), Na marra (Brenda), Flesha (Aline), K-tinguê (Nara), 1/2 boca (Lorena), Berlin (Giovana), Qki-falta (Bárbara), Desmaiada (Giuliana) Aguilera, bixete Garupa (Tainara), bixete Nasa (Thaís), bixete Tramontina (Clara), bixete Korre (Beatriz Sampaio), bixete Quebrada (Rafaela) e a nossa anja desde o início de tudo, Sil.

À Lili, mãe da Isa e do Igor; Thais, mãe da Elis; Raiane, mãe do Gael; Lore, mãe do Samuel, Pedro Henrique, Davi e João; Luana, mãe da Elis e diversas outras mães que nos fortalecem.

Aos demais amigos que não nomeio aqui, envio mensagem no privado.

Ao IFMT; pela concessão do afastamento para capacitação.

À Universidade “comunitária”; ...

À CAPES; pela bolsa integral de estudos durante o período Março de 2018 até Junho de 2020.

*Como habitar a casa do ser menor?  
A casa das micropolíticas  
A casa das microações  
Das micropotências  
A casa das possibilidades  
Micro resistências*

*Penso eu, que é na casa do ser menor  
Que os grandes brotam da terra  
Os campos estão bem semeados  
Há chuva para aguar os pensamentos  
E encontrar outras possíveis ações  
Não é preciso ser grande para fazer  
acontecer  
Fazer pensar*

*Nataliane Martins*

## RESUMO

Quais ensinamentos e desdobramentos podem nos trazer as reminiscências da infância? O que fica da curiosidade e descobertas da adolescência e juventude? De que forma os caminhos trilhados reverberam em nossa atuação política e profissional? O trabalho propõe trazer possibilidades de resignificação, sobrevivência, pertencimento, práticas pedagógicas e modos de existir a partir da bio:grafia e da aventura de desnudar-se de uma professora pesquisadora conversadora ao narrar o cotidiano. O processo de construção é embasado na perspectiva ecologista de educação. O texto, marcado pelo descompasso característico dos desvios, encontros e (des)encontros da pesquisa e da vida, se molda no ritmo dos acontecimentos. Este trabalho trilha por cotidianos diversos, transita entre florestas e escolas e nos con(vida) a perceber o que podemos aprender a cada linha de nossa própria história, não somente dentro do cotidiano escolar, mas também além das escolas, nos ciclos vivenciados, na pesquisa e na vida.

**Palavras-chave:** Cotidiano escolar. Narrativas. Perspectiva ecologista de educação.

## **ABSTRACT**

Which teachings and unfolding can childhood reminiscences bring us? What's left of the curiosity and discoveries of youth and adolescence? In which way do the paths chosen still echo in our political and professional behavior? This thesis offers to bring possibilities of renewal, survival, belonging, pedagogical practices, and ways of existing from the bio:graphy and the adventure of baring herself, of a researcher and talkative teacher narrating her everyday life. The construction process is based on an ecologist perspective of education. The text, marked by the characteristic unsteadiness of detours, of the comings and goings of research and life, shapes itself in the rhythm of events. This work treads by diverse routines, steps between forests and schools and invites us to understand what we can learn, in each line of our own story, not only in the daily school life, but also beyond schools, in the experienced cycles, in research and life.

**Keywords:** School everyday life. Narratives. Ecologist perspective of education.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Mística “Provão, na contramão da educação” .....	44
Figura 2 - Mística “Replantaremos nossas flores e não nos calarão” .....	45
Figura 3 - Poema “No caminho, com Maiakóvski” .....	45
Figura 4 - Mística “Xadrez capitalista” .....	47
Figura 5 - Comunidade que Sustenta a Educação .....	81
Figura 6 - Céu e sombra fresca da floresta de primavera .....	92
Figura 7 - Primaveras mutiladas.....	93
Figura 8 - Um caminhão de primaveras mutiladas .....	94
Figura 9 - Rebrotas da primavera .....	95
Figura 10 - Corte raso .....	96
Figura 11 - Sepulcro Tributo à primavera .....	96
Figura 12 - Paisagismo desastroso .....	97
Figura 13 - Cemitério de sentidos .....	97
Figura 14 - Equipe organizadora e alguns convidados da vivência étnica na XIV Semana da Biologia FHO, Uniararas .....	118
Figura 15 - Exposição fotográfica e artefatos na vivência étnica.....	118
Figura 16 - Protagonismo indígena e público presente na vivência étnica.....	119
Figura 17 - Ariovaldo, protagonismo indígena na vivência étnica .....	119
Figura 18 - Artefatos indígenas em exposição na vivência étnica.....	120
Figura 19 - Convidados na vivência étnica.....	120
Figura 20 - Povos indígenas presentes na UFSCar 2019 .....	121
Figura 21 - Núcleo de Estudos Indígenas e Saberes Indígenas .....	122
Figura 22 - Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (APIB).....	123
Figura 23 - Cabeças que falam. ....	146



## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	14
Mergulho, respiro, floresta... ..	20
<b>1 POR ONDE ANDEI E COMO CHEGUEI .....</b>	<b>22</b>
1.1 Da primeira floresta ao curso de Engenharia Agrônômica .....	22
1.2 O choque no curso de Engenharia Agrônômica .....	33
1.3 Nasce a Leucena.....	34
1.4 Uma história de Gaia .....	35
1.5 A Associação Jequitibá de Agroecologia.....	36
1.6 Movimento Estudantil, Político e Social .....	42
1.7 Em busca da prática agroecológica e encaminhamento profissional .....	53
1.8 O Mestrado .....	55
1.9 Chegança em Cuiabá.....	58
1.10 Professorescer: minha 1º Experiência como Professora Universitária .....	60
1.11 Paulo Freire e as práticas pedagógicas.....	62
1.12 Vivência com o povo Paresi.....	64
1.13 Quando uma “linha” nos puxa .....	68
<b>2 ENCONTROS COM AS FLORESTAS E DESVIOS NO CAMINHO.....</b>	<b>70</b>
2.1 A primeira vez em que li a <i>A Floresta e a Escola</i> .....	71
2.2 Floresta urbana .....	72
2.3 A floresta e a escola, a escola e a floresta... ..	73
2.3.1 Luana .....	74
2.3.2 Jean.....	75
2.3.3 Oliver.....	75
2.4 A Floresta e os Cotidianos Escolares .....	77
2.5 Floresta que acolhe .....	80
2.6 A floresta que controla .....	82
2.7 Será que as pessoas querem ser autônomas? .....	86
2.8 A primavera acabou em agosto.....	87
2.8.1 Ações micropolíticas na cidade: sensibilidade de uns e desprezo de outros .....	98
2.9 O que me aproxima, o que me distancia? .....	102
2.10 Distanciamentos sofridos .....	105
2.11 A Vida e a Pesquisa .....	106
<b>3 (RE)CONEXÕES .....</b>	<b>112</b>

<b>3.1</b>	<b>Políticas poéticas e práticas pedagógicas .....</b>	<b>112</b>
<b>3.2</b>	<b>Um convite, uma indicação, uma construção .....</b>	<b>113</b>
<b>3.3</b>	<b>Liberdade – filosofia de Rudolf Steiner e práxis .....</b>	<b>125</b>
<b>3.4</b>	<b>O cotidiano no doutorado .....</b>	<b>129</b>
<b>3.5</b>	<b>Atenção, Filmando - Narrativas dos estudantes em cena.....</b>	<b>130</b>
<b>3.5.1</b>	<b>Kátia, 16 anos.....</b>	<b>130</b>
<b>3.5.2</b>	<b>Bruna, 18 anos.....</b>	<b>131</b>
<b>3.5.3</b>	<b>Bianca, 19 anos.....</b>	<b>132</b>
<b>3.5.4</b>	<b>Kleitton, 20 anos.....</b>	<b>133</b>
<b>3.5.5</b>	<b>Pâmela, 17 anos.....</b>	<b>134</b>
<b>3.5.6</b>	<b>Lua, 17 anos.....</b>	<b>135</b>
<b>3.5.7</b>	<b>Thiago Theodoro, 16 anos.....</b>	<b>135</b>
<b>3.5.8</b>	<b>Evani, 21 anos.....</b>	<b>136</b>
<b>3.5.9</b>	<b>Amanda, 18 anos.....</b>	<b>136</b>
<b>3.5.10</b>	<b>Menininha Luiza, 6 anos.....</b>	<b>137</b>
<b>3.6</b>	<b>Jonas que terá 45 anos em 2020 .....</b>	<b>140</b>
<b>3.6.1</b>	<b>Próxima aula .....</b>	<b>143</b>
<b>3.7</b>	<b>Formulações de Marcos Reigota: questões para pensar.....</b>	<b>144</b>
<b>3.8</b>	<b>Cabeças que falam, de Krzysztof Kieslowski.....</b>	<b>146</b>
<b>4</b>	<b>(SOBRE)VIVER COM E COMO AS FLORESTAS NOS COTIDIANOS ESCOLARES, NA ESCRITA E NA VIDA .....</b>	<b>151</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>155</b>

## INTRODUÇÃO

[...] é preciso que a fraqueza dos fracos se torne uma força capaz de inaugurar a justiça.  
(FREIRE, 1995, p.23)

A partir deste trabalho pretendo apresentar possibilidades que emergem do cotidiano na escuta sensível e na prática da perspectiva ecologista de educação; apresento vivências de diversos modos de fazer educação a partir de reminiscências da infância, das descobertas adolescentes, dos encontros e (des)encontros que atravessam o cotidiano.

O que aprendemos quando o cotidiano paralisa? De onde vêm a força? Em quais circunstâncias se produz ciência?

Por meio de relatos e narrativas, emergem práticas problematizadoras repletas de rostidades<sup>1</sup>, trajetórias, alegrias, dores e sonhos. Quais desdobramentos são provocados na e pela própria prática, pela pesquisa e pela vida?

Pretendo contribuir com a possibilidade de se construir ciência, de atuar profissionalmente e politicamente em todos os espaços, dialogicamente, com princípios éticos, de compromisso social, de solidariedade, de responsabilidade pelos impactos que causamos e de respeito à sazonalidade de cada ser.

Assim como a vida, a pesquisa está marcada por diferentes tons e profundidades. Ora com rigor, métrica e sequência; ora textos mais livres, buscando sentidos e formas outras de habitar.

Intenciono despertar o olhar curioso, a vontade de aprender mais, e convidar à reflexão a respeito das possibilidades que as florestas e as escolas ensinam cotidianamente.

A tese está dividida em três partes, a saber:

Início narrando minha trajetória desde a infância, parte da adolescência, os meus encontros com as primeiras florestas e com as escolas, a escolha do curso de Engenharia Agrônoma, autores que me acompanharam durante a graduação, participação em cursos e fundação da Associação Jequitibá de Agroecologia, envolvimento com movimento estudantil e a escolha pela carreira acadêmica, profissão de professora e a importância de Paulo Freire nas práticas pedagógicas

---

<sup>1</sup> Quando é usado o termo “rostidade”, refere-se à tradução brasileira do conceito desenvolvido por Deleuze e Guattari (1996), que remete à produção de uma “máquina abstrata” que a tudo impõe um padrão de rosto.

num breve relato do cotidiano escolar no Instituto Federal de Mato Grosso (IFMT) e Universidade Estadual de Mato Grosso (UNEMAT).

Apresento os autores: Paulo Freire, Ana Maria Primavesi, José Antônio Kroeff Lutzenberger e Rudolf Steiner. Para além dos ensinamentos agroecológicos, durante minha trajetória inspirei-me na persistência, alteridade e resiliência de Ana Maria Primavesi; na determinação, militância e entusiasmo de Lutzenberger e na genialidade, visão holística e vontade de aprender de Rudolf Steiner.

Ouso apresentar um trabalho corajosamente escrito em primeira pessoa, num ensaio, livre de qualquer tipo de amarra, censura ou receio de expor a sinceridade como um exercício de escrita, de pensamento e de vivência, conforme ensina Jorge Larrosa (2004):

Que exista alguém dentro da nossa forma de escrever, da nossa forma de pensar, da nossa forma de viver. Seja a que for. Que mantenhamos, ao menos, a mínima dignidade de escrever sem mentir e sem mentir para nós, de pensar sem mentir e sem mentir para nós, de viver sem mentir e sem mentir para nós. Num presente cada vez mais difícil e nunca garantido. Numa primeira pessoa cada vez mais impossível, mas sempre perseguida. Numa distância crítica cada vez mais problemática e mais cética, mas cada vez mais livre. Ao mesmo tempo no singular e no plural. Escrevendo. Pensando. Vivendo. Sempre no dever. Ensaando. De outro modo. (LARROSA, 2004, p.42)

Ao adentrar na minha própria trajetória e narrar uma série de acontecimentos aventurei-me a desnudar-me, conforme proposta apresentada por André Yang, Marcos Reigota e Rodrigo Barchi (2018):

[...] “aventuras” de narrar-se e desnudar-se, ou seja, carregam, em momentos e discursos sobre o cotidiano, uma série de elementos políticos, culturais, ecológicos, educativos e sociais, vistos e vividos pelos próprios narradores. Os quais, em suas militâncias, trajetórias e convivências, buscam decifrar as questões contemporâneas, as suas formações como sujeitas e os entrelaçamentos dessas esferas, a partir de um exercício do desnudamento de si. Essas narrativas fazem parte de uma proposta ética, teórica e metodológica das perspectivas ecologistas em educação, as quais, a partir dos conceitos de ecosofia tropical e educação ambiental canibal, propõem não se alinhar às tendências hegemônicas, dominantes e maiores da educação ambiental institucionalizada. (YANG; REIGOTA; BARCHI; 2018, p.265)

O conceito de cotidiano utilizado é: “tudo que temos, de que só há lugares e micro-lugares entendidos enquanto pequenas sequências de eventos e nada mais além disso” (SPINK, 2008, p.70) e a escolha por trazer a narrativa do cotidiano foi realizada a partir do diálogo com os estudos de Nilda Alves (2000; 2003) ao

defender que narrar talvez seja o método onde os sujeitos possam expressar seus cotidianos, transmiti-los e, também, um dos modos mais importantes para possibilitar seu melhor entendimento ao se organizar a história do cotidiano.

[...] ao trazer a narrativa para o centro da discussão, não deixo de ter preocupação com as questões teórico-metodológicas centrais de toda a pesquisa histórica, melhor seria dizer, daqueles que trabalham com metodologias qualitativas em história, em especial a história oral: a validade do relato como fonte; as questões éticas ligadas à identificação daqueles com quem conversamos bem como à utilização do conteúdo de suas falas; a necessária relação do que é dito com outras fontes e depoimentos; a utilização da análise dos processos subjetivos de memória, bem como, das múltiplas relações entre memória, narrativa e identidade; as contradições existentes entre memória individual e memória coletiva; a importância de confronto entre fonte oral e fonte escrita; a importância do momento e dos processos de afloramento da memória; a influência do entrevistador durante todo o processo – da decisão de com quem e como conversar aos métodos de análise e aos processos de síntese. (ALVES, 2000, p.1)

Na segunda parte, narro a escolha pelo curso de Doutorado, a chegada em Sorocaba, os encontros com mais florestas: a floresta urbana, a floresta que acolhe, a floresta que controla e a reminiscência de florestas que fizeram parte da minha trajetória pessoal e profissional e ecoam com a aproximação e resgate dos referenciais teóricos que compõem a minha bio:grafia (REIGOTA; PRADO, 2008):

Numa breve definição dizemos que bio:grafia é uma tentativa de narrar nossa presença no mundo (grafia) e relações existenciais, profissionais e políticas (bio) em busca de mudanças radicais que possibilitem a construção, através de práticas sociais e pedagógicas cotidianas, de uma sociedade justa, sustentável e democrática e que nos (auto)identificam como sujeitos da história (Paulo Freire). (REIGOTA; PRADO 2008, p.12)

A escrita da tese proporcionou um resgate da minha origem e consolidou possibilidades que me permitiram “adiar o fim do mundo”, conforme ensina Krenak (2019, p.16) ao nos convidar para viajarmos juntos para suspender o céu existencial, enriquecer nossas subjetividades para vivê-las com liberdade e poesia, reconhecer e valorizar nossas diferenças e, sobretudo, lembrarmos-nos da importância de mantermos a alegria de viver.

Senti a prática e o fortalecimento da perspectiva ecologista de educação para além do cotidiano escolar, enquanto a vida e a pesquisa paralisam diante da fragilidade do que atravessa o cotidiano; na fraqueza encontrei forças para continuar.

Busquei novos sentidos e foi na pedagogia dos (des)encontros (MACHADO, 2019) que me aproximei da teoria que reconhece e valoriza os desvios no caminho. Além disso, Carmem Machado (2019) traz frescor aos conceitos freireanos da escuta sensível, do diálogo e da compreensão do inacabamento, sinto que foi o eu precisava para tomar fôlego no momento.

Machado (2019) também provoca acerca do auto cuidado ao expressar a importância da presença integral no exercício da escuta sensível e atenta não somente do outro, como também de nós mesmos:

Na Pedagogia do (des)encontro, entendemos que o pensamento é corpo, é estar presente em suas sensações, enquanto vive, ouve e partilha. Essa escuta não se dá somente entre as quatro paredes de uma sala de aula, ela se dá na vida. A escuta, na Pedagogia do (des)encontro, é um convite para que nos percebamos no mundo e com o mundo, e por isso é necessária uma escuta atenta dos movimentos cotidianos mais banais, pois eles são tão importantes quanto a escuta dos educandos em sala de aula, porque se não escutarmos nós mesmos no mundo e com o mundo, dificilmente escutaremos o outro, dificilmente estaremos presentes e atentos, disponíveis ao diálogo. (MACHADO, 2019, p. 42)

Mergulhei nas referências e experiências vividas, tracei estratégias, aceitei ajuda e segui orientações. Resgatei e digitei quase mil páginas dos meus cadernos utilizados nos últimos três anos enquanto buscava, incansavelmente, uma retomada na fruição da escrita da tese. Assim como ensinam Carlos Eduardo Ferraço e Nilda Alves (2015), busquei em metodologias outras a forma de superar o engessamento da vida cotidiana:

Nosso mergulho nos cotidianos das escolas vai ao encontro, então, dessas redes cotidianas de fazeressaberes que inventam a educação. Com isso, como tentativa de superar o problema de engessamento da vida cotidiana por meio do uso de categorias ou classificações que, fatalmente, simplificam a diversidade e complexidade dessa cultura ordinária dos cotidianos, temos buscado compor outras alternativas metodológicas. (FERRAÇO; ALVES, 2015, p.311)

Por fim, em (Re)conexões reúno as experiências vividas durante o doutorado que trouxeram bagagem teórica, a utilização de artefatos culturais como forma de apresentar conceitos e pesquisas que abordam as dimensões ético, estético e políticas na educação, arte e cultura.

Algumas práticas pedagógicas adentraram as florestas, apresentaram povos e me conduziram a colocar em prática o método de pesquisa do “pesquisador

conversador”, de Peter Spink (2008) e nos chama a atenção para a importância das conversas espontâneas “dos encontros e desencontros, do falado e do ouvido em filas, bares, salas de espera, corredores, escadas, elevadores, estacionamentos, bancos de jardins, feiras, praias, banheiros e outros lugares de breves encontros e de passagem” (SPINK, 2008, p.70).

O desafio foi provocar sujeitos na realização de reflexões, reconhecer aprendizado diante das diversas situações vivenciadas, a partir de encontros e (des)encontros (MACHADO, 2019) e potencializar as práticas problematizadoras que desestabilizam o cotidiano em proveito da construção de uma sociedade realmente democrática, onde todos os povos possam exercer seus direitos. Nas palavras de Nilda Alves (2003, p. 66),

Os trabalhos que se preocupam com o cotidiano da escola e com os diferentes modos culturais aí presentes partem, então, da idéia de que é neste processo que aprendemos e ensinamos a ler, a escrever, a contar, a colocar questões ao mundo que nos cerca, à natureza, à maneira como homens/mulheres se relacionam entre si e com ela, a poetizar a vida, a amar o Outro.

Momentos que convidaram às práticas político pedagógicas outras e me possibilitaram reconectar com minha trajetória, com a floresta em mim e acolher ensinamentos dos povos da floresta ao facilitar processos de “cooperação entre os povos, não para salvar os outros, mas para salvar a nós mesmos.” (KRENAK, 2019, p.22) e é disso que trata: pensar no que a floresta pode ensinar não somente dentro do cotidiano escolar, mas também o que nos ensina além das escolas... nos ciclos vivenciados, na pesquisa e na vida como forma de adiar o fim do mundo.

pensar possibilidades,

buscar brechas,

encontrar linhas de fuga,

**(sobre)viver**

seguir resiliente,

desnudar-se, esaiar-se

.dar sentido ao que foi vivido

## **Mergulho, respiro, floresta...**

A escolha de um tema de estudo pode ser influenciada por uma série de motivos, nesse caso, a história de vida e o cotidiano escolar enquanto professora, que assume a coordenação de um programa no Instituto Federal de Mato Grosso (IFMT) e passa a repensar a forma de estar no mundo, vencer amarras, trabalhar com possibilidades provisórias e imprevisíveis para transver as relações, situações e a própria história.

Ao desenvolver a tese, surgem oportunidades de mergulho profundo, livre... onde fico por horas à fio, submersa em meu interior, assim como no mergulho de apneia, sem utilizar qualquer equipamento de respiração que me assegure que voltarei à superfície. Somente eu e a imensidão de trajetórias, desafios, conquistas, mágoas e superações... somente as lembranças traduzidas em palavras se reconectando ao meu ser e cada vez produzindo sentido em cada escolha que parecia não muito acertada...

Durante esse percurso no doutorado, mudei de rota, saí de minha zona de conforto da pesquisa sobre a história e desdobramentos de um projeto que desenvolvi enquanto gestora local no Instituto Federal de Mato Grosso, com oferta de cursos para capacitação de mulheres em situação de vulnerabilidade social, para adentrar em novas águas: visitar pela 1ª vez uma Bienal, conhecer artistas, poetas, fotógrafos, coreógrafos, artistas<sup>2</sup>, ao aprender e redescobrir as minhas próprias práticas pedagógicas em mergulho profundo num mar de “incertezas vivas” (VINCENT, 2017).

O preparo necessário para o mergulho livre envolve a redução dos batimentos cardíacos por meio de exercícios respiratórios. Inspirar grande quantidade de ar para encher os pulmões, reter o máximo que conseguir numa respiração bastante lenta e profunda; assim como mergulhar na arte me ensina a improvisar, aguça a imaginação, me torna capaz de escrever e enxergar narrativas outras e arriscar novas experiências e sentidos.

Desse modo, mergulhei num estudo sobre a floresta e a escola, resgatei na memória as florestas da Mata Atlântica, a floresta comestível, a floresta literária, a

---

<sup>2</sup> Termo utilizado por Bené Fonteles para designar artistas ativistas que utilizam de estratégias artísticas, estéticas ou simbólicas em ações ambientais, sociais e políticas que incentivam a criatividade, a liberdade, a ética, a experimentação, a horizontalidade e a autonomia por iniciativa de indivíduos ou coletivos.

urbana, ou seja, as florestas diversas que pulsam em mim. A incessante tarefa de captar essas florestas no exercício de me conectar para perceber o que a floresta ensina.

Penso que a floresta ensina a interação entre diversos seres vivos, cada um deles desempenhando funções importantes, algumas mais específicas enquanto outras mais generalistas.

É na floresta que se observam as sucessões que ocorrem naturalmente e que imitamos para otimizar processos no manejo agroecológico; a floresta ensina a observação atenta para a condução de um sistema agroflorestal, a floresta ensina que uma árvore que cai é a chance de outras espécies emergirem do solo na dinâmica da clareira e da ativação do banco de sementes para que novas plantas possam fazer parte desse complexo solo-floresta.

A floresta ensina os ciclos da água, dos nutrientes, do oxigênio e outros ciclos dinâmicos. O ciclo da vida. Ao mesmo tempo que a floresta ensina aspectos tão dinâmicos e geradores de movimento e repletos de pulsar vida, ensina também a manter a resiliência, a calma, o silêncio e a paciência na espera dos ciclos, a aceitação de fins de ciclos para que novos se reiniciem.

## **1 POR ONDE ANDEI E COMO CHEGUEI**

As narrativas a seguir tratam de minha trajetória desde a infância morando numa área de Mata Atlântica, parte da adolescência, a escolha do curso de Engenharia Agrônoma, a busca por conhecimentos na área de agroecologia, a fundação da Associação Jequitibá de Agroecologia, meu envolvimento com o movimento estudantil, a participação em movimentos sociais e o meu renascimento como Leucena, quando no cotidiano universitário me percebo como um sujeito que finalmente pode tomar decisões de acordo com os próprios desejos e crenças.

### **1.1 Da primeira floresta ao curso de Engenharia Agrônoma**

Nasci em Sorocaba, interior de São Paulo. Sou a segunda filha, única mulher, dos três filhos que meus pais tiveram. Passei os primeiros anos da minha infância morando num acampamento operário no alto de um morro, numa área de Mata Atlântica na região do Vale do Ribeira, localizada na periferia do município de Juquiá-SP. O bairro era chamado de Alecrim, em alusão à Usina Hidrelétrica Alecrim, onde meu pai trabalhava como topógrafo na construção de barragens para o Grupo Votorantim.

Nossa casa era de madeira com piso de lajota vermelho bem brilhante. Recordo-me de meus joelhos, mãos e pés vermelhos da cera que minha mãe usava na varanda e na cozinha, por onde eu me arrastava, engatinhava e dei meus primeiros passos.

Minha mãe conta que eu era a mais arteira dos irmãos e que uma vez fui brincar fora da casa e caí dentro de uma daquelas caixas coletoras de água de chuva (boca de lobo). Ao me ver lá embaixo, minha mãe narra que tentou me pegar e acabou caindo também, restou a ela esperar os homens voltarem da obra para nos retirarem de lá.

Éramos três famílias morando naquele morro, em três casas idênticas, totalizando 8 crianças que se reuniam diariamente para brincar ao ar livre. Lembro-me de descer e subir os morros com os pés descalços, carregar diversos torrões de terra nos bolsos, subir nas goiabeiras plantada nos quintais das casas; quintais onde nos refrescávamos durante os dias mais quentes, quando usávamos os tanques artificiais de criação de peixes como se fossem nossas piscinas. As casas não

tinham muros, algumas tinham cercas de madeira para impedir o acesso ao barranco.

Era um lugar tranquilo. Não sei como as notícias chegavam, porque os televisores não funcionavam, não tínhamos telefone, e eu não me recordo de ouvir rádio.

As nossas mães tinham o costume de gritar para se comunicarem com as outras mães que moravam nos outros dois morros, que pertenciam ao mesmo acampamento operário. Quando eu ouvia as mães conversando-gritando, já sabia que teríamos visitas logo mais. No final da tarde, chegavam outras crianças para se juntarem a nós, as famílias traziam os filhos e montavam mesas no pátio para o lanche da tarde regado à limonada e chá (açúcar queimado, cravo e canela com casca de maçã ou laranja ou limão) acompanhado de quitutes caseiros (biscoitos, bolos, pizza e pães) que comíamos entre uma corrida e outra.

A brincadeira ao ar livre só acabava quando nossos pais chegavam da obra e nos recolhíamos cada um em sua casa para a rotina de banho, jantar e sono. Eu dormia cedo, enquanto meu irmão mais velho, Humberto, e meu pai escolhiam figuras nas revistas, geralmente carros e caminhões, colavam em papelões e confeccionavam quebra-cabeças.

Recordo-me que, nas brincadeiras fora de casa, só tínhamos supervisão de algum adulto quando recebíamos a visita da minha avó materna, a batchan<sup>3</sup> Hisa. Era quando podíamos extrapolar os limites do topo de morro e adentrar na floresta, em busca de cursos d'água que nos conduziam às nascentes, para tomarmos água nos copos de taioba que minha avó preparava para nós.

Na volta para casa, batchan nos mostrava as palmeiras que produzem os palmitos “bons pra comer” e contava sobre a infância dela trabalhando na roça; falava sobre a vontade que ela tinha, desde criança, de poder estudar e aprender a ler, porém não era permitido, porque precisavam trabalhar na colheita de algodão na região de Londrina, no Paraná.

Foi quando comecei a ter curiosidade a respeito da escola e a realizar a associação entre a escola e “aprender algo novo”. Passei a perguntar quando eu poderia “ir pra escola”. Eu queria aprender a ler para ler para a vó Hisa.

---

<sup>3</sup> Batchan, em japonês, significa avó. Minha mãe é filha de imigrantes japoneses que chegaram ao Brasil em momentos distintos, mas ambos de famílias pobres camponesas buscando oportunidades de trabalho nas áreas de plantações nas regiões de São Paulo e Paraná.

A pré-escola ficava numa vila na proximidade, mas eu não frequentei, porque só podiam ser matriculadas crianças a partir de 6 anos de idade. Lembro-me que o meu desejo de estudar e aprender a ler era tanto que eu pegava embalagens, reconhecia algumas vogais e imaginava que estava lendo, e eu “lia” em voz alta e assim eu “ensinava” a batchan a ler.

O combinado dos meus pais era que assim que o primeiro filho completasse a idade escolar, a gente viria embora para Sorocaba, o que ocorreu quando meu irmão mais velho completou sete anos. Eu tinha cinco na época.

A casa onde cresci é a mesma onde meus pais vivem, ainda hoje, em Sorocaba-SP, no Jardim Iguatemi. A casa era bem pequena, praticamente dormíamos todos no mesmo cômodo; antigamente tinha um grande quintal onde meu avô materno ia todos os dias para trabalhar no cultivo de uma horta (atualmente foram construídos outros cômodos nessa área e a casa não possui mais quintal). De todos os meus primos e meus irmãos, eu era a mais interessada em ficar em ficar ali, na horta, com ele. Era uma alegria ver as plantinhas germinando, fazer o raleamento, tirar o mato, colher aquelas que já estavam no tempo da colheita.

Conheci os ciclos de alguns alimentos plantados na horta do quintal através dos ensinamento do meu avô Chuya, os que eu me recordo são: moranguinho, café, feijão, vagem, couve, abóbora, abobrinha, quiabo, vários tipos de alface, rabanete, beterraba, cenoura, maracujá, mandioca, chuchu, nigagori (como é chamado no Japão o melão de São Caetano), hortelã, babosa, erva cidreira, cebolinha, salsinha, mamoeiros, tinha um pé de romã e um limoeiro também.

Todas aquelas plantas formavam uma floresta numa arquitetura em várias alturas, e foi onde me aventurei na minha segunda floresta, uma floresta comestível. Lembro do sabor destes alimentos; minha mãe preparava e fazia questão de dizer o que vinha da horta. A produção era abundante e frequentemente distribuíamos aos vizinhos e parentes.

Desde essa época, nossa relação com a vizinhança é bem próxima. Por diversas vezes, nos reuníamos nas casas de colegas para brincarmos. Não me recordo exatamente quantas crianças moravam na mesma rua, creio que éramos mais de vinte. As brincadeiras de rua eram: andar de bicicleta, esconde, taco, alerta, entre outras brincadeiras de correr. Dentro de casa jogávamos videogame na casa do Rafael, nadávamos na piscina de lona de dois mil litros na casa da Gabi,

brincávamos de esconderijo na casa do André, de escolinha na casa da Patrícia e de casinha na minha casa (casa dos meus pais).

Nossa casinha era no fundo da horta. Lá o meu avô construiu uma estrutura de madeira no formato de um cômodo e com um telado de arame na cobertura. Plantamos nigagori e maracujá na base de cada uma das colunas de sustentação e esticamos arames para que as trepadeiras fechassem a lateral, nasceram também cordas de viola, de onde floresceram delicadas flores azuis que compunham nossa parede comestível. Era onde eu, meu irmão mais novo e nossos amigos nos reuníamos para brincarmos de casinha, no chão batido varrido com a vassoura de piaçava confeccionada pelo meu vô. Tirávamos as comidinhas diretamente da horta e vez ou outra ganhávamos umas letrinhas de macarrão para completar o cardápio. Depois do “almoço”, a casinha se tornava escolinha e seguíamos brincando até o entardecer.

Fiquei muito feliz quando comecei a frequentar a pré-escola, chamávamos de parquinho o antigo PENSO 40 (Pré-Escola de Sorocaba), hoje chamada CEI (Centro de Educação Infantil). Dessa época, o que eu mais lembro é dos ensaios de dança, festas e brincadeiras. Lembro que eu gostava de fazer algumas atividades com massinha e de subir na gaiola para ficar de ponta cabeça.

Eu me adaptei à pré-escola com bastante facilidade, acordava bem animada, antes do horário e adorava a escola, o “parquinho”.

Era meu avô quem me levava e ia me buscar no PENSO. Ele tinha dificuldade em me reconhecer quando eu participava de alguma festividade em que eu me caracterizava, como na semana do folclore, que me pintaram de preto ou no dia do índio. Meu avô dizia não ter graça essas “brincadeiras”, sempre questionava: “pra que esse?” e eu me divertia quando ele ficava na dúvida se realmente era eu que grudava nele para irmos embora.

Meu avô dizia que escola é pra aprender e não pra fazer essas “brincadeiras” que “não serviam pra nada”. Eu nem me preocupava porque sempre ouvia minha mãe dizendo que no “parquinho” era pra me divertir mesmo e que na escola primária eu iria aprender a ler e a escrever.

Quando completei sete anos, comecei a estudar na Escola Estadual de Primeiro Grau Antônia Luccesi, no Jardim Iguatemi, umas nove ou dez quadras da casa onde eu morava. A minha expectativa era imensa, e fiquei encantada com o material escolar: o xadrez das capas dos cadernos e dos livros combinando com o

xadrez do laço no meu cabelo. Após o primeiro dia de aula, eu cheguei em casa pisando duro, brava e dizendo que não tinha gostado da escola porque não tinha aprendido nem a ler nem a escrever.

Eu gostava da sensação de liberdade de poder ir e voltar com os amigos da rua para a escola. Gostava de poder comprar salgadinhos e balas com o meu dinheiro, que eu e meus irmãos ganhávamos na venda de jornal para o bananeiro na feira. Eu e meu irmão mais novo arrecadávamos os jornais pedindo na vizinhança; meu pai nos ensinou a abrir os jornais e juntar as pontinhas até formar uma pilha, depois enrolar bem firme e prender com sisal.

Todo sábado tinha feira no bairro, nós chegávamos cedinho e perguntávamos se iriam precisar de jornal, se precisassem, a gente ia correndo para casa e meu pai ajudava a levar os fardos e conferir as moedas.

Nessa época, meu pai tinha desistido de trabalhar como responsável agrimensor e topógrafo nas barragens da Companhia Brasileira de Alumínio, ele pediu demissão porque dizia estar difícil passar a semana longe da família. Então passávamos mais tempo junto com meu pai. Minha mãe revendia semi-jóias, langeries e o que surgisse como oportunidade de conseguir uma renda para a família. E começou a trabalhar como professora eventual nas escolas estaduais Enéas Proença de Arruda e Antonia Lucceshi, além de trabalhar à noite no projeto Pró Vida com alfabetização de jovens e adultos no Bairro Jardim Nova Esperança.

Passado um tempo, estava difícil para meu pai conseguir recolocação no mercado na mesma função, então começou a trabalhar como representante comercial; ele vendia produtos para serralherias. Como minha mãe também precisou voltar a trabalhar fora de casa, a ordem era que ficássemos em casa esperando um adulto chegar. Tínhamos 5, 8 e 9 anos.

Eu levava meu irmão mais novo no PENSO 40, organizava almoço, almoçava e ia para a escola. À tarde, meu pai escolhia um dos filhos para sair com ele.

Meu pai passava a tarde toda fora, numa época em que não existia celular. Os clientes ligavam no telefone fixo, e eu ou meu irmão mais velho atendíamos o telefone, e a cada recado anotado recebíamos 15 centavos. Nessa época, era o valor de um doce. Assim que os clientes do meu pai souberam, passaram a ligar praticamente todos os dias para nos ajudar a encher os cofrinhos.

À noite, eu, meus irmãos e meu pai organizávamos o jantar, jantávamos e tentávamos convencer meu pai a nos levar para buscar nossa mãe na escola, mas

difícilmente ele concordava. O bairro era considerado um dos mais perigosos de Sorocaba. Anos depois fui entender que minha mãe trabalhava sob a proteção de alguns traficantes de Sorocaba, porque era professora de suas mães ou irmãos.

Minha mãe passou no concurso da prefeitura e conseguiu reduzir a carga de trabalho para dois períodos por dia. Meu irmão mais novo, Luiz Henrique, passou a ter problemas de saúde, necessitando de acompanhamento de médicos em diferentes especialidades.

Logo minha mãe foi chamada num concurso da Nossa Caixa Nosso Banco e assumiu a vaga para ser atendente de caixa. Foi uma escolha difícil porque ela se dizia realizada como professora. A decisão pelo trabalho no banco foi baseada no convênio médico oferecido, que poderia fazer a diferença no tratamento de saúde do meu irmão.

Nessa época, tive que mudar de escola. Por indicação de uma colega de trabalho da minha mãe, fui estudar sozinha (sem meus irmãos) na Escola Estadual Genésio Machado, que ficava nas proximidades do banco onde minha mãe trabalhava, assim meu pai levava minha mãe para trabalhar e me deixava na escola.

Foi uma época estranha. Eu tive facilidade em entender a separação dos conteúdos e das disciplinas (que eram chamadas de matérias) e passei a gostar ainda mais de estudar, me adaptei à rotina de uma escola maior, com diversos professores, porém sofri segregação porque os colegas associavam o fato de o meu pai me levar de carro na escola a eu pertencer a uma classe social privilegiada. Eu tinha mais ou menos 11 anos e não entendia muito bem, passei a pensar antes de iniciar uma aproximação com crianças da minha idade porque temia ser rejeitada.

Também foi quando tive problemas com meu pai. Frequentemente algum professor faltava, a escola era aberta e eu costumava acompanhar alguns estudantes e ir ao Centro de Convivência, que era vizinho da escola. Lá jogávamos vôlei e foi onde comecei a fazer novas amizades na nova escola.

Mas meu pai me proibiu de sair da escola e não acreditava que realmente eu tivesse todas aquelas aulas vagas, dizia que a praça era local de reunião para pessoas desocupadas. Percebi então que meu pai começou a rondar a escola, e isso me incomodava imensamente.

Foi quando, nas aulas vagas, eu me recolhi numa terceira floresta: sozinha, na margem da quadra poliesportiva, embaixo dos pinheiros. Passei a me interessar por poesia. Passava as aulas vagas lendo; enxergava beleza nos versos tristes de

Álvares de Azevedo (1988; 1996), uma certa graça nas metáforas de Augusto dos Anjos (1998) e me via voando para além desse mundo como “*Fernão Capelo Gaivota*”, de Richard Bach (1970).

Os livros de Álvares de Azevedo eu consegui na biblioteca da escola, curiosa por conta de uma menção ao ultrarromantismo num livro didático de literatura que meu irmão mais velho ganhou para estudar na escola municipal, ingenuamente pensei que se tratava de amor romântico, mais do que romântico, “ultra” romântico. No início da leitura achei tudo muito complicado, o autor fazia diversas referências à Shakespeare e trazia uma literatura pesada, com narrativas onde os personagens se envolviam com alcoolismo, incesto e homicídios; com o passar do tempo eu entendia parte do que lia e anotava palavras que eram novas para mim.

O livro “*Eu*” de Augusto dos Anjos eu emprestei de um vizinho, irmão mais velho de uma amiga, que se dizia gótico. O que mais me atraiu na leitura foi a menção de elementos químicos e de conceitos de biologia nas poesias, o poeta citava diversas doenças e suplicava pela morte (ANJOS, 1998).

Já o livro “*A história de Fernão Capelo Gaivota*” eu encontrei numa estante da minha tia Teresa, irmã mais velha da minha mãe. A cada leitura que eu fazia, ganhava algum novo significado, em algum momento da minha vida me conduziu à processos de auto aceitação, superação e significação de vida. Este livro me auxiliou em processos de superação, perdão e, assim como diversas obras de Paulo Freire, é minha referência de amor pelo aprendizado e alegria para ensinar algo novo. Entre os anos 2001 e 2003 eu tive um reencontro com este livro, conheci um sebo na cidade de Araras, interior de São Paulo, e passei a presentear as pessoas com este livro.

Também li, sob a sombra dos pinheiros, uns três ou quatro romances juvenis por escritos por Álvaro Cardoso Gomes (1986, 1988, 1994), na seguinte sequência: “A Hora do Amor”, “A Hora da Luta” e “Amor e Cuba Libre”. Lembro-me de me identificar com a seguinte frase: “A gente não magoa as pessoas que nos são indiferentes, mas só aquelas que nos tocam profundamente o coração.” (GOMES, 1986, p.79).

Assim como nos livros, a minha vida também estava atravessada com questões familiares e escolares, repleta e dúvidas e conflitos.

Frequentemente aconteciam brigas entre meninas no horário da saída da escola, presenciei uma colega apanhar muito e não queria mais estar naquele lugar.

Nessa época também conheci meninas que diziam que não tinham pai, meninas que namoravam rapazes mais velhos, meninas que podiam dormir fora de casa, bebiam cerveja e pinga, e que fumavam. Uma destas meninas passou a ser minha amiga e me contava coisas sobre a vida que levava.

Minha mãe percebeu que algo não estava bem, ela dizia que eu estava “arredia”, eu sequer sabia o que isso significava. Foi quando ela conseguiu mudar o período em que eu estudava e passei a pegar ônibus pela manhã, bem cedo, para ir para a escola. Durante o inverno, era escuro e frio, mas eu gostei mais de estudar pela manhã.

Na primeira semana fui acolhida pelos diversos grupos de meninas. Um deles era chamado de “D’ Laranja’s”, eram as iniciais dos nomes das meninas: Denise, Lígia, Angélica, Zíbia, Amanda Leite, Noemi, Heloíse, Amanda Albertini e Sílvia. Eu admirava a vaidade, a popularidade, a forma de se expressarem com diminutivos e o gosto delas por moda, filmes e pelos estudos.

Conheci meninas que faziam coleção de canetas coloridas, blocos de recados, meninas que passavam batom escuro e pintavam os olhos para irem à aula, namoravam, se reuniam no final de semana para ouvir música, tomar banho de piscina e fazer marca de sol e saíam para baladas (Factory Music, uma casa noturna de Sorocaba, na época, que oferecia matinês aos domingos para o público adolescente).

Mais um motivo para os conflitos com o meu pai, enquanto a mãe sofria com dores pelo corpo e se demonstrava descontente com o trabalho no banco.

Eu tentava ajudar trabalhando na loja que ela havia montado na sala da nossa casa, onde vendíamos presentes e artigos de papelaria, atendíamos as listas de material escolar completas dos filhos dos funcionários do banco e de alguns vizinhos; eu encapava livros e cadernos.

Meu pai foi sempre muito rigoroso com os três filhos, ele não era de conversa. Na minha infância, sempre fui muito obediente; na adolescência, eu buscava formas de driblar as normas que ele impunha, principalmente para poder participar dos encontros com o grupo de voluntários e fazer outras coisas que para ele não seriam boas para mim.

Eu pensava em sair de casa sem criar grandes conflitos entre meu pai e minha mãe; comecei a perceber que estudar e trabalhar era uma oportunidade. Inicialmente, não sabia qual curso de graduação iria escolher; afinal, essa escolha

significa um direcionamento profissional e quase sempre a decisão se dá com bastante pressão na pouca idade que temos para isso. Na realidade que vivia, a formatura de Ensino Médio quase sempre sinalizava o final do ciclo educacional.

Uma das influências que tive se remete ao meu irmão mais velho, que fez um curso de teatro, no Ensino Médio, com o professor Fernando Lomardo. Recordo-me que quando fui assistir a peça que haviam montado, fiquei fascinada e logo queria também poder fazer aquilo. Meu irmão sempre fora bastante sério, fechado em si mesmo, mas quando o vi em cena, parecia uma outra pessoa, havia se transformado: estava receptivo, em sintonia com várias outras pessoas que compunham as cenas. Quis isso para mim também, fazer o curso de Artes Cênicas.

Porém, quando falei para o meu pai, eu deveria estar na sétima ou oitava série do Ensino Fundamental, foi primeira de muitas negativas. Ainda havia uma ideia de que artistas eram vagabundos, e meu pai dizia que não queria sustentar vagabundo.

Para cursar o 1º colegial, hoje primeiro ano do Ensino Médio, participei de um sorteio bastante concorrido para estudar na Escola Municipal Flávio de Souza Nogueira. Não fui sorteada. Parte das meninas do grupo D' Laranja's conseguiram vaga na escola municipal, e outra parte continuou na escola estadual.

Na escola estadual quase não se falava em vestibular e eu buscava conversar com as pessoas mais velhas na tentativa de entender o processo seletivo e as escolhas, que a meu ver, definiriam minha futura profissão.

Vivenciei outras influências na escolha profissional: um amigo, que morava num bairro de elite, iniciou um curso técnico em prótese dentária e me contava a respeito das possibilidades e remuneração na área. Eu fiquei bastante entusiasmada com esse universo que se abriu. O curso técnico era num colégio particular, numa cidade distante quase 40km de Sorocaba. Liguei no colégio para saber a respeito do curso técnico e assim soube que ao valor da mensalidade, sem contar o material, era surreal. E meu pai também nem quis saber, achava perigoso eu viajar sozinha.

Coloquei na cabeça que eu seria dentista e, por intermédio de uma vizinha, comecei a trabalhar no consultório do dentista, no mesmo bairro onde morava, para cobrir suas férias. Além do atendimento aos pacientes e a limpeza do consultório, eu auxiliava durante as consultas, porém quando falei para minha família a respeito da minha intenção, mais uma vez meu pai rechaçou a ideia, pois afirmava que não

poderia pagar para montar um consultório, seria muito dispendioso. A tal escolha profissional ficava cada vez mais difícil.

Durante o Ensino Médio, participei do grupo de voluntários Cara e Coragem, da Secretaria Social e Cidadania de Sorocaba. Chamávamos de Caco e consistia em trabalhar as questões de prevenção de gravidez, combate às infecções sexualmente transmissíveis<sup>4</sup> e ao uso de drogas. Íamos às escolas para conversar com os estudantes sobre essas temáticas: adolescentes conversando com adolescentes. Eram bate-papos muito interessantes, pois não havia medo de perguntar e nós nos tratávamos como iguais.

Nem preciso dizer que meu pai não gostava que eu participasse do grupo. Primeiro porque as reuniões eram aos sábados e eu continuava trabalhando na loja da família, segundo porque meu pai dizia que o grupo incentivava a libertinagem.

Nessa época do Grupo Caco, eu conheci vários estudantes mais velhos que eu e que inclusive, estavam prestes a fazer o vestibular. Uma delas, uma vizinha do bairro, chamada Stela Maris, contou-me que iria prestar para agronomia e me interessei pelo curso e comecei a pesquisar sobre. Outros colegas do grupo Caco foram para a área da saúde: medicina, enfermagem e fisioterapia, inclusive, acabaram se mudando de Sorocaba para estudar.

Essa realidade de se mudar de Sorocaba para dar continuidade aos estudos após concluir o Ensino Médio era uma novidade para mim. Não era assim que acontecia com a maioria dos meus amigos da rua ou das escolas que frequentei.

No segundo ano do Ensino Médio, comecei a cursar o ensino técnico em informática na Escola Técnica Estadual Fernando Prestes, no período noturno, e finalmente fui sorteada e consegui uma vaga na Escola Municipal Flávio de Souza Nogueira pela manhã. Fiquei imensamente admirada com a escola municipal, reconhecia a dedicação dos professores, e minha intenção em prestar vestibular para agronomia ficava cada vez maior.

Continuei trabalhando a tarde no comércio familiar e, nos finais de semana, realizava o serviço de cobrança das comandas em atraso. Pela manhã, eu ficava na loja e à tarde realizava as ligações e ia nas casas do bairro para realizar os acertos de quem assim preferisse.

---

<sup>4</sup> Na época DSTs (Doenças Sexualmente Transmissíveis), mas por recomendação da OMS (Organização Mundial da Saúde), o Ministério da Saúde, pelo Decreto nº 8.901/2016 publicada no Diário Oficial da União em 11/11/2016, passa a utilizar a nova sigla ISTs (Infecções Sexualmente Transmissíveis (BRASIL, 2016).

No final do primeiro semestre daquele ano, 1998, fui prestar vestibular na UEL (Universidade Estadual de Londrina) e fui classificada para o curso de agronomia. Isso me possibilitou ser contemplada com uma bolsa de estudos no Colégio Objetivo para fazer o “terceirão” – o último ano do Ensino Médio com um cursinho integrado. Essa conquista implicaria ter que parar de trabalhar para poder me dedicar exclusivamente aos estudos.

Nessa época, minha avó paterna, Maria de Lourdes, já havia sido diagnosticada com Mal de Alzheimer e necessitava de muitos cuidados. Assim, fui morar com ela, eu tinha dezessete anos. Cursava o Ensino Médio de manhã e à tarde e à noite concluía o técnico em informática na escola técnica.

No Colégio Objetivo, acabei tendo dificuldades na área de Ciências Biológicas, e como já estava bastante convencida em fazer Engenharia Agrônômica, ficava preocupada, pois era o que mais se exigia nos vestibulares para essa área.

Como naquela época não havia universidades públicas em Sorocaba, iria prestar vestibular fora, e caso passasse, teria que mudar completamente a minha vida, indo viver sozinha em outra cidade.

O Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) tinha sido recentemente implantado com a proposta de avaliar a qualidade do Ensino Médio, mas ainda não funcionava para o vestibular (INEP, 2020). Nessa época, final dos anos 1990, eu prestei o vestibular da Fuvest para pleitear uma vaga na Universidade de São Paulo, na Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (ESALQ-USP), e na Universidade Federal de São Carlos, pela vaga no Centro de Ciências Agrárias (CCA-UFSCar).

Estudei a respeito dos cursos. Na ESALQ estaria numa das mais tradicionais universidades do país e no CCA estaria num curso relativamente novo, que poderia ter ênfase em Agroecologia. Optei em cursar Engenharia Agrônômica no CCA, por ser um curso novo, com proposta agroecológica, acreditei que não enfrentaria os mesmos problemas de machismo institucionalizado e naturalizado apresentados na ESALQ (CP BRASIL, 2015), em algum grau eu estava certa.

Os trotes e violência contra as mulheres ganharam espaço público no livro “*Universidades preconceitos e trotes*” (ALMEIDA JUNIOR; QUEDA, 2006), que narra com detalhes os rituais realizados dentro da universidade e na maioria das repúblicas estudantis, chamados de “brincadeiras” pelos grupos de veteranos, que humilhavam e violentavam os calouros com o pretexto de “integração”. Anos depois, foi lançado o livro “*A anatomia do trote universitário*” (ALMEIDA JUNIOR, 2011), que

vai além da descrição dos excessos cometidos entre grupos de estudantes e desvela o trote como ferramenta de controle institucional num jogo de poder e luta política que ameaça o exercício da democracia no ambiente universitário, lugar que deveria ser de acolhimento, aprendizado, reflexão e crescimento intelectual.

Cheguei a contactar o professor Antônio Ribeiro de Almeida Júnior quando eu estava concluindo o curso de graduação na UFSCar e participei da organização de um Seminário em Gestão Ambiental na ESALQ com os estudantes da primeira turma de Gestão Ambiental (USP-ESALQ). Eu tinha o intuito de trabalhar com este professor uma proposta de projeto para o Mestrado, porém, meses depois, me vi mais envolvida com uma possibilidade outra que surgiu: trabalhar em uma comunidade ribeirinha da Floresta Amazônica e morar no Mato Grosso – que será narrado mais adiante.

Em casa, apesar de meu pai continuar colocando uma série de impedimentos, como o fato de ainda não ter completado dezoito anos, ser mulher, e não ter responsabilidade para morar sozinha em outra cidade; minha mãe foi enfática de que eu iria sim fazer aquilo que havia escolhido. Mais tarde, soube que ele estava orgulhoso da minha conquista e comentava de peito estufado que sua filha iria estudar numa universidade pública e que de certa forma estaria realizando um sonho dele, o de cursar engenharia.

Hoje, fico pensando o quanto o primeiro contato com as florestas em Juquiá, antes dos seis anos de vida, e as atividades na floresta comestível do meu avô - que tanto me davam prazer e vontade de ajudá-lo - tiveram relação com essa escolha.

## **1.2 O choque no curso de Engenharia Agrônômica**

Como já escrevi anteriormente, a escolha pelo curso naquela faculdade foi influenciada pela ideia de que me oportunizaria a ênfase em Agroecologia. Mas chegando no CCA, percebi que o curso estava muito mais voltado para a produção extensiva, a fim de atender as demandas do mercado interno e externo, visando o lucro e condicionada aos interesses das grandes multinacionais, na exploração comercial dos solos e, conseqüentemente, dos trabalhadores e trabalhadoras.

Essa questão me pegou de uma forma que me desanimou. Sendo mulher e tendo tomado um caminho de pensamento outro, voltado para o desenvolvimento do ser humano e das demais existências, sem hierarquias, prezando a igualdade, a

democracia e os direitos fundamentais para uma vida vivível, mais responsável e preocupada com as questões ambientais, teria agora que enfrentar os cinco anos de formação.

### **1.3 Nasce a Leucena**

No Centro de Ciências Agrárias (CCA) da UFSCar, era comum cada estudante calouro receber um nome dos estudantes veteranos, comigo não foi diferente. Recebi do Biscate o apelido de Leucena, como fiquei conhecida por todos os estudantes do curso de Engenharia Agrônômica.

A explicação se deve ao nome da planta, a Leucena, uma espécie exótica, originária da América Central, e que foi introduzida, primeiro, no nordeste do Brasil, a fim de contribuir na alimentação das criações, e por se adaptar ao tipo de clima e solo. É uma espécie leguminosa que retira o nitrogênio do ar e, com a ajuda de bactérias nitrificantes que suas raízes possuem, produz adubo para si mesma, inclusive contribuindo para deixar o solo mais fértil para o desenvolvimento de outras plantas, caso seja feito o seu manejo, pois se as deixamos sem manejo, elas se espalham e impedem que outras espécies possam se desenvolver ao seu redor. Por suas características e por se espalhar rapidamente, ela se tornou comum em todas as regiões do Brasil. É bastante perceptível em áreas que margeiam rios, como em Piracicaba e até mesmo em Sorocaba, interior de São Paulo. Eu e o Cóiow, que estudava Gestão Ambiental da ESALQ, chamávamos de mata “leuciliar”, ao invés de ciliar, a vegetação ao longo das margens do Rio Piracicaba.

O apelido fazia todo o sentido, pois, ao chegar no CCA, em Araras, havia dois departamentos principais: o Departamento de Biotecnologia Vegetal (DBV) e o Departamento de Agroindústria (DTAISER). Cada departamento tinha suas especificidades e estavam ligados a várias instituições.

Como sempre fui uma pessoa curiosa e cheia de vontade de aprender, não me contentei em ter que escolher um dos dois departamentos e, de certa forma, acabei me envolvendo com ambos.

No primeiro ano, eu estava no Departamento de Agroindústria, trabalhando com a produção do cogumelo shitake, num experimento que comparava a produção de cogumelo feita de maneira tradicional, ou seja, o cultivo em toras de eucalipto tratado, com a produção em sacos de celofane autoclaváveis, com um substrato de

serragem de madeira. O objetivo era não só analisar a produtividade do shitake, mas refletir sobre o uso dos produtos empregados na produção e a questão ambiental.

Já no Departamento de Biotecnologia, passei a trabalhar no controle biológico de insetos. Analisava os agentes que, crescendo em desequilíbrio, poderiam causar danos para a agricultura. Estudei a *Ceratitidis capitata*, a mosca das frutas, uma das principais responsáveis pelas perdas na área de citricultura. E, nesse caso, a pesquisa estava sempre voltada para uma commodity e recebia apoio do Centro de Citricultura, com o intuito de que desenvolvêssemos formas de controlar os danos causados pelas moscas das frutas na produção de laranja.

Também desenvolvi, em relação à extensão rural, um trabalho na Associação Jequitibá de Agroecologia, assunto que vou desenvolver mais adiante.

“Prazer, eu sou a Leucena!” Cheguei, e fui me espalhando por onde podia, assim pude construir um conhecimento a partir da observação de cada departamento, me adaptando aos seus objetivos, mesmo sendo diferentes e até mesmo contraditórios, para o desenvolvimento da profissional que vim a me tornar.

#### **1.4 Uma história de Gaia**

O único curso que existia no Centro de Ciências Agrárias da UFSCar era Engenharia Agrônoma. Entrei na oitava turma, no ano de 2000, e, em 2001, juntamente com a Saúva e a Picolé, duas colegas de turma, começamos a conversar com o propósito de fundar uma república feminina, o que facilitaria a nossa vida.

O nome para a república foi escolhido por votação. Gaia, nome que se refere à teoria de James Lovelock (2006), e também faz alusão à deusa grega, Gaia, mãe de todos os seres vivos, a Patchamama – do quíchua Pacha: "universo", "mundo", "tempo", "lugar", e Mama: "mãe", "Mãe Terra" – mãe de todos, a deusa Terra.

A Teoria de Gaia (LOVELOCK, 2006), defende que o planeta Terra, ou Gaia, é um super organismo vivo que se autorregula, capaz de manter a homeostase a partir da energia que recebe e assim regular a temperatura, eliminar detritos, regular a composição de gases presentes na atmosfera, dando condições de sobrevivência para formação de diversos biomas, macro e microrganismos que controlam, com suas interações, a vida deste super organismo Gaia (LOVELOCK, 2006, 2007; TOMPSON et al. 2011).

Imaginávamos que nosso funcionamento, como moradoras da Gaia, seria como organismos que se organizam na manutenção da homeostase, isto é, do bem estar interno do nosso novo lar.

A república existe até hoje. É a mais antiga república feminina da UFSCar-Araras, pois nunca houve interrupção. Na época, nos destacávamos pelas participações em eventos estudantis e campeonatos, e festas da cidade e região.

Com as minhas amigas da República Gaia, criamos uma rede de apoio, de colaboração, de amizade que perdura até hoje, quase vinte anos desde que nos conhecemos. Estamos sempre conectadas e prontas a dar auxílio e a acompanhar o projeto de vida e profissional de cada uma. Algumas estão nos Estados Unidos, outras continuam vivendo na região de Araras mesmo, a maioria construiu família e tem filhos. Sempre que possível, criamos eventos das ex-moradoras, onde podemos matar a saudade e colocar o papo em dia. Gaia sempre foi importante para nós, era um local de acolhida, de construção de vivência coletiva e enfrentamento de problemas, como qualquer outro espaço que reúne pessoas diversas.

Assim como na Teoria de Gaia, era necessária mobilização espontânea ou induzida por hábitos de sobrevivência pós-catástrofe, para que se mantivesse sustentável a convivência.

### **1.5 A Associação Jequitibá de Agroecologia**

Meu colega Biscate, o que me nomeou Leucena, foi responsável também por me apresentar ao grupo que se dedicava a agroecologia e que posteriormente, fundou uma associação de agroecologia – a Associação Jequitibá de Agroecologia – que tinha por objetivo desenvolver um trabalho junto à comunidade local e promover oficinas nas escolas.

As reuniões aconteciam após as últimas aulas do dia, em salas de aulas desocupadas. Eu me interessei pelo estudo de agroecologia e pelas práticas, que incluíam a organização de eventos e oficinas no Assentamento Rural de Araras e em escolas públicas do município.

A criação da associação foi devido à necessidade que o grupo sentiu de se organizar num formato que pudesse legitimar as práticas realizadas fora da

universidade. Essas atividades desenvolvidas estavam além do que se atribui a um grupo de estudos.

Assim nasceu a AJA! – Associação Jequitibá de Agroecologia e nosso trabalho foi marcante naquele momento. Desenvolvemos ações em parceria com a prefeitura do município de Araras. Para a “Semana do Meio Ambiente”, diversas atividades foram pensadas e oferecidas pela associação, desde oficinas de Lian Gong (uma prática corporal oriental), Tai chi chuan, plantios de mudas de árvores nativas, como rodas de conversa sobre uma educação ambiental libertadora, como apoio para o “processo de transformação social e ambiental” (BACCI; CHAGAS, 2009, p.19).

A partir do evento, que passou a fazer parte do calendário oficial da cidade, a parceria entre a AJA! e o poder público local se fortaleceu. Em cada lugar por onde passávamos conversávamos a respeito das práticas agroecológicas em contraposição aos moldes impostos pela revolução verde pós 2ª Guerra Mundial e que perduram até hoje no modelo convencional de agricultura.

Era chamada de Revolução Verde a orientação tecnicista iniciada no Brasil a partir da década de 60, que orientou a pesquisa para o desenvolvimento de sistemas de produção agrícola que incorporassem os pacotes tecnológicos baseados no uso de adubos sintéticos, agrotóxicos e desenvolvimento de novas sementes (MOREIRA, 2000).

Além dos problemas ambientais, testemunhamos um agravamento nas disparidades sociais e intensificação dos problemas associadas ao “modelo concentrador e excludente da modernização tecnológica da agricultura brasileira, socialmente injusto” (MOREIRA, 2000, p.45), atrelado ao sistema capitalista de produção.

Ana Maria Primavesi é uma autora que me influencia, bastante reconhecida até na agricultura convencional, uma de suas obras, o livro “Manejo ecológico dos solos: A agricultura em regiões tropicais” é bibliografia obrigatória nas disciplinas sobre solos dos cursos de agronomia por todo o Brasil (PRIMAVESI, 2002).

Ana Maria Primavesi foi a pioneira a abordar solos, plantas, adubação, produção, microbiologia do solo com conexão entre processos físicos, químicos e biológicos, “numa dinâmica muito diferente do que se ensinava nas Universidades, que preconizavam o uso intensivo de insumos, adubos minerais e tecnologias que

davam prioridade à produção, não ao processo, que é a dinâmica entre os sistemas” (KNABBEN, 2017, p.388).

Como toda precursora, Ana Maria Primavesi também enfrentou resistências, nem sempre a teoria do solo vivo (PRIMAVESI, 2002; 2016) foi bem aceita. Knabben (2017, p.387) narra que a Editora Agronômica Ceres se recusou a publicar o livro de Primavesi (1979) porque “fugia de qualquer padrão existente na época”, por seu conteúdo “revolucionário”, como eles mesmos definiram. Assim, Primavesi enviou o manuscrito para os professores mais famosos do Brasil: Eurípedes Malavolta, Guido Ranzani e outros, e o parecer foi desanimador. O engenheiro agrônomo José Peres Romeiro, da Editora Ceres, pediu mais detalhamentos, o manuscrito passou de 250 para 550 páginas e a Editora continuou protelando a publicação.

Nessa época não havia mais nenhuma editora agronômica de peso e as chances de Ana conseguir publicar em outra editora eram quase nulas. Foi quando a Editora Nobel a procurou por estar buscando um livro agrícola que pudesse iniciar suas publicações nessa área (KANABBEN, 2017).

Kanabben (2017, p.388) conta que “o lançamento do livro foi um grande marco para a agroecologia no Brasil e no mundo” e “foi também um livro contra a corrente, já que se contrapunha à agricultura defendida pela Revolução Verde” (KANABBEN, 2017, p.390).

Kanabben (2017) ressalta o valor da amizade, ao narrar a presença de “Lutzenberger que veio do Rio Grande do Sul e muitos outros vieram de Minas Gerais, Paraná, Goiânia, Pernambuco e do Ceará” para o lançamento do livro de Ana Maria Primavesi (1979): “contou com a presença dos amigos que mantiveram-se firmes em suas posições e ideais, e também na amizade”.

Também foi através da AJA! que conheci o trabalho do engenheiro agrônomo gaúcho José Lutzenberger, chamado carinhosamente de Lutz, foi um dos autores mais radicais em relação à questão dos transgênicos e seu combate, por se tratar de uma estratégia de produção das empresas multinacionais, ao visar a produtividade e o lucro, em detrimento do solo, da saúde das pessoas e das demais espécies que estão envolvidas nessa produção. Em seu trabalho, Lutz fez uma série de denúncias contra a contaminação das pessoas, contaminação dos rios, dos recursos hídricos em geral (LUTZENBERGER, 1980).

Ao mesmo tempo que Lutz era duro e firme com as palavras, com a AJA! conhecemos a poesia em algumas falas dele, como ao se referir ao planeta Terra

como Gaia, de uma forma poética e biológica, o que me encantou: “Há pouco tempo Gaia se olhou no espelho pela primeira vez. Células do seu cérebro a fotografaram da Lua. Ela se achou magnífica, azul, verde, diáfana.” (BACCI; CHAGAS, 2009, p.65), conforme a crônica publicada dia 06 de julho de 2002 no Opinião Jornal, em Araras, interior de São Paulo e reunido no Livro “O Jequitibá, caminhos percorridos em direção à sustentabilidade”, de autoria de dois membros da AJA!.

Para ele, Gaia, nome poético que a mitologia grega dava à deusa Terra, é um ser vivo. Os seres humanos são células, algumas cancerosas, de seu tecido nervoso.

“O planeta Terra é um ser vivo, um ente com identidade própria, o único de sua espécie que conhecemos. Se outras “gaias” existem no Universo, nesta ou em outras galáxias, serão todas coerentes. Um ser vivo tão destacado merece nome próprio” – justificou. Segundo ele (Lutzenberger), hoje é comum na visão científica a imagem da Terra como uma nave espacial. É uma figura na qual Terra é apenas o palco de vida e, para nós, humanos, não passa de recursos aproveitáveis. Mas a nave espacial engana. Uma nave tem passageiros. Em Gaia não há passageiros. Tudo é e todos somos Gaia.

Lutzenberger começava a explicar o conceito de Gaia pela interação. A relação profunda entre todos os elementos do planeta. Uma visão quase religiosa da Terra.

Atualmente, dizia, sobram biólogos, mas está cada vez mais difícil encontrar naturalistas. A diferença entre eles está na veneração. Para o naturalista a natureza não é um simples objeto de estudo e manipulação, “ela é algo divino e, nós humanos, somos apenas parte dela.” O naturalista procura a integração, a harmonia, a preservação, o esmero, a contemplação estética. No organismo de Gaia, nós humanos, individualmente somos apenas células de um de seus tecidos. Um tecido que hoje se apresenta canceroso, mas ainda tem cura, lembra. Já somos os olhos de Gaia. Hoje atravessamos um momento decisivo na vida de Gaia, profetiza o ecólogo. O homem, conhecendo demais, cego de orgulho e com gula incontável, desencadeou um processo de demolição nos processos de Gaia.

Com os olhos dos astronautas e nas imagens de satélites, Gaia, pela primeira vez, viu-se a si mesma em toda a sua singela beleza. Brancos véus espiralando, ora tapando, ora revelando o azul profundo dos oceanos, o amarelo dos desertos, as diferentes tonalidades de verde: ora confundindo-se com os pólos. Poucos, pouquíssimos, se dão conta do monumental, não somente em termos de história humana, mas em termos de história da vida,

que representa aquela primeira foto de Gaia, ou aquela outra Meia Gaia subindo solitária no firmamento, negro como piche, da Lua.

Este é um fato totalmente novo! Um momento decisivo na vida de Gaia. Uma situação faustina. Se continuar a cacofonia atual, o desastre será total para nós. Talvez nem tanto para Gaia, profetiza Lutzenberger. Gaia tem muitos recursos, tem muito tempo. Com novas formas de vida encontrará saída. Sobram-lhe ainda uns cinco bilhões de anos até que o Sol, em sua penúltima fase evolutiva, ao tornar-se "gigante-vermelho", venha a expandir-se até aqui antes de apagar-se lentamente. Gaia será reciclada nos gases incandescentes do Sol, assim como cada um de nós seremos reciclados no solo. (BACCI, 2002 apud BACCI; CHAGAS, 2009, p.65-67)

Lutz ainda teve um importante papel na divulgação da teoria da trofobiose, do biólogo francês Chaboussou (2006). A palavra trofobiose deriva do grego e significa existência de vida em função do alimento. Pereira (2016, p.279) afirma que: “para Lutz, a teoria da trofobiose era a prova científica do que o que o movimento pela agricultura ecológica defendia [...]: os parasitas e as doenças só atacam plantas em desequilíbrio metabólico.”

[...] o livro de Chaboussou era uma das melhores armas para o arsenal dos ambientalistas brasileiros. Ele representava um argumento com a chancela da ciência, vindo das pesquisas de um cientista francês; isso poderia conferir peso, autoridade e legitimidade muito maiores às lutas contra os pesticidas. Lutzenberger ficou extremamente entusiasmado com o livro e enviou cartas divulgando-o a todas as sociedades de agronomia brasileiras, órgãos oficiais de agricultura e escolas de agronomia. Também entrou em contato com o CNPq, que demonstrou interesse em traduzir a obra para o português. (PEREIRA, 2016, p.281)

O livro foi traduzido para língua portuguesa e “Plantas doentes pelo uso de agrotóxicos” (CHABOUSSOU, 2006) conclui que o uso de agrotóxicos inibe a síntese de algumas proteínas, o que ocasiona a presença de aminoácidos livres, causando uma desorganização em nível celular nas plantas, o que as torna atrativas para seus principais patógenos (fungos, bactérias e vírus) e insetos.

Embora no início da década de 80 Lutz tenha se empolgado com a descoberta científica que contrapunha os argumentos dos defensores da revolução verde, a teoria da trofobiose, considerada revolucionária, “ficou restrita aos

“integrantes dos movimentos sociais e marginais nos meios acadêmicos” (PEREIRA, 2016, p. 313).

Na AJA! ouvi falar pela primeira vez em agricultura biodinâmica, cujo principal autor é Rudolf Steiner (LANZ, 2005; STEINER 2003). Com a associação também visitei um bairro onde colocam em prática os ensinamentos de Steiner, em Botucatu-SP, onde conheci algumas propriedades que fazem uso deste tipo de agricultura.

Segundo Khatounian (2001), foi na Alemanha que se originou a química agrícola, pós Primeira Guerra Mundial, e foi também onde ocorreu a primeira reação contra tal prática em 1924, apresentada como agricultura biodinâmica por Rudolf Steiner.

Miklós (2019) apresenta a agricultura biodinâmica com origem na Antroposofia, materializada a partir dos questionamentos de camponeses no curso agrícola Fundamentação da Ciência do Espírito para a prosperidade da agricultura, ministrado em Koberwitz, em 1924, preocupados com os problemas ambientais e sociais surgidos após a Primeira Guerra Mundial.

Segundo Ávila (2000) são pontos essenciais da agricultura biodinâmica: estruturação da fazenda como um organismo integrado, diversificado, autossustentável; que os diversos setores se complementem mutuamente e que se construa um ciclo fechado de nutrientes, reduzindo-se a compra de insumos gradativamente, até que seja o mínimo.

Meus olhos brilhavam ao contemplar a possibilidade de uma agricultura camponesa independente, forte e diversificada. Foi nesse grupo que tomei ciência da importância da educação como ferramenta de construção de uma sociedade com equidade social e passei a me interessar cada dia mais por alguns autores que acompanham a minha trajetória de mulher, cidadã, profissional e política, até hoje.

Rudolf Steiner ainda aplicava seus conhecimentos em diversas áreas, como saúde, artes e educação, o que é destacado por Miklós (2019, p.74) os “princípios da agricultura biodinâmica são suficientemente abrangentes para proporcionar sua adequação às mais diferentes situações naturais, econômicas e sociais”.

Naquele momento, não pensava que existissem outros modos de ensinar e outros modos de aprender diferentes do tradicional no qual eu fui educada. O contato com pessoas que haviam estudado, ou que trabalhavam nas escolas Waldorf, me fizeram perceber que o estímulo que os estudantes recebem faz toda a

diferença e sua vivência dos ciclos de criação e autonomia, os faziam se reconhecer onde quer que estivessem.

Além de Rudolf Steiner, a associação permitiu um alargamento do meu arcabouço teórico, que vem me acompanhando ao longo de minha vida profissional e em minhas práticas pedagógicas.

Com a associação ainda pude conhecer os principais eventos relacionados à agroecologia e à educação ambiental. Foi também onde conheci um colega, que me apresentou o movimento estudantil.

## **1.6 Movimento Estudantil, Político e Social**

Foi através do colega Alex Kawakama, veterano do curso de Engenharia Agrônômica e que também participava do AJA! que me aproximei do movimento estudantil. Alex, apelidado de Sazon, era o único estudante da área de Ciências Agrárias da UFSCar envolvido com a Federação dos Estudantes de Agronomia do Brasil (FEAB), que inclusive, era o representante da Região Sete, que inclui todas as escolas de agronomia do Estado de São Paulo.

Em certa ocasião, ocorreu um imprevisto e ele não poderia participar de um curso de formação política coordenado pela FEAB, em parceria com a Confederação das Cooperativas de Reforma Agrária do Brasil (Concrab), e me convidou para representá-lo. Assim, passei o final das férias de julho de 2001 na cidade de Ibirité, Minas Gerais, num curso bastante intenso, com atividades das 6 horas da manhã até cerca das 11 horas da noite, durante 10 dias corridos, abordando conceitos e teorias econômicas como capital, mais valia, classes sociais, exploração e custo de produção e a relação com a política liberal nas relações de classe e produção agrícola.

A metodologia adotada foi a fundamentação teórica em leituras e aplicação dos conceitos em místicas sobre a práxis. Assim, partimos de situações cotidianas, das questões práticas que vivenciamos como produtores, técnicos ou outros sujeitos do diverso meio rural brasileiro. Nesse curso, lembro-me que tive aulas com João Pedro Stédile, Valdo Cavallet, Claus Germer e o Pardal da Concrab.

Embora tenha sido uma experiência valiosa, a metodologia e organização do curso, com esse ritmo acelerado para realizar a grande quantidade de atividades,

não permitiam que houvesse tempo para reflexão crítica e, conseqüentemente, maior apropriação dos conceitos desenvolvidos.

De Minas fui direto para Seropédica, Rio de Janeiro, para participar do curso de coordenadores do 44° CONEA – Congresso Nacional dos Estudantes de Agronomia, cujo tema, naquele ano era "A Educação Popular na Formação Profissional: Construindo e Unificando Lutas para a Transformação da Sociedade".

A principal bandeira do movimento estudantil era "Provão, na contramão da Educação" e a campanha da FEAB era "Agronomia zero no Provão" (Figura 01), pedindo que os egressos convocados para realizar a prova do Exame Nacional de Cursos, o chamado "provão", não respondessem nenhuma questão na prova como forma de contestar o ranking das universidades.

Um dos aprendizados no curso de formação política foi a mística, uma encenação bastante utilizada na educação do campo e incorporada à prática da FEAB. Segundo Mesquita (2003, p. 140), a mística é uma maneira mais "celebrativa" ou "reflexiva" de sensibilização onde são colocadas questões sociais e políticas que se passam na América Latina. Geralmente sobre a luta pela justiça social, representada por mártires, a luta pela terra e a construção de uma nova sociedade onde haja inclusão dos símbolos ou categorias do momento.

A realização da mística em seus encontros foi incorporada pelo movimento estudantil da FEAB através de sua intensa interlocução com os movimentos sociais do campo, em especial, com o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST. Este último, tem em seu repertório de ação coletiva, o momento da mística, herança da prática das comunidades eclesiais de base da igreja católica, um dos grupos fundadores do movimento. [...] a realização da mística no movimento tem sido essencial para a criação de uma forte identidade coletiva e coesão do grupo. A mística, apesar de ter sua dimensão reflexiva – e trazer à tona a história da trajetória do movimento – suas conquistas, desafios etc., trabalha muito mais a dimensão das emoções, dos sentimentos entre os participantes. (MESQUITA, 2003, p.140)

**Figura 1 - Mística “Provão, na contramão da educação”**



Fonte: Arquivo pessoal.

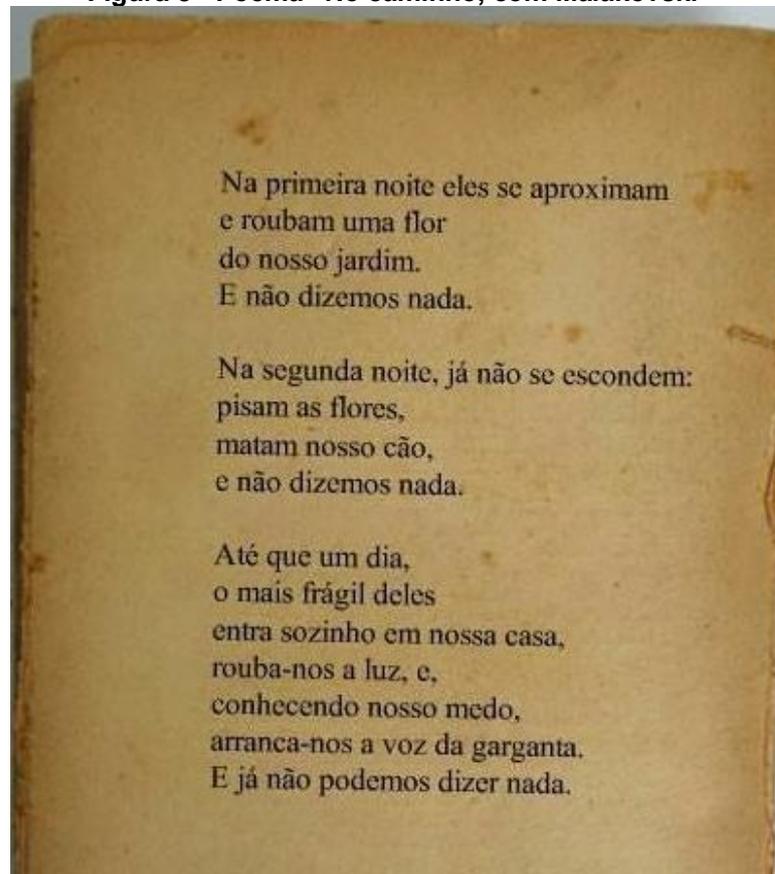
A cada grupo de estudo realizado, uma mística era organizada. Compusemos a mística “Replantaremos nossas flores e não nos calarão” (Figura 02) a partir da leitura de um poema de Eduardo Alves da Costa (Figura 03).

**Figura 2 - Mística “Replantaremos nossas flores e não nos calarão”**



Fonte: Arquivo pessoal.

**Figura 3 - Poema “No caminho, com Maiakóvski”**



Fonte: Arquivo pessoal.

Diferentemente do desfecho do poema “já não podemos dizer nada” (Figura 03), a mística se encerrou com tom de esperança ao devolver as flores e retirar as vendas dos olhos e das bocas das pessoas por onde um casal passava dançando com as bandeiras dos movimentos: FEAB e MST. Essa mística representou o poder da resistência, união, solidariedade, coragem, militância, alteridade e amizade diante dos enfrentamentos da época.

Outras místicas criticavam o modelo excludente e concentrador da forma como se deu a modernização agrícola no país. A figura 04 apresenta uma cena onde um jogo de xadrez é uma alegoria ao capitalismo na formação social brasileira, onde, de forma simplificada, as peças mais poderosas do tabuleiro são os latifundiários, banqueiros e empresários e os peões são representados pelos produtores e produtoras rurais.

A sustentação teórica que inspirou essa mística se baseou, entre outros autores, em Moreira (2000).

A elevada concentração da propriedade da terra e a desigual distribuição da propriedade dos recursos produtivos de origem industrial conformaram uma formação social capitalista no Brasil de forte exclusão social. Exclusão de massas significativas da população, não só do padrão de consumo e da qualidade de vida que se torna viável para estas elites e para as populações dos países avançados, mas também de condições mínimas adequadas de acesso à terra, ao trabalho, ao emprego, ao teto, à educação, à alimentação e à saúde. (MOREIRA, 2000, p.45)

Conscientes da opressão, cientes dos desafios em relação ao acesso à terra, educação, trabalho e saúde conscientes da opressão novamente a mensagem da mística é repleta de encorajamento para a militância, pois o desfecho é construído com a ajuda de pessoas com consciência de classe se unindo e realizando a ocupação no tabuleiro, representando que somos sujeitos da mudança para alcançarmos a justiça social no país, como ensina Paulo Freire “o modo de ser ou de transformar o mundo que caracteriza os homens.” (Freire, 2007, p. 30).

**Figura 4 - Mística “Xadrez capitalista”**

Fonte: Arquivo pessoal.

Além disso o CONEA propôs o trabalho de grupos de estudos e discussão com os temas: Movimentos Sociais Populares (MSPs) – que agregava diversos movimentos sociais: feministas, atingidos e atingidas por barragens e de trabalhadores e trabalhadoras rurais, Movimento Agroecológico, Formação Profissional e Universidade.

Nesse encontro, me aproximei da questão de gênero e reafirmei meu interesse pela Agroecologia, dessa vez com uma visão mais abrangente e envolvida com os aspectos políticos e sociais, além dos aspectos estritamente ecológicos que envolvem o Movimento Agroecológico.

Conheci integrantes da Via Campesina, um movimento internacional de organizações camponesas de pequenos agricultores e agricultoras, além de comunidades indígenas. É dito como movimento autônomo e pluralista, sem ligações com partidos políticos ou grupos econômicos, composto por diversas organizações da Europa, Ásia, África, América Central, América do Norte e Caribe, além da América do Sul, onde o movimento mais forte e conhecido e que busca a legitimação de posse das terras ociosas do Estado aos agricultores e agricultoras que não dispõem de meios de produção, o MST – Movimento dos Sem Terra. A Via

Campesina existe desde 1992 e, em 1993, foi realizada a 1ª Conferência da Via Campesina na Bélgica, ocasião em que se constitui como Organização Mundial (DESMARAIS, 2007).

Em novembro de 2001 participei do “I Encontro Nacional Universitário: A Terra e um Projeto para o Brasil”. Somaram-se 1500 estudantes, acampados no ginásio multidisciplinar da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Estavam presentes os palestrantes Augusto Boal, Fábio Comparato, José Arbex Júnior e, novamente, João Pedro Stédile. Os diálogos tiveram como temas: “a Terra e a história”, “A Terra e a economia”, “A Terra e a cultura”, a “A Terra e a mídia” e “A Terra e o Projeto para o Brasil”, com o objetivo de fortalecer o nosso compromisso, como universitários e militantes, por um Brasil popular, ou seja, um país à serviço da população.

A palavra Terra grafada com a letra T inicial maiúscula foi proposital e marcava uma escolha política para reforçar a importância da Terra em sua função humana e social. Scottini (2012) afirma que a Terra como propriedade e direito, sem estar atrelada às formas de produção, é uma criação do capitalismo, e a cultura confunde a Terra, com sua função humana e social, com o abstrato direito de propriedade, exclusivo e excludente. Ainda nessa linha de raciocínio, a referida autora coloca que não deveria existir propriedade privada em que a Terra não cumpre sua função social:

Por isso a função social é relativa ao bem e ao seu uso, e não ao direito. Neste sentido, a Constituição nos leva a certeza de que é protegida pela Constituição a propriedade que faz a terra cumprir sua função social, porque a ocupação que não a cumpre, por mais rentável que seja, incorre em ilegalidade [...] a terra, nos sistemas jurídicos do bem estar social deve cumprir uma função social que garanta os direitos dos trabalhadores, do meio ambiente e da fraternidade. (SCOTTINI, 2012, p. 1)

Ou seja, a Reforma Agrária é uma forma de assegurar que a Terra cumpra o papel assegurado pela Constituição brasileira, ir contra a Reforma Agrária é atestar uma posição contra vidas humanas.

Em 2002, a FEAB completou 30 anos com diversos eventos históricos e comemorativos, dentre os quais, o “45º CONEA – América Latina: nosso povo, nossa luta, nossa história”, realizado em Curitiba, Paraná, entre os dias 29 de outubro e 3 de novembro. As pautas reivindicatórias, além daquelas que vinham sendo trabalhadas anteriormente, foi acrescida à campanha de combate ao governo

Fernando Henrique Cardoso, contra suas inúmeras investidas a favor da privatização das Universidades.

Foi durante o 45º CONEA que recebemos o resultado das eleições presidenciais quando Lula venceu e se tornou o primeiro líder nacional sem diploma universitário, pernambucano. Pela primeira vez na história desse país tivemos um presidente de um partido de esquerda eleito!

Durante o 45º CONEA, foram ouvidas 700 vozes comemorando a vitória. Acreditávamos ser a nossa vitória, a vitória dos movimentos estudantis, dos movimentos operários, dos movimentos dos pequenos trabalhadores e pequenas trabalhadoras rurais, dos povos indígenas, das mulheres, do povo negro, dos marginalizados há séculos e negligenciados pelos governos anteriores.

E foi assim, ao som da música “*América Latina*” (ZANATTA e ALVES, 1988), durante o show ao vivo de Dante Ramon Ledesma, que nos demos as mãos, clamamos por nossa Terra, nosso povo e nossa história e festejamos a vitória de Lula eleito presidente do Brasil.

#### **América Latina**

Dante Ramon Ledesma

Talvez um dia, não mais existam aramados  
 E nem cancelas, nos limites da fronteira  
 Talvez um dia milhões de vozes se erguerão  
 Numa só voz, desde o mar as cordilheiras  
 A mão do índio, explorado, aniquilado  
 Do Camponês, mãos calejadas, e sem terra  
 Do peão rude que humilde anda changueando  
 É dos jovens, que sem saber morrem nas guerras  
 América Latina, Latina América  
 Amada América, de sangue e suor  
 Talvez um dia o gemido das masmorras  
 E o suor dos operários e mineiros  
 Vão se unir à voz dos fracos e oprimidos  
 E as cicatrizes de tantos guerrilheiros  
 Talvez um dia o silêncio dos covardes  
 Nos desperte da inconsciência deste sono  
 E o grito do sepé na voz do povo  
 Vai nos lembrar, que esta terra ainda tem dono  
 E as sesmarias, de campos e riquezas  
 Que se concentram nas mão de pouca gente  
 Serão lavradas pelo arado da justiça  
 De norte a sul, no Latino Continente

Em 2003, o 46º CONEA aconteceu na cidade de Vitória da Conquista, no sul da Bahia, com o tema “Agricultura: a via para garantir uma soberania alimentar duradoura e sustentável para todos os povos”. Cheguei em Vitória da Conquista de

carona, num ônibus fretado pela organização de estudantes de agronomia do Sudeste. Eu e Sazon fomos os únicos estudantes do CCA-UFSCar que estivemos presentes.

Estávamos vivenciando o primeiro ano do primeiro mandato do Governo Lula, eu estava em estado de alerta ao constatar que as novas alianças realizadas com os partidos políticos do centrão e da direita durante a campanha eleitoral em 2002 comprometeram alguns ministérios, inclusive com indicações de representantes ruralistas para o Ministério da Agricultura (FERNANDES, 2003).

Eu não conseguia estar otimista nem pessimista. Estava tentando entender o que cada medida ou indicação política poderia desencadear principalmente nas áreas de educação, tão precarizada no governo FHC, e na questão agrária - um universo que eu estava começando a desbravar e enxergar uma infinidade de desafios, como a concretização das “contradições do capitalismo” (MAZZUCHELLI, 2004).

Porém, de forma geral, o clima entre os estudantes do movimento estudantil era de extremo otimismo e euforia, tentei participar ativamente das discussões sobre a conjuntura nacional e captar ao máximo o que aquele momento poderia me ensinar. Anos mais tarde fui saber que alguns dos colegas mais entusiastas chegaram a trancar as matrículas em seus cursos de graduação para assumirem cargos no governo.

No último dia do CONEA um colega socializou um texto com uma sucinta análise dos primeiros meses de governo Lula, “Reforma Agrária no Governo Lula: a esperança” do professor, coordenador do Núcleo de Estudos, Pesquisas e Projetos de Reforma Agrária (NERA) Bernardo Mançano Fernandes, do Departamento de Geografia da Universidade Estadual de São Paulo (UNESP):

Embora a esperança seja de todos, a realidade não apresenta indicadores de muita confiança. Não há no Congresso Nacional uma conjunção de forças favoráveis à reforma agrária. Nos escalões do governo, parece-nos que existe muito mais uma proximidade política com o paradigma do capitalismo agrário do que para com o paradigma da questão agrária, de modo que a questão agrária pode ser tratada como problema inexistente, e ainda poderemos ouvir que o tempo da reforma agrária já passou. Se isso for fato, os assentamentos serão tratados como política compensatória e novamente os movimentos camponeses enfrentarão um enorme retrocesso na luta pela reforma agrária (FERNANDES, 2003, p.6).

A partir da referida análise juntamente com a minha breve leitura no campo das ciências sociais eu me senti imensamente impotente diante dos desafios enfrentados nas questões agrárias, ambientais e tudo que envolve os aspectos relacionados à manutenção da democracia plena e gozo de todos os direitos conquistados constitucionalmente por todos os cidadãos e cidadãs.

Reconheci a importância do movimento estudantil e de tudo que eu vivera até ali; passei a me interessar por leituras a respeito de “uma educação libertadora que contribua para formar a consciência crítica e estimular a participação responsável do indivíduo nos processos culturais, sociais, políticos e econômicos.” (Freire, 2008, p. 9)

Foi quando nesse CONEA ouvi relatos de estudantes a respeito de uma universidade no estado de Mato Grosso que fora projetada sem muros, e no seu plano de desenvolvimento institucional se referia à universidade “sem muros” para receber quilombolas, indígenas, assentados da reforma agrária e demais camponeses. Tratava-se da UNEMAT, a Universidade do Estado de Mato Grosso.

O Plano de Curso da Agronomia era composto por diversas disciplinas voltadas ao ensino de agroecologia, manejo ecológico de solos, de plantas espontâneas e de insetos fitófagos. Além de todas as abordagens que me chamaram atenção positivamente, lembro do entusiasmo diante da possibilidade do estudante de agronomia estabelecer uma relação com os pequenos produtores rurais por meio da prática no Estágio de Vivência, em que cada estudante teria a oportunidade de fazer uma imersão durante o convívio diário em uma das 990 famílias moradoras do Assentamento Antônio Conselheiro.

O Assentamento com 33 mil hectares e quase mil famílias, ocupa parte dos municípios de Tangará da Serra, Nova Olímpia e Barra do Bugres, localizados na região Médio Norte do Estado de Mato Grosso, na constituição de um dos maiores assentamentos rurais da América Latina. (CAMARGO e DALLA-NORA, 2019)

Foi assim que a agroecologia acabou me levando para o movimento estudantil, onde eu comecei a me envolver com os movimentos sociais e também com a questão de gênero.

Agora, em 2020, faço uma reconexão com a Associação Jequitibá de Agroecologia e essa trajetória narrada representa o rebrotar de um sentimento de (re)pertencimento à minha essência e descoberta de um autor que vem me

influenciando desde os anos 2000, porém só fui descobrir essa referência em minhas práticas cotidianas agora, após 20 anos.

A educação ambiental que praticávamos tem a influência de Marcos Reigota!  
Como descobri isso?

Nesse exercício de reviver, me apropriar da minha trajetória e me perceber sujeito da própria história durante a escrita da tese, comprei e li o livro “O Jequitibá, caminhos percorridos em direção à sustentabilidade – A Educação Ambiental como processos do viver!”, de autoria de Christian Bacci e Renato Luciani Chagas, colegas contemporâneos e fundadores da Associação Jequitibá de Agroecologia AJA!. Segue o trecho que me revelou como os ensinamentos de Marcos Reigota estiveram presentes na minha vida desde o início dos anos 2000:

“Na ampliação das nossas experiências pessoais e coletivas com os trabalhos desenvolvidos pela AJA! nos deparamos com a necessidade de transcender o papel de educandos e nos estabelecer, definitivamente, como educadores ambientais.

Com as ideias fervilhando, o contato com inúmeras pessoas de opiniões diversas, esboçamos algo que não era propriamente um curso de Educação Ambiental, tendo uma vocação maior para o que denominamos *Oficina*. Principalmente influenciados pelas ideias e análises de Marcos Reigota no seu livro *A Floresta e Escola*, e este, claramente influenciado por Oswald de Andrade no seu *O Manifesto Pau-Brasil*, decidimos que o nome das atividades que iríamos fomentar seria: ***Oficinas Pedagógicas – Conteúdos, ferramentas e propostas para uma Educação Ambiental pós-moderna.***

Em resumo, desejávamos desconstruir conceitos que cada pessoa traz como bagagem individual e tentar reconstruir estes conceitos agregando informações e outras formas de viver e pensar. Como toda nossa linguagem é composta de símbolos, foi a partir de imagens e sons que procuramos demonstrar estes caminhos.” (grifos dos autores) (BACCI; CHAGAS, 2009, p.43 e 44).

Foi uma surpresa e ao mesmo tempo um reencontro que talvez explique tamanha afinidade e essa sensação de que Marcos Reigota consegue traduzir, em suas obras, muito do que venho praticando, construindo conceitos que são muito próximos das constatações da minha própria práxis e nutrindo meu coração de esperança na construção de uma sociedade alicerçada nas relações sociais com empatia e solidariedade.

\*\*\*

A floresta ensina que as brisas sutis podem carregar pólen, a fecundação a partir do ar em movimento se chama anemofilia, é comum em plantas que apresentam flores pequenas e discretas, ou seja, flores que não possuem cores vibrantes, ou morfologia chamativa nem odor, desinteressantes para a fauna (insetos, pássaros, mamíferos), e que são altamente eficazes em carregar pólen e fecundar flores.

A chegada do pólen pode se fazer sem grandes alardes, a germinação também pode ocorrer lentamente, de forma espontânea, amena, suave..., sem a interferência de grandes seres, assim como perceber de uma forma natural e suave que a minha referência da educação ambiental pós-moderna, libertária, ética, com sua prática repleta de compromisso político e social, foi um grãozinho de pólen que chegou discreta e gentilmente há 20 anos, e encontrou recepção fértil em minha floresta.

### **1.7 Em busca da prática agroecológica e encaminhamento profissional**

Na primeira oportunidade que tive para conhecer a UNEMAT, me aventurei. Foi em 2004 e fui de carona prestar um concurso em Cuiabá. Organizei a agenda para conhecer a Universidade Federal de Mato Grosso, a UFMT, em Cuiabá e um dos Campi da UNEMAT, localizados no interior do estado.

No Centro Acadêmico do curso de Agronomia da UFMT, observei o cartaz da "I Conferência Internacional sobre Ensino Superior Indígena: Construindo Novos Paradigmas na Educação" que seria na UNEMAT, em Barra do Bugres e mais tarde, pude verificar que aquele Campus ofertava os cursos de Engenharia de Alimentos, Engenharia de Produção Agroindustrial, Arquitetura, Ciência da Computação, Licenciatura em Matemática e Direito; busquei informações sobre hospedagem em acampamento ou casa estudantil e organizei minha mochila para passar os próximos dias no referido evento.

Nessa época, existia o transporte intermunicipal realizado por vans da empresa Serra Turismo, e era possível marcar o horário da viagem por telefone e a van passava para buscar cada passageiro em sua respectiva residência. Assim, percorri, na Van da "SerraTur", cerca de 170 quilômetros da rodoviária de Cuiabá até a rodoviária de Barra do Bugres, num percurso que durou cerca de 4 horas.

Durante a viagem avistei diversas aves se alimentando dos grãos de soja nas extensas áreas de monoculturas que margeavam as estradas. Lembro-me da minha surpresa ao ver mais de vinte emas correndo nos campos em busca de alimentos e por vezes entravam na pista e atravessavam em direção aos veículos que ali trafegavam em alta velocidade.

Perplexa, eu assistia a cena... acompanhava as áreas com plantio de cana-de-açúcar e soja até onde os olhos conseguiam alcançar... Lembrava da minha ingênua expectativa de contemplar paisagens da aridez do Cerrado, passando pelas áreas de transição e alagados típicos do Pantanal até chegar à exuberância da Floresta Amazônica.

Refletia a respeito do território de Barra do Bugres ser composto por 70% do bioma Amazônia e 30% do bioma Cerrado (INPE, 2020) e o impacto gerado pela agricultura em larga escala, pecuária extensiva e extração ilegal de madeira.

Ao chegar na “I Conferência Internacional sobre Ensino Superior Indígena” era anunciado que o projeto, iniciado em 2001, chamado de “3º Grau Indígena”, que atendia cerca de 200 professores de mais de 10 estados brasileiros representantes de mais de 30 povos indígenas.

Durante um dos momentos de diálogo e troca de experiências duas professoras manifestaram curiosidade ao saber que eu tinha acabado de chegar de São Paulo, perguntaram a respeito da minha formação e minhas aspirações profissionais; me apresentaram ao coordenador de curso e fui convidada para atuar como docente. Recusei dizendo que eu teria que fazer o mestrado porque insistia em pensar que para ser professora numa universidade pública eu antes deveria ser mestre e doutora, pois assim foi a minha vivência no interior de São Paulo.

Eu me bloqueei nesse sentido, não conseguia realmente enxergar a possibilidade de ser professora universitária sendo recém formada em Engenharia Agrônômica.

Tão logo eu soube da oportunidade de exercer a docência na UNEMAT, fui buscar informações a respeito do mestrado. Soube do mestrado em Agricultura Tropical oferecido pela UFMT; recebi a indicação de conversar com o professor Rodrigo Aleixo Brito de Azevedo.

Em Cuiabá conheci o professor Rodrigo, que me apresentou o projeto Biodiesel Guariba, uma parceria firmada entre a UFMT e as Centrais Elétricas do Norte do Brasil S/A (Eletronorte) inscrito no programa governamental “Luz para

todos”, comprometido no fornecimento de energia elétrica a todas comunidades do país até o ano de 2008.

Fiquei bastante entusiasmada com a ideia de poder trabalhar em plena Floresta Amazônica, na única Reserva Extrativista (RESEX) do Estado de Mato Grosso, naquele projeto para produção de biodiesel como forma de gerar energia numa comunidade distante mais de 1.200km de Cuiabá.

Na época falava-se que o projeto estava orçado em alguns milhões de reais, não lembro ao certo a quantia, pois era um valor que eu sequer conseguia imaginar. Segundo Oliveira (2011) o valor foi de R\$ 3,16 milhões.

Assim, eu poderia iniciar o trabalho como equipe técnica ou bolsista; o projeto já estava aprovado e previa as duas possibilidades de remuneração. A remuneração como engenheira agrônoma (equipe técnica) equivalia à três bolsas de mestrado.

O salário mínimo no início de 2005 era menos de 300 reais; lembro de ter me imaginado rica recebendo dez salários mínimos como engenheira, porém eu estava vislumbrando carreira acadêmica com interesse em ser professora universitária na UNEMAT. Decidi pelo mestrado.

## **1.8 O Mestrado**

Segui o plano, passei no processo seletivo do Mestrado em Agricultura Tropical na UFMT, participei de algumas expedições, coletei informações, escrevi relatórios e estudava para buscar entender mais a respeito do projeto.

Conheci famílias e em cada rosto percebi a aridez da vida naquele lugar e que estavam cansados de promessas, de descaso e jogados ao abandono; travavam uma luta pela sobrevivência.

Conheci um senhor de 60 e poucos anos, aparência cansada e fala rouca, dizia ficar doente por malária ao menos uma vez a cada dois anos; dizia que seu fígado já não funcionava mais; aparentava bastante debilitado.

A cada família que eu visitava, a cada rosto cansado, eu percebia que naquele lugar carente de saúde, de educação, de alimentos e de esperanças não era a energia alternativa a maior urgência.

O projeto perdeu o sentido pra mim. Não fui capaz de manter o entusiasmo nem de ressignificar meus sentimentos diante daquelas realidades apresentadas.

Fui, aos poucos, murchando e não entendia ao certo o que estava acontecendo, só não sentia mais vontade de continuar ali; criei coragem e pedi para conversar com meu orientador.

Ele me apresentou uma imensa lista de material bibliográfico, em português, inglês e francês; eu me debrucei na pesquisa bibliográfica, passei meses organizando esse material, tirando fotocópias para devolver os inúmeros artigos à biblioteca do professor.

Consegui escrever a parte teórica, cientificamente embasada, porém para incluir a prática no campo me fugiam as palavras e os rostos me pareciam pedir socorro, até que percebi que não conseguiria mesmo terminar o trabalho que eu me propus a fazer.

Eu não conseguia enxergar uma alternativa, a não ser desistir do mestrado. Foi quando eu soube da possibilidade da troca de orientação; Professor Rodrigo pareceu bastante aliviado e se colocou à disposição de tudo que eu precisasse, como orientador institucional e amigo.

A coordenação do curso colocou a situação numa reunião entre todos os professores do Programa de Pós-graduação em Agricultura Tropical. Uns três ou quatro professores se manifestaram, poderiam assumir a minha orientação.

Restavam-me nove meses para escrever um novo projeto, executar, escrever a dissertação, qualificar e defender.

Escolhi trabalhar na área de fitopatologia. Fui recebida pela professora Leimi Kobayashi; conheci os trabalhos executados, os projetos em execução e conversamos a respeito das minhas experiências e habilidades dentro do laboratório.

Contraditoriamente, no ano anterior eu havia fugido da proposta da minha orientadora de iniciação científica, do CCA UFSCar, para trabalhar no mestrado com nematóides; eis que eu me via organizando um projeto e montando uma estrutura mínima para iniciarmos o meu novo projeto com nematóides, desta vez não se tratava de agentes de controle biológico, mas nematóides fitopatogênicos e com soja!

Foi a opção que senti maior segurança e autonomia para realizar todas as etapas e finalizar os trabalhos em tempo hábil. E assim foi.

Passei os próximos meses firmando parcerias com universidades, treinando em laboratório de análises, montando o laboratório com todos os regentes e

equipamentos necessários, montando os experimentos, avaliando, apresentando os resultados parciais em congresso da área, qualifiquei o trabalho e o plano era prestar o doutorado antes da defesa, seguindo as orientações da professora Leimi.

O processo seletivo do Doutorado consistia em três etapas: avaliação do projeto da Tese, exame de proficiência em uma segunda língua estrangeira (a opção feita no mestrado é a primeira língua estrangeira), a prova teórica e uma entrevista.

Faltavam os ajustes no texto para a defesa da dissertação, eu estava com o projeto de doutorado finalizado, avaliado com nota máxima. Obtive proficiência no exame de língua francesa (no exame do mestrado eu havia escolhido a língua inglesa).

Na prova escrita eu também obtive êxito. O professor de estatística comentou que uma das questões seria cancelada, só não foi porque mesmo sem eu conseguir chegar num resultado eu descrevi a linha de raciocínio estatístico e fiz deduções a respeito das possibilidades. Segundo ele, isso foi bastante considerado; fui a única candidata que teria mostrado conhecimento na área.

Na entrevista para seleção do Doutorado não foi perguntado nada a respeito do projeto, nem sobre o mestrado. As perguntas eram repletas de machismo, sexismo e a conclusão da banca foi que eu era “nova demais para poder cursar o único programa de Doutorado do Estado do Mato Grosso” e que eu, “mulher, nova e solteira”, “poderia ter boas oportunidades em qualquer outro lugar que eu tentasse”.

Minha orientadora de mestrado não participou da banca, depois fui saber que ela ficou estarecida e por anos se recusou a participar dos processos seletivos do Programa de Pós-graduação em Agricultura Tropical da UFMT.

Contou-me, posteriormente, que chegaram a perguntar se ela teria me ajudado na escrita do projeto submetido na inscrição do Doutorado, sendo que ela não tinha conhecimento nem da temática que eu escolhera.

Fui desclassificada do certame, sendo que no edital não era previsto tal procedimento. A entrevista teria somente caráter classificatório, não eliminatório. As únicas etapas com caráter eliminatório eram: avaliação do projeto e prova escrita, e nestas eu fiquei com notas máximas.

A própria secretária do programa me alertou, mas o sentimento de rejeição já tinha me dominado e me anestesiou.

Lembro-me que fiquei por dias sem sair de casa. O professor de estatística sempre me via andando pelos corredores carregando baldes de terra, plantas ou livros, disse ter estranhado a minha ausência e resolveu ir até a minha casa.

Eu tinha desistido de terminar o mestrado e estava me organizando para ir embora do Mato Grosso.

Assim mesmo, sem perspectiva de cursar o doutorado ou finalizar o mestrado, resolvi arriscar e participar de um processo seletivo para uma vaga de professora substituta de Agroecologia na UNEMAT.

A minha aprovação no seletivo superou minhas expectativas e foi o que me deu a força necessária e sentido para voltar atrás da decisão e defender a dissertação de mestrado.

## **1.9 Chegança em Cuiabá**

Elas e eles são muitos. Chegam a algum lugar que consideram um porto seguro, mas que não conhecem muito bem, seus códigos silenciosos, depois de terem enfrentado várias horas de ônibus, metrô e mais ônibus. Os que vêm das margens têm que manter a calma frente à falta de educação generalizada, que eliminou palavras de convivência e respeito entre desconhecidos [...] (REIGOTA, 2010, p.1).

Final de 2004. Cheguei de ônibus, foram mais de 30 horas de viagem de Sorocaba, interior de São Paulo, até Cuiabá, a passagem custava 90 reais. Avião nem pensar, nessa época era muito caro e totalmente fora da minha realidade.

Hoje em dia a passagem de ônibus custa cerca de 300 reais e pelo mesmo valor pode-se encontrar passagens de avião.

Busquei informações para averiguar minha percepção de valor monetário da época e encontrei uma matéria que anuncia um aumento de passageiros em mais de 200% entre os anos 2000 até 2014: “As empresas aéreas transportam 2,92 milhões de passageiros em 2000 e em 2014 foram 102,32 milhões” (CB TURISMO, 2015).

Cheguei em Cuiabá com a expectativa de morar numa república estudantil e dividir as despesas, porém com o passar dos meses percebi agremiações estudantis para moradia, da forma como eu conheci no interior de São Paulo, não seria uma possibilidade. No máximo eu conseguiria alugar uma casa e dividir as despesas, desde que cada pessoa pudesse ter seu próprio quarto, que pudesse ser trancado, e

sua individualidade devidamente preservada. Nada comparado ao que eu vivi com a República Gaia, muito menos com o organismo Gaia que eu tanto aspirava viver.

A bolsa no mestrado era de mil reais, cerca de três salários mínimos da época, o aluguel de uma casa com três quartos no Jardim Boa Esperança, nas imediações do Campus Cuiabá da UFMT, considerado bairro nobre, custava 750 reais. Essa foi a opção para dividirmos em 3 pessoas.

Novamente faço comparações monetárias para demonstrar, através da desvalorização da bolsa de mestrado e doutorado, o imenso descaso com a pesquisa nas universidades brasileiras: hoje, 15 anos depois, a bolsa do mestrado continua cerca de mil reais, porém a mesma casa foi alugada recentemente por 2,5 mil reais.

Os trabalhos de pesquisa eram realizados em livros, na biblioteca ou em sites de busca, no laboratório do curso de Pós-Graduação em Agricultura Tropical da UFMT. Eram raros os colegas que possuíam computador em casa. Notebooks eram caríssimos e raríssimos.

Tínhamos acesso livre às chaves dos laboratórios, inclusive nos de análises (de solos, doenças de plantas, sementes), e circulávamos por toda universidade durante dia, noite, madrugadas, aos finais de semana e feriados.

A experiência de ser bolsista no mestrado em Cuiabá me proporcionou um tempo em que pude me dedicar exclusivamente aos estudos; na ânsia de dar conta da pesquisa, eu tive dificuldade em administrar o meu tempo e muito raramente arrumava tempo para o lazer.

Durante os anos que estive bolsista eu me cobrava resultados e me tornei demasiadamente auto crítica. Talvez algumas situações tenham colaborado para isso.

Desde criança eu sou bastante amorosa e gosto de elogiar as pessoas; em Cuiabá esse meu comportamento parecia causar estranhamento em algumas pessoas.

De repente, eu era uma jovem alegre e desejosa da vida, que após se libertar durante o curso de graduação, chega num outro meio repressor, machista e sexista.

Para alguém tão espontânea como eu, aquele meio tornava-se mais inóspito a cada dia. A auto censura me corroía e, apesar dos esforços empregados, a pesquisa não ia bem.

Incapaz, irresponsável, inadequada, derrotada e com uma pesquisa fracassada em andamento.

Levou um tempo para que eu construísse algo que eu pudesse me apropriar e me sentir novamente capaz de realizar (justo com soja).

A minha curiosidade sempre esteve presente, carrego uma força de vida muito grande, que desde criança se manifesta na ânsia em aprender. Observo que mesmo em meios bastante desfavoráveis, eu nunca deixei de aprender.

Trago também uma alegria de fazer coisas, de estar junto, de colocar pessoas juntas. Nunca tive a pretensão de ser reconhecida como dona de alguma iniciativa ou ideia. O meu gosto é construir junto. Talvez seja por isso que eu me incomode tanto quando percebo que alguém se apropria de algo, ou detêm informações para benefício próprio.

### **1.10 Professorescer: minha 1ª Experiência como Professora Universitária**

A escolha por me tornar professora sofreu grande influência do meu exercício político enquanto estudava Engenharia Agrônoma. A semente da educação popular acabou florescendo e resultou na chegada ao magistério superior, como professora substituta na Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), no Campus de Tangará da Serra, 240km de Cuiabá, após um processo seletivo para a área de Fitopatologia – doenças de plantas. Acabei sendo contratada por 30 horas semanais, com a oferta da disciplina Estágio Supervisionado, feita pelo coordenador do curso de Agronomia.

Meu exercício profissional, a partir de então, passou a ser na persistência de criar práticas pedagógicas a partir do legado de Paulo Freire, o que, dentro de um curso da área agrônoma, não é das tarefas mais fáceis.

Além do Estágio Supervisionado, assumi a disciplina de Entomologia Geral, que trabalha características físicas e morfológicas dos insetos, diferenças entre as ordens dos insetos que tem importância na agricultura, além da disciplina de Controle de Pragas na Agricultura, que passou a ser o meu maior desafio, pois, dentro da agroecologia, não consideramos nenhum ser vivo como praga.

Assim, a partir da ementa da disciplina, percebi que poderia ter abertura para uma abordagem holística, abrangente ou integral dos conceitos que a disciplina

aborda. Ao conversar com o coordenador do curso, ele me deixou bastante à vontade para dar o meu tom à disciplina, enfatizando a agroecologia.

No primeiro dia de aula eu levei os livros da bibliografia obrigatória da disciplina de Controle de Pragas na Agricultura, entrei na sala de aula e ao iniciar minha fala, peguei o livro Entomologia Agrícola, de Domingo Gallo e colaboradores (2002), bibliografia obrigatória em todos os cursos técnicos em agropecuária e bacharelado em Agronomia do país e abri na página onde constam os Agradecimentos:

- Aventis CropScience Brasil Ltda;
- Dow AgroSciences Industrial Ltda;
- Du Point do Brasil S.A.
- FMC Química do Brasil Ltda;
- Hokko do Brasil Indústria Química Pecuária Ltda;
- Monsanto do Brasil Ltda e
- Syngenta Proteção de Cultivos Ltda (Novartis Agribusiness e Zeneca Agrícola) (GALLO, 2002, p. III).

Fiz uma pausa e uma respiração profunda.

Perguntei se alguém conhecia alguma dessas empresas. A resposta dos estudantes veio de forma imediata e eufórica, diversas pessoas falando ao mesmo tempo, conheciam sim, tinham relatos sobre tais empresas. Um dos estudantes, o mais empolgado, falou em voz alta e forte: "conheço todas essas empresas, professora! Sou técnico e já trabalhei em revenda".

Em seguida argumentei: "o que todas essas empresas, presentes na página de agradecimentos do mais divulgado livro da área de entomologia agrícola, têm em comum?"

Novamente euforia.

Assim, pude chegar onde queria, todas essas empresas comercializam agrotóxico para o agronegócio. Ressalto aqui que utilizo o termo agronegócio pela distância que o separa tal "negócio" da agricultura. Um negócio, uma empresa rural produtora de *commodity*, uma fábrica de qualquer produto que tenha valor regulado pelo mercado internacional, uma moeda, que visa exclusivamente à obtenção do lucro. E quanto maior o lucro, maior o interesse no investimento de pesquisas que ofereçam solução aos seres que atrapalham a produção do agronegócio, que não passa de uma fábrica de dinheiro financiada por grandes bancos, por empréstimos

milionários e certeza de anistia concedida ao setor, com calotes consentidos por governos ditos democrático, anos após anos.

Distante da agricultura que produz alimentos, muito distante da agricultura camponesa e mais distante ainda da agroecologia, as fábricas de produzir *commodities* agrícolas são assistidas por técnicos que estudam morfologia, fisiologia e métodos de controle de pragas, ou seja, esses estudantes serão os futuros profissionais que atenderão a demanda do agronegócio brasileiro e tem como livro texto da disciplina um livro financiado pelas multinacionais que dominam o mercado de agrotóxicos.

A partir dessa reflexão passamos a dialogar para entender os objetivos de pesquisadores serviçais do agronegócio ao atribuírem conceitos como praga e plantas daninhas às espécies de seres vivos que trazem danos, calamidades, catástrofes à produção.

Ao implantar a ideia de que existem seres vivos inferiores e superiores naturaliza-se o extermínio de espécies tidas como pragas ou daninhas em detrimento à monocultura. Torna o agrotóxico extremamente útil e necessário, sem qualquer questionamento, reflexão ou interesse em estabelecer o equilíbrio entre os elementos presentes no agroecossistema.

Recorro à teoria da trofobiose “só a planta doente é atacada por insetos; como agrotóxico desequilibra a planta, provoca seu adoecimento e consequentemente vulnerabilidade maior aos insetos.” (PEREIRA, 2016, p. 313)

Sendo assim não existe praga. A presença de insetos fitófagos a ponto de provocar perdas é indicador de desequilíbrio na agricultura. Meu anseio é que os estudantes possam ter curiosidade de aprenderem com as sutilezas apresentadas pela natureza.

### **1.11 Paulo Freire e as práticas pedagógicas**

No IFMT era ofertado um curso que se chamava Técnico em Agropecuário Subsequente, uma modalidade de ensino subsequente ao ensino médio, ou seja, para quem já concluiu o ensino médio e desejasse ter um técnico em agropecuário em um ano e meio. Era ofertado no turno da noite, justamente para que as pessoas que trabalham o dia inteiro nas fazendas, no comércio local e na região pudessem ter a oportunidade de fazer um curso técnico. Aos sábados, tínhamos aulas práticas.

Foi um curso que eu batalhei muito para poder trabalhar e foi uma das boas experiências que tive.

Eu havia acabado de realizar um curso de formação em economia solidária em Brasília, no Centro de Formação em Economia Solidária, ligado a Central Única dos Trabalhadores (CUT), onde tivemos uma dinâmica que é bastante utilizada nos cursos de formação do MST, no qual acontece uma roda de conversa sobre a trajetória de cada pessoa – apresentação de narrativa de onde veio, o que pretende no curso, os caminhos trilhados e os que queremos trilhar e os sonhos que cada um traz consigo.

A partir daí, passei a desenvolver a dinâmica com o grupo de estudantes do curso técnico, aos sábados e chamamos esse momento de história da vida. Como eles ainda não se conheciam, deixei para incluir essa dinâmica quando já houvesse alguma intimidade entre o grupo, que aconteceu quando viajamos para realizar uma atividade extra-classe.

Alguns dos relatos desses estudantes foram muitos tocantes, como o da Nicaelli, uma jovem que trabalhava numa das fazendas da região, dizia que seria escritora e realizou o seu sonho. O primeiro livro que publicou foi premiado no Concurso Campo Novo do Parecis-MT; em 2019 a autora publicou o seu segundo romance<sup>5</sup>.

O hábito de contar e participar da história do outro, incentivar e comemorar as conquistas passou a fazer parte das nossas práticas educativas. Foi uma tomada de consciência da condição de cada um, onde se podia perceber o orgulho e a importância de sua trajetória e do seu ser e estar no mundo.

Criou-se cumplicidade entre todos que estavam ali e sempre que alguém via algo que se relacionava com a história do outro, isso era colocado nas rodas de conversa.

A amorosidade e o olhar cuidadoso ampliaram a dimensão de ser e estar em grupo e da consciência de si, da sua condição social, das múltiplas possibilidades de exercer o papel histórico, esse papel que o Paulo Freire nos chama para sermos transformadores de nossa própria história.

---

<sup>5</sup> O nome do primeiro romance publicado por Nicaelli Reis é “Presente do Passado”, foi premiado num concurso literário na cidade de Campo Novo do Parecis <http://cnp.antigoportal.ifmt.edu.br/noticias/1011678/>. Recentemente a Nicaelli lançou o seu segundo romance, “Entre a vida e a morte” <http://parecis.net/parecis/index.php/geral/autora-do-primeiro-livro-de-romance-de-campo-novo-do-parecis-publica-novamente>

## 1.12 Vivência com o povo Paresi

No Brasil há cerca de 210 etnias indígenas que possuem, cada uma, características próprias que contribuem, na sua pluralidade cultural, na construção de identidade do território brasileiro (LEON *et al.*, 2010), informações atualizadas sobre os povos indígenas deverão constar no Censo previsto para 2021.

Estudos descrevem que em Mato Grosso existem cerca de 35.000 indígenas de 38 diferentes povos, em variadas situações de contato com a sociedade envolvente (BOTH, 2014), dentre as quais está a etnia Paresi.

O povo Paresi é estimado em cerca de 1.300 representantes, distribuídos em 52 aldeias que residem no Chapadão dos Parecis, situado no sudeste do estado de Mato Grosso. A abrangência do território ocupado por representantes da etnia Paresi perpassa os municípios de Tangará da Serra, Pontes e Lacerda, Campo Novo do Parecis e Diamantino (LEON *et al.*, 2010).

O município de Campo Novo do Parecis foi o palco da vivência que envolveu cerca de 100 pessoas durante os anos de 2014 e 2015, na Aldeia Bacaval, habitada pelos indígenas do povo Paresi, na Terra Indígena Utiariti, margeada pela Rodovia MT 235.

Nesse contexto, o povo Paresi se autodenomina *Haliti*, que significa gente ou povo e caracteriza-se por manter uma forte tradição e por preservar a sua cultura, tendo na língua materna *aruák*, a expressão de sua identidade étnica, apesar do intenso contato com a sociedade envolvente (LEON *et al.*, 2010; PAES, 2002).

A partir de diálogos em sala de aula, um estudante indígena se manifestou trazendo algumas dificuldades encontradas na comunidade Paresi. Houve interesse de outros estudantes e procuramos buscar formas de aproximação entre os servidores e estudantes do Instituto Federal de Mato Grosso, *Campus* Campo Novo do Parecis e moradores da comunidade indígena Paresi mais próxima, a Aldeia Bacaval.

Foram realizadas rodas de conversa com representantes da FUNAI, Associação Waymare (Associação que representa diversas aldeias da região), enfermeira e dentista do Pólo de Saúde Indígena (representantes da Secretaria Municipal de Saúde) e com a Cacique Miriam Kazaizokairo, Coordenadora de Educação Indígena da Secretaria Municipal de Educação de Campo Novo do Parecis, firmando parceria para realização da experiência na Aldeia Bacaval que

determinou as necessidades da comunidade em relação a assuntos relacionados à qualidade de vida e cultura deste grupo étnico.

Com base nos relatos dos indígenas os temas que tiveram mais recorrência no diálogo e nas brincadeiras desenvolvidas durante as oficinas realizadas na comunidade indígena foram:

1. Inserção de alimentos industrializados na aldeia com a substituição de produtos tradicionais da alimentação indígena por salgadinhos, refrigerantes, doces, macarrão instantâneo entre outros produtos. Notou-se a preocupação dos indígenas mais idosos, professores indígenas e dos agentes de saúde com temas relacionados à nutrição infantil e aumento de casos de doenças cardiovasculares, diabetes e obesidade envolvendo jovens e adultos;
2. Utilização de bebidas alcoólicas entre adolescentes e adultos e o envolvimento destes em acidentes automobilísticos; e
3. Falta de local apropriado para destinação do lixo gerado pelos produtos industrializados consumidos na aldeia.

A enfermeira Coordenadora do Pólo de Saúde Indígena da Aldeia Bacaval trabalhava nessa comunidade cerca de 10 anos, identificou a diabete e a hipertensão como os principais problemas de saúde que ocorrem entre os moradores.

A dentista do Pólo de Saúde Indígena da Aldeia Bacaval apontou como problema recorrente a incidência de cáries entre crianças tão novas, que não formaram nem a primeira dentição.

O consumo de produtos industrializados incluídos no cotidiano da comunidade indígena ainda traz outros problemas que são relacionados ao destino do lixo. Nos arredores das *haki*, como são chamadas as casas na aldeia, frequentemente se observa o descarte de caixas de sabão em pó, fraldas descartáveis, produtos eletrônicos, pilhas, caixas de leite, garrafas pet entre outras embalagens.

A falta de descarte adequado do lixo gerado na aldeia também implica na crescente proliferação de insetos, roedores e animais peçonhentos que se multiplicam nas proximidades da área de convívio comunitário.

Frente às mudanças que ocorreram na vida dessa população indígena, objetivou-se atender tais demandas de maneira colaborativa, e não impositiva,

visando construir conhecimento sobre essa nova realidade enfrentada pelo povo Paresi.

A partir dos temas norteadores foram firmadas parcerias com profissionais de diversas áreas que manifestaram interesse em participar como voluntários na experiência.

A pedido dos moradores, uma nutricionista realizou uma reunião com a comunidade da Aldeia Bacaval para trabalhar o tema *Alimentação e Saúde*. A metodologia adotada foi definida participativamente com a nutricionista, os representantes da Associação Waimare, estudantes, a cacique Miriam Kazaizokairo, professores e agentes de saúde da comunidade e demais lideranças locais visando ouvir as demandas, refletir a respeito das causas e buscar alternativas a partir da valorização do conhecimento tradicional do povo Paresi Haliti.

Nessa mesma dinâmica foram programadas atividades realizadas na Aldeia Bacaval para tratar de assuntos como: alcoolismo e família por profissionais da área de saúde que já atuam em outras aldeias da região e assistência social com profissionais do município de Campo Novo do Parecis. Outros assuntos como compostagem de material orgânico e coleta seletiva de resíduos sólidos foi tratado pelo técnico em agropecuária Getúlio Pereira Rodrigues, egresso do Curso Subsequente do IFMT.

A experiência nascida num diálogo em sala de aula oportunizou estabelecer parcerias com representantes da Aldeia Bacaval com órgãos municipais e federais para atendimento de demandas reais constatadas *in loco*, onde tanto os desafios quanto as sugestões de ações mitigadoras partiram da própria comunidade.

Leon et al. (2010) discutem a importância de superar o preconceito e atitudes discriminatórias, assim, ressaltam que tal superação envolve valores de reconhecimento e aceitação da diversidade, o que não é uma tarefa fácil para a sociedade contemporânea que está inserida num contexto histórico capitalista que promove o individualismo.

Diante da demanda apontada, existe uma busca incessante por metodologias e abordagens que estimulem a promoção do trabalho coletivo, o resgate cultural e contribua para autonomia, análise crítica e empoderamento dos moradores da aldeia.

Assim, trabalhamos na perspectiva da valorização da cultura indígena Paresi Haliti, desvinculando a ideia de um passado colonial e incorporando momentos de

intercâmbios entre os povos indígenas e os estudantes durante o calendário letivo, por meio de visitas previamente planejadas à Aldeia Bacaval, bem como de indígenas ao IFMT *Campus* Campo Novo do Parecis.

Uma forma de reconhecer a inclusão das diferenças étnicas dos povos indígenas e o repensar de um novo desenho do Brasil em sua sociodiversidade em consonância com Paulo Freire (1987 p.36), “mudar um pedaço do mundo é também mudar o mundo”.

Verificamos que um pedacinho do mundo de cada sujeito participante se transformou a partir desta experiência, Freire (1995, p.10) ensina que “é fazendo isso que nos refazemos, é mudando o mundo que me transformo também” desejamos continuar o aprendizado em reconhecer, respeitar e valorizar a diversidade cultural.

A partir de relatos dos adultos e desenhos elaborados pelas crianças da escola indígena Bacaval foi demonstrado um repensar a respeito de saúde, alimentação e gerenciamento do lixo gerado pelos moradores.

Acreditamos que o processo democrático de diálogo e trocas de experiências possam ser permanentes diante da reflexão e ações na construção da práxis educativa que valoriza os conhecimentos e tradição da cultura Paresi em consonância tanto com os desejos de conhecer o que é apresentado como novo, como de resgate cultural.

Assim, como preconizado por Freire (1980, p.65) “é preciso ter coragem de nos experimentarmos democraticamente”, para além da teoria, a práxis freireana ganha espaço público e reafirma nosso compromisso ético, estético, político e social muito além do que pode mensurar os dispositivos de validação dos órgãos de controle acadêmico, onde os sujeitos assumem o papel político na luta pela manutenção de seus próprios modos (re)existir, como sujeitos de aprendizagem, para mostrar que é possível vencer preconceitos e a partir do reconhecimento e valorização das diferenças.

### 1.13 Quando uma “linha” nos puxa

Em 2015, após uma visita na Universidade de Sorocaba (UNISO) para conhecer o Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), comecei a pesquisar as teses e dissertações que foram produzidas pelos egressos do programa. Tentei focar na linha de pesquisa História, historiografia e políticas públicas, pois fora a linha que Wilson Sandano, coordenador do PPGE, me apresentou como possibilidade de desenvolvimento de um trabalho com o orientador Jefferson Carriello, professor que aborda os institutos federais em suas pesquisas.

Porém, alguns títulos da linha de pesquisa Cotidiano Escolar me chamaram atenção e me interessei pelo tema educação ambiental no cotidiano escolar, abordado pelo professor Marcos Reigota. Fiz uma leitura dos resumos e introdução de alguns trabalhos, anotei o título de alguns livros que foram utilizados na bibliografia, e notei a presença de alguns livros de autoria do professor Marcos Reigota.

Pesquisei para comprar alguns deles, porém encontravam-se esgotados nas editoras. Resolvi focar na coleta de dados para escrita do projeto para apresentar na seleção de doutorado de 2016, para a linha de História e com a possível orientação do professor Jefferson, que havia me recebido em sua sala e que demonstrara-se bastante receptivo quando me foi apresentado pessoalmente pelo Coordenador do PPGE.

O projeto apresentado era sobre a política pública implementada pelos Institutos Federais de Ciência e Tecnologia. Foi aprovada no PPGE e em 2016 iniciei os estudos nas disciplinas obrigatórias e eletivas.

Nas idas e vindas para a universidade, conheci a professora Alda Romaguera e passei a participar de um grupo de estudos que aborda o cotidiano escolar e as práticas pedagógicas sob a perspectiva ecologista de educação, que mais tarde vinha a se estender para fora da instituição, tornando-se o Grupo Ritmos de Pensamento. Com essa aproximação, fui conhecendo pessoalmente os autores das teses e dissertações que antes me seduziram e passavam a me interessar cada dia mais.

Eder Proença (2017) ressalta, com sentimento de pertencimento, a importância que o trabalho do grupo perspectiva ecologista de educação vêm

conquistando ao longo dos anos, com o devido reconhecimento das metodologias desenvolvidas.

Estar nesse grupo e ser orientado pelo professor Marcos Reigota é ter ciência da relevância de poder desenvolver uma pesquisa embasada nas conversas do cotidiano e nas narrativas ficcionais que, ao longo dos últimos anos, se consolidaram como metodologias pertinentes teórica e politicamente conquistando reconhecimento acadêmico (PROENÇA, 2017, p. 52).

Esses autores que compunham a linha de pesquisa cotidiano escolar tinham em comum humildade e carinho ao compartilhar, com propriedade, seus conhecimentos a respeito dos campos teóricos, metodologias, e ainda diziam conhecer pessoalmente a maioria dos autores referência na área. Eu pensava o quanto tal proximidade poderia ser proveitosa no cotidiano da pesquisa, das práticas e da vida; eu nem percebia o quanto já estava seduzida.

O próximo capítulo traz narrativas a respeito desta linha de estudos que me fisgou, as andanças quando mudei de linha de pesquisa e de tema do trabalho, como orientanda do professor Marcos Reigota.

## 2 ENCONTROS COM AS FLORESTAS E DESVIOS NO CAMINHO

Quando ouvi a primeira vez o título da linha de pesquisa “Cotidiano Escolar” fiz uma viagem rápida, como de trem bala, dentro da minha trajetória profissional e fui percebendo o quanto o cotidiano escolar influenciou nas minhas escolhas pessoais e profissionais muito antes de eu sonhar em professora ser.

Ao conhecer o conceito de Bio:grafia (REIGOTA; PRADO, 2008), apresentado pelo professor Marcos Reigota e Bárbara Heliodora Soares do Prado no livro *Educação Ambiental: utopia e práxis* mergulhei para além da perspectiva da reflexão sobre a importância de incluir as trajetórias pessoais, políticas e sociais que também perfazem minha trajetória profissional, surgiu como modos de estar no mundo, que me constituem e possibilitaram as práticas pedagógicas no tempo presente que influenciaram no primeiro desvio no percurso do doutorado: mudança de linha de pesquisa.

Essas lembranças também trouxeram de volta Paulo Freire, que esteve presente na minha formação e assim como temas de agroecologia, trouxeram a urgência das questões políticas e meu envolvimento com os movimentos sociais atrelados às questões ambientais.

Algo que foi resgatado, repensado e reafirmado durante a escrita desta tese, algo que me surpreendeu por ser, talvez, o que dá sentido ao meu exercício profissional e minha constituição enquanto educadora, mulher, feminista, única filha mulher, ativista e onde se disseminam afetos, desafios, modos de fazer e estar que afeta o cotidiano e estimula ou paralisa a escrita na narrativa e construção das possibilidades de se fazer educador.

O conceito de cotidiano também conheci durante as aulas do primeiro semestre do curso de doutorado, Spink (2008, p.70) parte da proposta de que cotidiano é “tudo que temos, de que só há lugares e micro-lugares entendidos enquanto pequenas sequências de eventos e nada mais além disso” para nos chamar a atenção da importância “dos encontros e desencontros, do falado e do ouvido em filas, bares, salas de espera, corredores, escadas, elevadores, estacionamentos, bancos de jardins, feiras, praias, banheiros e outros lugares de breves encontros e de passagem”, delinea a forma de conversa solta e espontânea do “pesquisador conversador”.

Optei em preservar algumas marcas de oralidade como forma de não apagar os rastros de uma passagem de vida importante marcada pela resistência ativa ao que me impedia de seguir adiante, resistência convocada na minha juventude e também agora, na construção de minha tese. Essa resistência diz da floresta em mim, mas também da floresta nela mesma, porque a vida é aquilo que resiste em tudo que é vivo

A partir destes referenciais e das próprias práticas, experimento uma floresta urbana como cenário para práticas político pedagógicas e estéticas ao mesmo tempo que percebo a floresta como entidade dinâmica, que se molda em infinitas formas, independentemente de onde eu esteja, ou seja, a floresta vai além de uma localização geográfica ou composição florística, torna-se um estado da minha própria transformação.

## **2.1 A primeira vez em que li a *A Floresta e a Escola***

Em 2017, após ter decidido e oficializado a troca de linha de pesquisa, momento em que passaria a ser orientanda do professor Marcos Reigota, pesquisei novamente alguns títulos de livros de autoria dele. O primeiro que me chamou atenção foi *A Floresta e a Escola*, mas a indicação do orientador era que eu fizesse a leitura de *Ecologistas*. Fico hipnotizada então pelos dois livros, mas começo pelo que mais me cativou.

A leitura de *A Floresta e a escola* se deu de forma prazerosa, sem pressa para terminar, sem nenhuma pressão, me permitindo ficar pouco a pouco fascinada pela cultura, experiência de vida e ensinamentos que meu novo orientador estava ali me apresentando.

Identifiquei-me com a proposta política não somente da educação ambiental, mas de todas as disciplinas que eu havia trabalhado em sala de aula durante o meu percurso profissional.

A cada capítulo, o sentimento de pertencimento ao lugar, às vezes até despertando sentimentos escondidos durante os anos que fui bastante criticada por minha visão “utópica”, de que as experiências cotidianas podem nos levar às reflexões que abrem possibilidades de diálogo a respeito do mundo em que vivemos e do mundo que queremos.

Passei a entender, de certa forma, meu interesse no movimento estudantil, nos movimentos sociais e indígenas e, ao mesmo tempo, senti-me tão pequena dentro de tanta ignorância e visão limitada de mundo. O sentimento de pertencimento passou a dar lugar a uma cobrança interna de construção de uma proposta real e executável para as mazelas encontradas no caminho.

Passei a exercitar o esvaziamento da mente a respeito do futuro e consegui retornar ao encantamento pelo conhecimento que o livro traz.

O que mais me chamou a atenção nessa primeira leitura foi a forma de se expressar do autor, sua grande habilidade com as palavras (escrita), seu interesse pelas artes (cinema, poesia, músicas, artes plásticas), e o profundo conhecimento de história, geografia e cultura em geral, e a importância de cada experiência vivida e narrada deliciosamente no livro. É um estilo novo para mim e tem me deixado reflexiva a respeito da minha maneira de escrever e ver minhas próprias experiências.

## **2.2 Floresta urbana**

A Floresta Cultural Parque Três Meninos é uma floresta urbana localizada no município de Sorocaba, interior do estado de São Paulo, que consolida práticas de empoderamento civil diante do desmatamento das florestas, do esgotamento do solo e do aterramento das nascentes.

As pessoas que se dedicam ao trabalho na Floresta Cultural são os “guardiões da floresta”. São mais ou menos 20 pessoas que buscam estabelecer outras respostas às questões ambientais, como também constituir um movimento de resistência da crise sociopolítica, ética e de aniquilação da vida no momento presente.

Com as práticas desse coletivo na consolidação de possibilidades que nos desafiam a “adiar o fim do mundo” (KRENAK, 2019) em cada ação cotidiana vai traduzindo os pensamentos, aplicando os conceitos e tecendo os textos a respeito dos dias que compõem a vida, a pesquisa e dão sentido à minha existência.

Durante o percurso de aproximar a experiência concreta proporcionada pela Floresta Cultural da prática vivenciada desde o curso de graduação até a experiência de 10 anos como professora, revivi minha militância nos movimentos sociais e agroecológicos despertada por José Antônio Kroeff Lutzenberger

(LUTZEMBERGUER, 1990), com o caráter científico apresentado por Ana Maria Primavesi (PRIMAVESI, 1997) alinhados à perspectiva ecologista de educação de Marcos Reigota (REIGOTA, 1999) à práxis proposta por Paulo Freire (FREIRE, 1997).

Ao caminhar pela Floresta Cultural Parque Três Meninos, num movimento rítmico de escuta, observação e imersão no cotidiano dos movimentos, reflito a respeito das relações com as pessoas e a relação destas com as escolas:

Quais práticas vivenciadas na Floresta Cultural, no ambiente familiar, profissional e no cotidiano escolar que me influenciam no meu fazer pedagógico? Onde a pesquisa tece sinergias entre as práticas pedagógicas estabelecidas na relação entre a Floresta Cultural e as escolas?

### **2.3 A floresta e a escola, a escola e a floresta...**

Pensando a respeito das formas em que se produz conhecimento no cotidiano a partir da experiência Floresta Cultural Parque Três Meninos, comecei a reler os textos trabalhados durante o 2º semestre de 2017, no grupo de estudos “Perspectivas Ecologistas de Educação”, sob orientação do professor Marcos Reigota. Estava em meio à leitura quando recebi uma mensagem de uma amiga, Viviane Polano, que estudou comigo no ensino médio na Escola Flavio de Souza Nogueira, em 1998.

Durante a conversa, comento brevemente as atividades desenvolvidas na Floresta Cultural e marcamos um sábado para nos encontrarmos na prática semanal de yoga que fazemos lá. Compartilhamos a prática de caminhada na floresta e conversamos a respeito dos trabalhos que estamos realizando. Bastante prazeroso sentir que nossa sintonia se mantém mesmo após quase 20 anos sem mantermos contato direto.

Dias mais tarde, recebo com muita alegria o desafio de iniciar uma atividade com as crianças que são assistidas pela instituição aonde a Viviane trabalha.

São três crianças autistas que estão aprendendo sobre a água. O que seria a água? De onde vem? Pra onde vai? Qual a sua importância? E assim começamos a delinear uma experiência concreta a ser desenvolvida na floresta cultural.

### 2.3.1 Luana

*A amorosa Luana é chamada de Luli pela mãe, Ana, que a acompanha na atividade na Floresta. Luli tem 8 anos, olhos castanhos curiosos e atentos, sorriso cativante e fala ligeira.*

*Ao chegar à praça que dá acesso à entrada da floresta, já correu em minha direção, perguntou o meu nome, somos apresentadas por Ana. Luli segurou em minha mão e iniciou uma série de perguntas a respeito do “feriado”.*

*Para Luli, um dia feliz é um feriado, porque assim aprendeu em desenhos animados que ela acompanha na TV.*

*Após três passos adentrando a floresta recebi um abraço carinhoso, com olhar alegre e espontâneo, assim como um “Eu te amo, Thereza” pronunciado pela primeira vez durante aquela fresca manhã de verão.*

*Luli é puro carisma, uma explosão de amor em generosas doses de abraços e falas fofas. Vaidosa, fez poses e pediu para ser fotografada, distribuindo sorrisos, colocando à mostra sua simpatia e seus primeiros dentes permanentes.*

*A torre de pedra encontrada durante o trajeto remeteu a uma lembrança de alguma cena do desenho “Moana”, que pareceu ser um de seus desenhos favoritos. Luli sentiu-se a própria Moana ao caminhar firme, segura e independente pela trilha na mata fechada e por diversos momentos encontramos outras torres de pedras e ela exclamava: “Olha, outra torre da Moana!”, então já percorria o chão com os olhos e sua mãozinha ligeira já pegava a pedra e colocava no topo de todas as torres que estivessem ao seu alcance. Algumas torres permaneciam intactas e outras desmoronavam por instantes, até que Luli reagrupasse novamente as pedras menores sobre as maiores e incluísse a sua pedra de Moana no topo da escultura de torre.*

*A cada torre concluída, um sorriso de satisfação. E assim seguimos até a nascente, onde Luli foi a primeira das crianças a observar a água brotando do fundo da gruta e formar um pocinho, onde ela colocou os pezinhos e falou que a água vem gelada da terra.*

*Durante toda atividade, Luli manteve-se alegre, curiosa e interagindo com a equipe. Apontava pássaros, perguntava nome das plantas e explicava sobre o maracujzinho da mata, escolhendo as mesmas palavras utilizadas pela bióloga Sílvia quando falou a respeito desse fruto.*

*Luli me ofereceu diversos abraços, transbordou meu coração de alegria com suas frases carinhosas. Ao me recordar dela, me pego sorrindo e meus olhos se cerram buscando mais desse momento tão repleto de aprendizagem.*

### **2.3.2 Jean**

*Jean é o irmão mais velho de Luana, tem 10 anos e se mostra sério e introspectivo. Calado, parece estar sempre distante e o barulho o irrita. Chegou à floresta conduzido pela mãe e logo nos primeiros 5 minutos de trilha começou a me seguir e a me procurar com o olhar, mantendo-se perto de mim. Sorriu quando lhe estendi a mão na subida dos degraus que levam à 1ª ponte da trilha. E logo que passamos a ponte, me abraçou bem forte. Ana ficou surpresa e disse que eu sou ganhadora da mega-sena, porque Jean não gosta de muito contato físico e leva tempo para se acostumar com pessoas novas que participam da rotina dele. Então esse abraço e os sorrisos que recebi dele eram de fato muito valiosos e passaram a ser ainda mais significativos.*

*Jean fez a caminhada toda calado e aparentemente disperso. Ao chegarmos na nascente, não quis colocar os pés na água e aparentava estar cansado da atividade, logo depois começou a colocar as mãozinhas para tampar os ouvidos e a ficar agitado. Estava nitidamente incomodado ou cansado, então desaceleramos a caminhada e optamos por pegar um atalho para abreviar a volta ao ambiente confortável para ele.*

### **2.3.3 Oliver**

*Oliver parece ser mais novo que Luli, é amigo da família e veio junto com a Ana e as outras duas crianças. Chegou tímido e, durante a atividade se mostrou independente, seguro e bastante curioso.*

*Ao entrar na trilha da floresta se posicionou a frente da equipe e, aparentemente, era atraído pelos desafios que surgiam. Quando viu a ponte de madeira já quis subir e andar sem buscar ajuda e assim foi durante quase todo o trajeto: seguindo na frente da equipe e sozinho.*

*Quando a trilha era delimitada por pedras, Oliver escolhia andar não entre as pedras, e sim por cima delas, pulando os obstáculos que surgiam. Seguiu calado e*

*focado na aventura. Quando foram mostrados pássaros piscando debaixo dos cipós, Oliver correu, os pássaros voaram apressados e ele deu um sorriso maroto. Da mesma forma ao mostramos insetos nas folhas da horta, ele rapidamente bateu a mão e espantou todos eles, a seguiu tentando arrancar galhos, folhas e flores que estavam no caminho, escolhendo andar fora da trilha.*

*Chegamos à nascente, pela 1ª vez Oliver se dirigiu a mim quando percebeu que eu estava com Luli ajudando-a a entrar na nascente para que ela molhasse os pés. Perguntei ao Oliver se ele gostaria de molhar os pés também e ele mais do que depressa arrancou o tênis junto com as meias e veio em minha direção.*

*Ao colocar os pés na água gelada, Oliver começou a sorrir e a cantarolar animado. Entrou na nascente e gostou de afundar os pés na lama. Não queria mais sair. Depois de certo tempo concordou em tirar os pés da água e combinamos que voltaríamos pela trilha para terminar a atividade, nitidamente ele não gostou da proposta de encerrarmos a atividade na floresta.*

*Oliver se sentava nos bancos a cada parada e ficava conversando com as pessoas da equipe, tentando nos entreter com sua cantoria... vez ou outra tentava desviar o caminho da trilha para continuar na floresta e, assim, cantando, brincando com as crianças e correndo atrás de Jean, Oliver tentava permanecer por mais tempo na floresta.*

*Ana explicou que poderiam voltar mais vezes para aprenderem com a floresta e Oliver concordou. “Amanhã?” Ana me olhou, sorriu e consentiu acenando com a cabeça.*

Encontrei com Viviane mais ou menos duas semanas depois, durante a prática de yoga na Floresta Cultural e ela contou que a floresta está presente no cotidiano da escola com a reprodução de espaços e atividades resultado das reverberações afloradas a partir do passeio dos três pequenos na floresta.

A escola recebeu uma torre de pedras idealizada por Luana, executada com a ajuda do irmão Jean e do colega Oliver. A “torre de Moana” da floresta foi reproduzida e Luli chamou de “torre da floresta”. Um novo aluno foi conhecer a escola e as três crianças se revezaram para contar, com detalhes, a respeito das descobertas realizadas durante o passeio na floresta.

Segundo Ana, um projeto antigo de construção de uma horta foi recebido com empolgação pelos pequenos. Ao fim da primeira semana já se notavam as folhinhas dos rabanetes e Jean perguntou se eles estavam plantando uma floresta de comida.

Ana provoca: o que vocês aprenderam lá? Luli responde em sobressalto: “tem bichos e tem plantas”, “tem torres e tem Moana”, “tem pulseira de Moana e tem feriado”, Jean conta que “tem amigos” e Oliver balança os pés, sorri e murmura “água”.

Ao refletir a respeito das atividades realizadas eu respiro floresta e na aula de Yoga compreendo, na prática, os ensinamentos de Spink (2008, p.72):

Para o pesquisador, a noção de micro lugares é um duplo desafio: primeiro de aprender a prestar atenção a nossa própria cotidianidade, reconhecendo que é nela que são produzidos e negociados os sentidos e, segundo, de aprender a fazer isso como parte ordinária do próprio cotidiano, não como um pesquisador participante e muito menos como um observador distante, mas simplesmente como parte. Se o primeiro já é difícil o segundo desafio requer a disposição de repensar muito daquilo que é presumido como central à “boa pesquisa científica” [...] Ao contrário dos métodos planejados em que se delinea a *priori* um roteiro de perguntas sobre um tema previamente acordado e operacionalmente definido, ser um pesquisador no cotidiano se caracteriza frequentemente por conversas espontâneas em encontros situados.

A floresta ensina contemplar e reconhecer as possibilidades de recomposição da vida a partir das conversas espontâneas e “inéditos viáveis” (FREIRE, 2003) promovidos nesses encontros na floresta escola.

## 2.4 A Floresta e os Cotidianos Escolares

Diante da multiplicidade de cotidianos escolares possíveis, a Floresta Cultural Parque Três Meninos acolhe diversas iniciativas.

Caminhar pela praça que dá acesso à entrada da Floresta pela Praça Parque Três Meninos, ao se olhar do lado esquerdo encontra-se uma grande voçoroca na galeria de águas pluviais e das nascentes e ao se olhar do lado direito nota-se mudas de árvores que perfazem toda área plana do início da praça até encontrar-se com o início da floresta.

São mudas de diferentes espécies nativas, em sua maioria de árvores primárias, que chegaram à praça como colonizadoras, pois a partir destas são atraídos insetos, pássaros e pequenos répteis e mamíferos numa maneira de traçar

um corredor biológico ligando a parte urbana “asséptica” de vida para à diversidade biológica presente na floresta.

Assim, percebemos que estamos diante de uma multiplicidade de olhares: de um lado a erosão e ambiente hostil à vida e de outro lado a recomposição da paisagem e formas de resistência e persistência da vida se manter com a flora e fauna que perfazem realidades possíveis.

A iniciativa do plantio das mudas na praça da entrada da Floresta Cultural Parque Três Meninos nasceu no cotidiano escolar dos estudantes e professores do curso de Gestão Ambiental da UNESP Sorocaba e foi viabilizada com a parceria dos guardiões da floresta.

Em plena seca de inverno 2017 foram plantadas 200 mudas de árvores nativas primárias e secundárias na praça e na parte de trás da Floresta, onde se têm acesso à floresta pela mata de leucenas. Os estudantes e professores organizaram o plantio com a comunidade local e a manutenção das mudas é realizada por pessoas que se sensibilizaram com o projeto (guardiões da floresta, moradores e visitantes).

Adentrando a caminhada até a área de acolhimento na floresta vemos pedras empilhadas na tentativa de conter uma forte erosão causada pelo escoamento de terra dos condomínios circunvizinhos da floresta, advinda da falta de manejo adequado das águas pluviais.

Além disso, uma imensa voçoroca provocada pela terraplanagem realizada num loteamento liberado pela Prefeitura Municipal de Sorocaba causa estranheza por se tratar de área com inúmeras nascentes e em declive.

Escancara-se a urgência de tratar das questões ambientais, éticas e políticas. Em meio ações antrópicas desastrosas, que já arrastaram árvores e ameaçam engolir uma nascente, uma verdadeira aula de cidadania!

Diferentes motivações levaram a nos encontrar na Floresta em prol do mesmo objetivo: o cuidado com uma área verde que resiste à forte especulação imobiliária na região. Diferentes trajetórias e um destino comum: a preservação daquela floresta urbana, a manutenção da vida na Floresta Cultural Parque Três Meninos.

Dia bastante ensolarado, que os guardiões da floresta acolheram os vizinhos que foram chegando de logo ali do mesmo bairro e pessoas vindas de cidades da região como Boituva, Itu, Campinas, São Paulo e uma estudante de Curitiba.

Alí conheci a Professora Maria Antônia Quesada, nossa Mazé, que me contou a respeito do seu trabalho na escola “João Machado” e sua vontade de trabalhar com os estudantes na produção de alimentos numa horta agroecológica.

Mazé queria saber como ser uma guardiã da floresta: quais as atribuições, carga horária semanal, escalas de trabalho durante as férias escolares. Não havia nada formalizado, a resposta foi que se doasse conforme fosse o seu desejo. Eis que a floresta conquistou mais uma guardiã.

Conheci também a estudante de arquitetura Mariana, que estuda bioarquitetura e posteriormente auxiliou na organização do Mutirão Agroflorestal, onde foi facilitadora em oficina e iniciou-se a construção em taipa da sede da Floresta Cultural.

Após algumas semanas, ao buscar o destino “Escola João Machado” no aplicativo do Google Maps, chego na Escola Estadual João Machado de Araújo, no Bairro Arco Íris, em Sorocaba e damos início às rodas de conversas e atividades lúdicas com os estudantes de 1ª a 5ª ano do ensino fundamental.

Finalizamos os trabalhos da manhã e da tarde com a montagem de canteiros em diversos formatos, produção de mudas, revolvimento de material orgânico na composteira e muitos sorrisos, olhares e palavras de gratidão pelo dia diferente que envolveu mais de mil estudantes, sete professores, equipe gestora, cozinheiras, auxiliares de cozinha, sete guardiões da floresta, mãe de guardião e companheiro de guardiã.

A cada atividade são construídas novas conexões entre pessoas de diferentes meios e o trabalho desenvolvido na Floresta Cultural desperta o interesse do Professor Marcos Reigota, professor da Universidade de Sorocaba (UNISO), que convida os guardiões da floresta para participarem de uma aula no curso de arquitetura, onde a proposta é uma roda de conversa a respeito das iniciativas populares frente à complexos problemas ambientais globais, as rotas de fuga encontradas ao propor soluções locais quando cada cidadão assume a responsabilidade ao se perceber como agente de transformação na consolidação da democracia e busca por condições dignas de vida.

Assim, os integrantes dos grupos de estudos Perspectivas Ecologistas de Educação e do coletivo Ritmos de Pensamento, coordenados pelos professores Marcos Reigota e Alda Romaguera, respectivamente, ambos da Universidade de Sorocaba, também se aproximam da Floresta Cultural Parque Três Meninos e

passaram a organizar uma residência artística denominada “Ritos de Passagem” na Casa de Acolhida Rosa dos Ventos, propriedade do professor Carlos Brandão, da UNICAMP, em Pocinhos do Rio Verde, município de Poços, em Minas Gerais.

A residência artística reúne os guardiões da floresta, pesquisadores do grupo Ritmos, pesquisadores da UNICAMP, artistas, professores da rede municipal de Caldas Novas, artesãos e outros sob facilitação do ativista ambiental Bené Fonteles, numa oportunidade de aprendizado na busca por inventar e reinventar o mundo nesse potente encontro firmando alianças em prol de um mundo que resiste, como na frase de Krenak (2019), ecoada por Bené Fonteles, na obra OcaTaperaTerrero, em 2016, na Bienal de São Paulo, para “adiar o fim do mundo”.

A parceria entre a Floresta Cultural e a UNISO e UNICAMP se oficializou num convênio com o grupo de pesquisa coordenado pela professora Suzana Dias, que é uma das editoras da revista ClimaCom Cultura Científica – Pesquisa, jornalismo e arte que pertence a subrede de divulgação científica de mudanças climáticas da Rede Clima e a Rede Brasileira de Pesquisa das Mudanças Climáticas Globais.

Segue a Floresta Cultural Parque Três Meninos como cenário e seus guardiões como sujeitos de uma pedagogia de vivência nos diferentes cotidianos escolares com experiências na comunidade local, como também inserção internacional em conversas inspiradas em Paulo Freire e Bené Fonteles para adiar o fim do mundo.

## **2.5 Floresta que acolhe**

O convívio de famílias na Floresta Cultural Parque Três Meninos também propiciou uma importante reflexão a respeito de novas práticas educativas baseadas no amor ao meio ambiente, na criatividade, na valorização da cultura do campo, da cidade e da floresta e no respeito ao tempo e forma de aprendizado de cada indivíduo.

Ao ver seus filhos brincando livremente e fazendo de cada brincadeira, sua própria experiência e descoberta, um grupo de pais frequentadores da Floresta Cultural, experimentou possibilidades de aprendizado a partir do olhar de suas crianças, conforme explicita Alcatá, Lima e Baully (2019, p.1):

[..] um grupo de pais e educadores insatisfeitos com o padrão de educação oferecido pelo atual modelo de sociedade, se reúne para pensar em ações para além dos processos de ensino-aprendizagem convencionais, inaugurando outras possibilidades de acesso a convívio, relações com a natureza, cultura e aprendizagem. Um movimento onde crianças e adultos vivenciam juntos a práxis pedagógica. Onde os adultos se permitem aprender com as crianças e se reconhecem como referências e que, portanto, precisam cuidar da sua própria saúde física, mental e espiritual. E onde as crianças aprendem sobre o mundo e a vida brincando livremente, através das suas próprias descobertas.

**Figura 5 - Comunidade que Sustenta a Educação**



Fonte: Carla Suresh Alcalá; José Felipe Godoy Mello Lima; Luanda Augusto Bauly, 2019.

A Floresta Cultural acolheu a iniciativa de educação não formal que estava germinando em seu solo fértil e seus idealizadores contam que:

Criou-se então a Comunidade que Sustenta a Educação (CSE), um coletivo formado por crianças com idade entre 2 e 7 anos e agentes sociais locais - familiares das crianças, pedagogos, educadores ambientais, artistas e outros profissionais - que contribuem com as tarefas administrativas e pedagógicas de forma horizontal e democrática. Durante o processo de formação, o CSE estimulou a participação e engajamento por meio da divulgação das ações em mídias sociais e de um grupo de whatsapp onde todos os participantes são administradores e adicionam constantemente novos simpatizantes pela ideologia do movimento. (ALCALÁ; LIMA; BAULY, 2019, p.1)

Assim a Comunidade que Sustenta a Educação (CSE) cresceu vigorosa e se esparramou por outros espaços públicos da cidade de Sorocaba como no Parque da Biquinha, Biblioteca Municipal e centros comunitários com atividades diárias de segunda a sexta-feira e aos finais de semana com reuniões de planejamento e ações visando o fortalecimento do grupo.

Além dos espaços urbanos, às quintas-feiras passaram a ser realizadas atividades no sítio “Mãe Terra”, no Assentamento Rural Bela Vista, na zona rural de Iperó, possibilitando uma infinidade de possibilidades como a relação das crianças com a produção de alimentos agroecológicos, valorização do trabalho camponês, observação dos ciclos das plantas, sazonalidade, responsabilidade pelos costumes e impactos que produzimos.

## 2.6 A floresta que controla

A construção do presente texto ocorreu a partir da proposta da disciplina “Desafios da Escola Contemporânea I” cursada no Programa de Pós-Graduação da Universidade de Sorocaba durante o 1º semestre de 2016. O filme “A Vila” (*The Village*, USA, 2004), escrito e dirigido por M. Nighth Shyamalan, o qual nos conduziu a pensar nas organizações sociais e nos desafios da escola no mundo contemporâneo.

A adaptação para o texto da tese evidencia a questão do controle dos corpos e mentes a partir de um medo produzido subjetivamente, o medo da floresta, aqui trazido como o medo do desconhecido. O ponto de partida para tais reflexões foram provocadas diante da pergunta de Sílvio Gallo (2009):

[...] em que medida não fazemos de nossas escolas, de nossas salas de aula, espaços fechados, como essa vila de Shyamalan, tentando impedir que crianças e jovens experimentem o mundo, com medo do terror e da violência? Em que medida não é nosso próprio medo que é transformado no medo de todos, garantindo a coesão de nossa vida em comum, para além de qualquer possibilidade de assumir riscos, de ir além, de superar-se e deparar-se com o novo? (GALLO, 2009, p.20)

Nesse sentido, o presente texto busca, ainda que inicialmente, contribuir com o diálogo possível de se estabelecer entre os sujeitos envolvidos no cotidiano escolar e o enredo do filme “A Vila” a fim de traçar analogias e compreender os desafios da escola no mundo contemporâneo. Tais desafios perpassam pela questão do medo generalizado, da intolerância com o diferente, da liquefação de valores, dos dispositivos de poder, do fundamentalismo e comportamentos sociais que serão brevemente discutidos pautando-se em teóricos como Michel Foucault, Giorgio Agamben, Paulo Freire, Sílvio Gallo e Zigmunt Bauman, entre outros.

A coerção social e política no filme “A Vila” são mantidas pelo medo dos monstros que habitam a floresta, medo de sair da vila e pela constante vigília dos anciãos. A partir do filme é possível uma analogia entre a obsessão por segurança do mundo contemporâneo que nos insere dentro de condomínios, casas e apartamentos com suas cercas elétricas e sistemas de monitoramentos, e cerceia, assim, a nossa liberdade (VEIGA-NETO, 2009). No filme, criaturas abomináveis que sequer tinham nomes “*those we don’t speak of*” são “aqueles de quem não falamos”, “os outros” diferentes de nós, são utilizados como instrumento de controle, ou seja, pelo medo das criaturas (do outro), deixamos de nos relacionarmos com liberdade. “O outro” é a materialização do medo do que não é conhecido.

Assim como na vila, na escola, estamos cercados de normatizações, torres de vigília e normas estabelecidas com o objetivo de paralisar qualquer ação libertadora no cotidiano escolar, como algumas propostas de lei que incluem entre as diretrizes e bases da educação nacional, o “Programa Escola Sem Partido”, por exemplo, tipifica o crime de assédio ideológico ao prever pena ao professor, coordenador, orientador educacional, psicólogo escolar, entre outros, que adotarem posicionamentos políticos, partidários ideológicos ou qualquer tipo de constrangimento causado por outrem ao aluno que adotar posicionamento diverso do seu. Como é possível educar sem analisar a sociedade e as nossas realidades? Tais leis silenciadoras pretendem barrar, a partir da coerção e do medo, os avanços pedagógicos conquistados nos últimos 13 anos (Leis n.10.6039/2003 e Lei n.11.645/2008).

Ainda sobre o medo, Bauman (2008), cita que a insegurança e o medo no ambiente líquido-moderno não se configuram de forma objetiva, observa-se, então, a generalização e subjetivação do medo. Nesse sentido, avanços tecnológicos proporcionam a melhoria da qualidade de vida, a internet deveria ser instrumento de disseminação de informações transformadoras, porém o outro lado dessa moeda as informações replicadas são reflexo do medo, da insegurança e da intolerância ao diferente.

Bauman (2011, p.112) alerta que “os desafios do nosso tempo impõem um duro golpe à própria essência da ideia de educação formada ainda nos albores da longa história da civilização”. Afirma que a ideia pedagógica e suas características construtivas, que resistiram às crises do passado, precisam de substituição para atender os desafios contemporâneos no contexto das profundas modificações

tecnológicas, sociais, políticas e culturais, caracterizadas pela liquidez de valores, do medo e da insegurança.

Realizando a relação entre o medo, a educação e o fundamentalismo, Walter Matias Lima (2009) cita que educar para o medo é educar para o fundamentalismo e repetir o mesmo como se bastasse e, paradoxalmente, coloca o fundamentalismo como uma manifestação do medo, da insegurança, da perda da identidade ameaçada pelo diferente.

Segundo Gallo (2009), a necessidade de negar a tecnologia advinda da cidade a ponto de perder as esperanças e se isolar, com a recusa de se viver em centros urbanos, caracteriza o apelo fundamentalista do filme “A Vila” e Veiga-Neto (2009) descreve a floresta e seus habitantes como uma metáfora das insistentes tentativas dos fundamentalistas para demarcar fronteiras, para separarem “nós” (os “bons, verdadeiros e puros”) dos “outros” (os “maus, falsos e impuros”).

Corroborando com Gallo (2009), Veiga-Neto (2009, p.9) discorre sobre a utilização do conceito de fundamentalismo num sentido menos comum e mais amplo ao designar “qualquer postura intelectual ou movimento social cujos partidários mantêm restrita, inarredável e intransigente obediência a determinados princípios fundamentais”. Tais princípios constituem a base de um conjunto ordenado de valores, sentimentos e concepções de natureza intuitiva, anteriores à reflexão, a respeito da época vivenciada, e quanto mais sólida a base e mais articulados os seus princípios, seus partidários não se enxergarão como prisioneiros de tais princípios, pois entenderão que seus princípios são válidos.

Com isso o fundamentalismo presente no filme “A Vila” transforma o que é próprio dos anciãos (suas necessidades e interesses) em algo que se torna absoluto e passa a ser válido universalmente, naturalizam princípios tidos como verdade absoluta e se mantêm a “ordem” na comunidade a partir do doutrinamento alienador. No âmbito escolar, Gallo (2009) define como “fundamentalismo pedagógico” a postura fundamentalista em educação, na qual partimos de determinados princípios e valores para construir currículos, metodologias de ensino, relações pedagógicas.

Assim como no mundo contemporâneo, a escola contemporânea é sustentada na hierarquia e na autoridade, na vigilância e na punição, carrega dentro de si ideologias das classes dominantes e busca disciplinar os corpos dos sujeitos envolvidos no processo educacional (PONCIATO e RIBEIRO, 2014). Pode-se afirmar que no filme “A Vila”, assim como no cotidiano escolar, são utilizados

dispositivos que exercem o papel de manter uma relação de poder e de coerção social objetivando, assim, a manutenção do *status quo*.

Acerca dos dispositivos de controle, Giorgio Agamben (2009) ressalta a importância das questões terminológicas na filosofia e propõe que a palavra “dispositivo” seja um termo técnico decisivo na estratégia do pensamento foucaultiano, sendo assim define “dispositivo” a partir de três pontos:

[...] a. É um conjunto heterogêneo, linguístico e não-linguístico, que inclui virtualmente qualquer coisa do mesmo título: discursos, instituições, edifícios, leis, medidas de polícia, posições filosóficas etc. O dispositivo em si mesmo é a rede que se estabelece entre os elementos. b. O dispositivo tem sempre uma função estratégica concreta e se inscreve sempre numa relação de poder. c. Como tal, resulta do cruzamento de relações de poder e de relações de saber. (AGAMBEN, 2009, p.29)

Assim como colocado pelo autor, a normas que regem o ambiente escolar submetem os estudantes a uma disciplina que lhes é exigida. Foucault (2002, p.103) discorre acerca da “vigilância individual e contínua, em forma de controle, de punição e recompensa em forma de correção, isto é, de formação e transformação dos indivíduos em função de certas normas”.

Agamben (2009) ainda ressalta que os dispositivos utilizam a rede de práticas e de discursos, de saberes e de exercícios para a criação de corpos dóceis que assumem a sua identidade e a sua “liberdade” de sujeitos no próprio processo de seu assujeitamento na sociedade disciplinada. Assim, identifica-se tal criação de corpos dóceis tanto no enredo do filme “A Vila” quanto nas salas de aula da sociedade contemporânea.

Seguindo esse mesmo raciocínio, Ponciato e Ribeiro (2014) relatam que a “fabricação de identidade” é imposta pela escola ao deliberar comportamentos tidos como normais e aceitáveis, por meio da elaboração de regras acatadas e legitimadas pela sociedade. No filme “A Vila”, um personagem que foge aos padrões impostos pelos dispositivos é Noah, o qual representa o conflito existente entre a razão e a própria vontade, é mantido preso a cada vez que infringe uma regra e provoca o desequilíbrio da aparente harmonia que envolve os moradores da Vila.

No campo pedagógico, o contraponto a tal assujeitamento dos indivíduos é apresentado por Paulo Freire ao tecer críticas à educação antidialógica e alienante, conceitua a “educação bancária”, e aclama por uma pedagogia que liberte os oprimidos (FREIRE, 1987), assim, defende a promoção da união em prol de uma

educação para a “liberdade e para a libertação”, que possa oferecer poder e domínio da palavra, ao fazer o contraponto com a “cultura do silêncio” (FREIRE, 2011).

Pereira (2013) também critica a instituição escolar que visa formar um determinado tipo de sujeito assujeitado ao sistema social capitalista como instrumento de manutenção dos interesses das elites, sendo assim, sugere que sejam fortalecidos elementos para a construção de uma base comum visando uma pedagogia transformadora do sujeito e da sociedade.

Assim, “A Vila” retratada no filme nos remete ao cotidiano da escola contemporânea, que cada vez mais se cerca de “panópticos” eletrônicos, de controles em nome da segurança dos alunos, e se isola, se esteriliza:

A Vila se aloja no interior de cada escola, frente à violência do mundo, frente ao desmanche de certezas, frente a toda essa negação, no campo de valores, no campo do conhecimento, no campo das crenças, somos dominados pelo desejo de proteger os estudantes, de construir pra eles uma redoma de segurança, dentro da qual possam viver felizes, sem ser atingidos pelas mazelas e horrores do mundo. (GALLO, 2009, p.14)

No filme de Shayamalan, a esperança é representada pela personagem Ivy Walker, a jovem cega que ultrapassa os limites da vila e do medo dos seres da floresta em busca de socorro. No nosso cotidiano escolar, a esperança em extrapolar os domínios da redoma é a possibilidade da recusa em “formar um reprodutor” e assumir riscos, demonstrar o poder de escolha do estudantes e os caminhos que poderão ser trilhados, com discernimento e senso crítico, que seja para promover um cidadão empoderado e livre do que é imposto pela sociedade, representados pelos limites da “vila”, representado pela floresta e seus perigos subjetivos e ocultos.

## **2.7 Será que as pessoas querem ser autônomas?**

Essa foi a questão levantada pelo professor Marcos Reigota durante a reunião do grupo de estudos Perspectivas Ecologistas de Educação.

Estou há meses pensando a respeito da busca da autonomia individual e coletiva nesses grupos que tenho acompanhado (CSE – Comunidade que Sustenta a Educação e Floresta Cultural Parque Três Meninos).

A reflexão em sala de aula leva a crer que a maioria das pessoas espera que o outro resolva todos os problemas. Desde questões banais até problemas sociais e

históricos complexos. Exemplo disso é a elaboração de um mero estatuto social com as regras dos coletivos que conheci até o questionamento de comportamentos de massa que trazem uma onda de problemas ambientais para a sociedade.

Fato é que não existe receita de bolo e que há muita dificuldade na construção conjunta de processos, documentos, ações que promovam reflexão acerca da reprodução de comportamentos que muitas vezes são julgados como inadequados.

Há uma resistência em fazer de outro modo.

Os coletivos também são encontros de diversos indivíduos, cada qual com sua trajetória, sua luta diária, e seu ego.

## **2.8 A primavera acabou em agosto**

Voava tranquila de volta para meu ninho, após passar o final de semana com amigos num paraíso natural, próximo a represa de Itupararanga, em Votorantim/SP. Era o final de uma tarde de domingo de agosto de 2018.

No dia anterior, quando saí logo nos primeiros instantes da aurora, meu ninho havia ficado organizado e sem perigo de exposição aos predadores. Porém, ao avistar a avenida São Paulo, localizada na Zona Leste de Sorocaba/SP, notei que algo muito ruim ocorrera por ali.

As primaveras, símbolos daquela região, onde havia a Árvore Grande que deu nome ao bairro, já não se podiam avistar. Meu coração acelerou, assim como minha ânsia de chegar logo e saber o que estava se passando.

A cena era desoladora, todos os pés de primavera haviam sido cortados no tronco, meu ninho foi para o chão, assim como todos os outros. Atônita, passei a buscar informações sobre o ocorrido e outras aves, assim como eu, estavam incrédulas, sem entender absolutamente nada. Por que haveriam de cortar todas as primaveras que não faziam mal nenhum àquele espaço, pelo contrário, o deixava mais alegre com suas flores deslumbrantes cor de maravilha a despencar pelos galhos carregados?

Um casal se achega, ela parece fotografar ou filmar a cena brutal: apenas troncos por todo lado e as flores, antes tão vivas, pareciam lágrimas esparramadas pelo chão. Havia tanta vida ali.

Resolvo pernoitar em uma das grandes árvores que ficam a poucos metros de onde antes eu vivia as minhas noites tranquilas.

Na manhã seguinte, após meu vôo matinal, retorno para acompanhar a movimentação. Eu e meus vizinhos queremos entender o que ocorreu ali, qual o motivo de tanta violência e descaso para com aquelas primaveras, nosso abrigo e de tantos outros seres menores.

Avisto a chegada de caminhões e trabalhadores, pelo que entendemos era de uma empresa terceirizada, contratada pela Secretaria de Meio Ambiente de Sorocaba.

Muitas pessoas que passaram por ali ficaram tão incrédulas quanto nós, e pudemos ouvir lamentos de senhoras que iam até o supermercado próximo buscar o pão fresco para o café da manhã: *“nossa, não acredito, tão lindas as primaveras, por que fizeram isso?”*. De jovens e adolescentes enquanto passavam correndo para alcançar o ponto de ônibus: *“caracas mano, olha só isso! Vixe, virou pó as árvores, parça. Será que ainda vai dar flor? Dá nada, olha como morreu tudo”*.

Outras crianças pequenas, com uniforme da escola, chegaram correndo e, num espanto, uma virou para a outra e perguntou: *“olha só, cadê a nossa caverna? Será que passou um furacão por aqui e levou tudo embora?”*. Ao que a outra respondeu: *“não, não está vendo? Arrancaram todas aquelas árvores. Acabaram com nosso esconderijo. Estão colocando grama em tudo. Não vamos mais poder brincar de caverna!”*

O casal que estava fotografando voltou. A moça parecia bastante abatida e conversava com algumas pessoas tentando saber o que tinha acontecido. Com uma senhora, ela se lamenta, *“a senhora viu o que fizeram?”* e a senhora responde, *“sim, estou aqui olhando. Cortaram tudo? Minhas sobrinhas-netas choraram quando viram. Coisa triste acabar com um lugar tão bonito de nosso bairro”*. A moça, apanhando as flores pelo chão diz, *“eu também chorei e ainda choro, não consigo acreditar, estou guardando as últimas flores e pensando o que posso fazer para demonstrar a minha tristeza e insatisfação”*.

Outras pessoas também se aproximaram, e uma mulher que se dizia moradora dali, desabafou: *“quando vi os trabalhadores cortando eu perguntei o que iam fazer. Responderam que era poda. Mas olhem que coisa que fizeram! Acabaram com tudo! Foram arrancando cada dia mais, até que cortaram até os troncos das árvores. Cheguei a questionar novamente, aí falaram que é bicho nas árvores, que*

*tava tudo condenado. Mas eu não acredito, não. As primaveras estavam bem fortes, e árvore com bicho não dá flor daquele jeito. Agora ficou assim, parecendo um cemitério.”*

Pelo jeito, a moça das fotos é briguenta, pois ela vai de um por um dos trabalhadores que ali se encontram, inclusive descarregando motosserras, e os questiona, mas ouve apenas algumas respostas evasivas de que tinham ordens para realizar aqueles cortes, de que ela não deveria se preocupar, pois ali seria feito um projeto de jardinagem que a deixaria orgulhosa.

Mas a baixinha não deixava quieto, ela era entendida do assunto e queria saber por que as plantas não foram podadas, o que seria a ação correta a ser feita, ao invés de cortadas no tronco como haviam sido. Mas ninguém respondia, pelo contrário, ainda diziam a ela que tirariam todo o tronco restante: ali, já não haveria mais primaveras no futuro.

Consegui ouvir uma história de que o serviço tinha sido solicitado a partir de reclamações de comerciantes da região, que alegavam que as plantas estavam grandes demais e, embaixo delas, poderiam se abrigar moradores de rua ou outras pessoas desocupadas que poderiam causar transtorno aos transeuntes e aos estabelecimentos locais.

Engraçado que na parte de cima da avenida, onde se encontravam os diversos pés de primaveras, não há quase estabelecimentos comerciais. Há igreja, casas, a entrada de um condomínio, algumas empresas, um bar, que fica na esquina de baixo, onde nem havia primaveras e sim uma grande árvore bem diante dele, e uma oficina mecânica mais na parte de cima.

Começo a me questionar: era preciso uma ação tão drástica?

Ouvi a moça explicando aos trabalhadores, que se empenhavam em arrancar os troncos até suas raízes, que aquelas primaveras não ofereciam nenhum risco naquele espaço, elas não estouram calçadas, não avançam com suas raízes sob o asfalto da avenida, não sufocam ou inibem o crescimento de outras espécies. Bastaria uma poda bem feita para que elas pudessem continuar florindo e contribuindo com o embelezamento e a alegria daquele espaço.

Uma moça ruiva chegou apressada, disse que veio conferir, porque estava incrédula com a notícia e se enfureceu ao olhar os canteiros: *“Que assassinato! Os anos que estou em Sorocaba elas estiveram aqui, 17 anos pelo menos... Com tanta “erva daminha” para ser retirada... um absurdo”*. A moça baixinha diz que nenhuma

erva é considerada maléfica (daninha) na natureza, e concordou que algumas pessoas ou “daminhas” da sociedade realmente são nocivas.

A moça ruiva acenou para um morador desse condomínio aqui em frente, um senhor de olhos azuis bem expressivos que, com revolta na voz, se disse indignado como cidadão e morador local, pagador de impostos e que comprou a casa dele ali justamente por causa daquele jardim de primaveras.

Continuo ali observando toda a movimentação, o casal não parava, andava de um lado para outro, ela com o celular sempre na mão, falando com dezenas de pessoas. Parecia que ela estava tentando o contato do secretário municipal de meio ambiente, ou seja, queria falar diretamente com o responsável de tudo aquilo que estava acontecendo.

Em alguns momentos, ela parecia bastante irritada, pois alguém que teria o contato do secretário estava dificultando a comunicação; pelo que pude entender, havia grandes interesses em ter uma relação amigável com o dito cujo. Coisas da política.

Nesse momento, um casal, pelo visto de amigos, que moram no condomínio em frente, vieram conversar com a baixinha. A senhora, com uma fala mansa e quase cantada, me deixou emocionada: *“todo dia eu podia ouvir os passarinhos, tinha um ninho de quero-quero aqui no chão, essas primaveras estavam cheias de ninhos de passarinhos. Um crime isso que aconteceu. Estou arrasada com tanta maldade. Por que tiraram as primaveras?”*

Foi de cortar o coração, as duas se abraçaram e a moça baixinha e briguenta falou que estava organizando uma manifestação pacífica para demonstrar o descontentamento com aquela ação, ao que o senhor comentou: *“momento de dor para uma terra machucada! Há de se organizar uma manifestação pacífica. Não podemos calar numa hora dessas, são ações micropolíticas nos espaços da cidade que podem mostrar a força do povo.”*

Tais manifestações reverberam em meu peito de passarinha que perdeu seu ninho e teve que alçar vôos para outra morada.

E a manifestação de fato aconteceu. Na manhã de quarta-feira, depois de terem arrancado a maioria dos troncos, impossibilitando a rebrota das primaveras, a moça baixinha chegou e, em silêncio, junto com seu parceiro e mais outro casal que recolhem animais abandonados ou machucados, nas ruas, fincaram estacas de

cruzes com as flores das primaveras coladas. Ela deu o nome de Cemitério de Sentidos. Foi uma cena triste, mas muito poética e significativa.

Diante de tudo que se passava, um dos funcionários veio até o casal e tentou, de alguma forma, consolá-los: *“os galhos das primaveras que foram levadas daqui já estão no Horto Municipal, e vamos fazer muitas mudas e quem sabe a gente possa organizar para que vocês possam pegar algumas mudas e promover um plantio aqui no bairro?”*

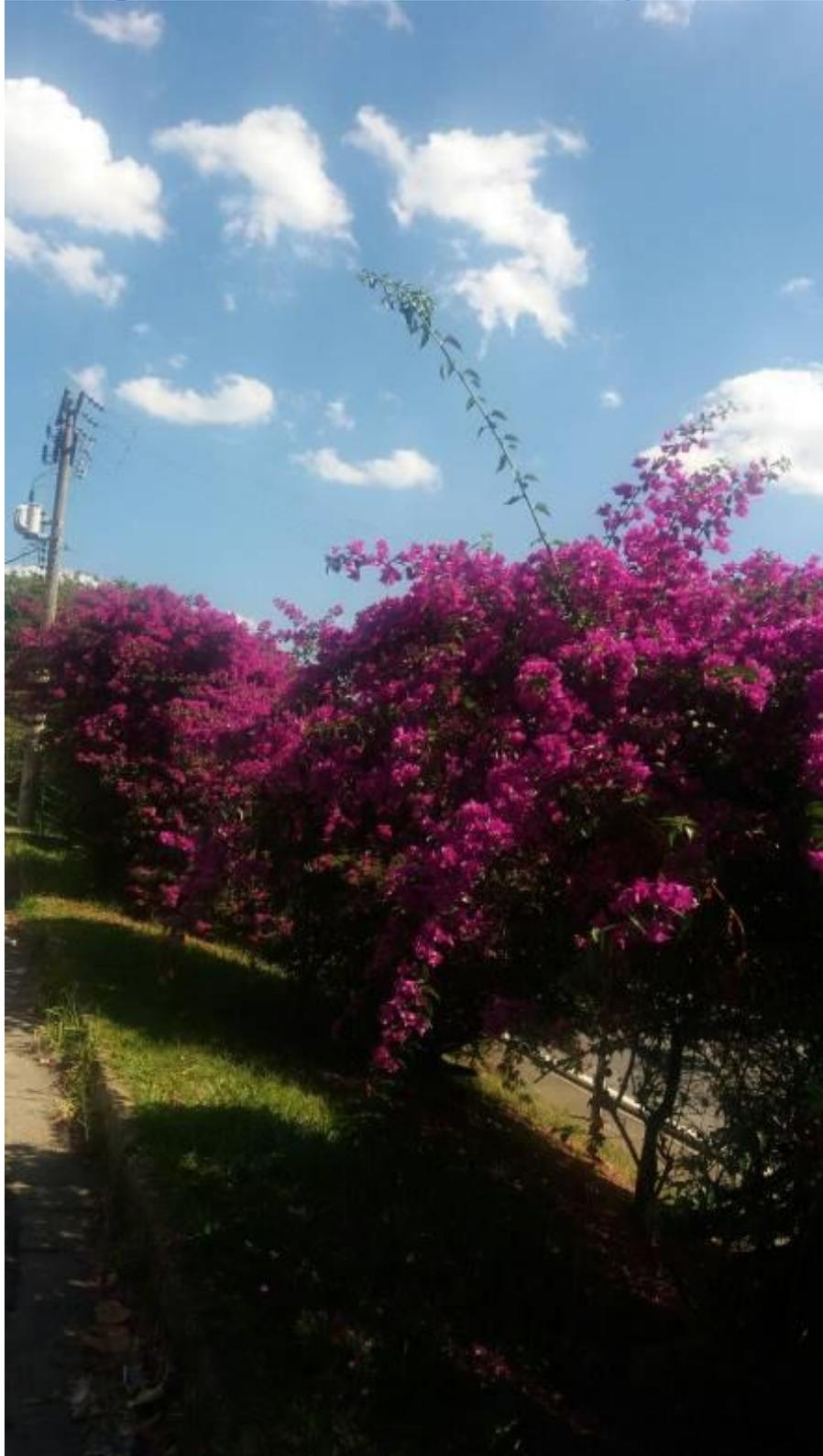
Uma mulher que passava por ali e ouviu a conversa, chega e começa a contar: *“olha faz uns vinte anos que passo por essa avenida e sempre essas primaveras estiveram aqui. Coisa mais bonita! Minha filha cresceu pegando as flores que estavam no chão e levando para mim todos os dias, quando saía da escola. Era uma felicidade para ela, quando chegava em casa, com as mãos cheias das florzinhas, eu colocava água numa vasilha e ela ficava um tempo, admirando elas flutuarem, até eu servir o almoço.”*

Entre tantas narrativas que pude acompanhar, algumas especiais como essa última, também pude ouvir de alguns senhores que por ali passaram que agora estavam felizes, tudo ali se manteria limpo e mais apresentável, pois antes, com aquele tanto de primaveras, muita gente acabava jogando seus lixos, sendo que até muitos “desocupados” acabavam ficando por baixo dos galhos, nas sombras.

A semana toda houve movimentação em torno do desastre provocado pela Secretaria de Meio Ambiente de Sorocaba. Muito pouco foi explicado, pude registrar mais lamentos do que satisfação pelo ocorrido e no final das contas, fiquei pensando: para justificar os altos contratos realizados no âmbito da administração pública, metem os pés pelas mãos e não têm o mínimo de cuidado em desenvolver um projeto ambiental que respeite as espécies que já se encontram no lugar, a história e os afetos que as pessoas e nós, animais, criamos com a paisagem, mesmo a urbana, muitas vezes barulhenta e poluída.

Porém, como diria o poeta, “eles passarão, nós passarinhos”.

**Figura 6 - Céu e sombra fresca da floresta de primavera**



Fonte: Alda Romaguera, 2018.

Figura 7 - Primavera mutiladas



Fonte: arquivo pessoal.

**Figura 8 - Um caminhão de primaveras mutiladas**



Fonte: arquivo pessoal.

Figura 9 - Rebrota da primavera



Fonte: arquivo pessoal.

**Figura 10 - Corte raso**

Fonte: arquivo pessoal.

**Figura 11 - Sepulcro Tributo à primavera**

Fonte: arquivo pessoal.

**Figura 12 - Paisagismo desastroso**



Fonte: arquivo pessoal.

**Figura 13 - Cemitério de sentidos**



Fonte: arquivo pessoal.

### **2.8.1 Ações micropolíticas na cidade: sensibilidade de uns e desprezo de outros**

O ocorrido com o corte das primaveras na Avenida São Paulo, importante via de acesso que liga o centro da cidade de Sorocaba à Zona Leste, Rodovia Raposo Tavares e a Cidade Universitária Professor Aldo Vannucchi, da Uniso, demandou grande energia de minha parte, primeiro porque sou moradora local e sempre me locomovo por ali, depois é uma questão de luta enquanto guardiã da Floresta Cultural, que também se localiza muito próxima daquela região.

A falta de comunicação e uma explicação condizente com a ação realizada, demonstra a falta de cuidado com as questões ambientais do município e, o desrespeito com a população que paga seus impostos e pouco ou quase nunca é ouvida sobre as necessidades dos serviços públicos, quanto mais sobre as questões das vidas das espécies que deveriam ser levadas em conta em tantos empreendimentos, como os imobiliários, responsáveis pelo aterro de nascentes, assoreamento de córregos e devastação de matas nativas.

Como engenheira agrônoma, pude analisar o corte realizado nas plantas, e a proximidade dele ao solo impede que elas possam se restabelecer naquele local. Fiz questão de medir o diâmetro do caule para poder questionar, como é determinado na legislação municipal, quem faz a avaliação técnica e a autorização de corte de árvores.

Além da mobilização realizada com os moradores locais que se sensibilizaram com a questão e ajudaram a montar o cemitério, simbolizando o extermínio das famosas primaveras que embelezaram o caminho pela Avenida São Paulo por mais de vinte anos, criamos uma rede de apoio, com amigos, grupos de pesquisa, professores universitários e atuantes de grupos de proteção animal.

O contato com o ativista ambiental Gabriel Bitencourt, colunista da Rádio e Portal Ipanema FM, foi importante para o movimento, pois tão logo soube do ocorrido, se solidarizou e iniciou uma série de questionamentos e denúncias em todos os canais de comunicação de seu acesso.

Assim, chegamos ao Secretário do Meio Ambiente, Sr. Jessé Lourdes, e também ao promotor municipal de Meio Ambiente, Sr. Jorge Marum. Os diálogos que conseguimos travar não avançaram, as alegações estavam sempre pautadas nas reclamações vindas de comerciantes ao longo da avenida. Nenhum documento

técnico foi apresentado para justificar a extração de tantas árvores saudáveis e que emprestavam uma estética alegre e colorida para a cidade, fadada ao concreto e à poluição visual de fios, placas, propagandas e que pouco se importa com a vida que não seja a humana, muitas vezes também resumida àquelas que compreendem o círculo social de cada pessoa.

Conseguimos realizar uma audiência pública na Câmara Municipal, com o objetivo de denunciar a ação e solicitar maiores esclarecimentos dos responsáveis. Na audiência, entreguei aos presentes cartões com as flores das primaveras e passamos um vídeo que produzimos registrando a violenta ação contra as plantas.

O vídeo se chamou *2018 a Primavera acabou em Agosto – Avenida São Paulo, Sorocaba*. A trilha sonora foi “*Que fim levaram todas as flores?*”, composição de João Ricardo e lançada pelo grupo Secos e Molhados, sugerida pelo Professor Marcos Reigota. As imagens mostravam o lugar onde as primaveras figuravam deslumbrantes com seu roxo vivo, em floração vigorosa, seguida de imagens com os cortes realizados nas árvores, o caminhão que prestava serviço para a Prefeitura Municipal de Sorocaba carregado com troncos, a manifestação pacífica do “Cemitério dos Sentidos”, a grama e as poucas plantas colocadas no canteiro – um paisagismo mal planejado, resultado desastroso e fadado ao fracasso.

**Que fim levaram todas as flores?**

Secos e Molhados, 1978

Que fim levaram todas as flores  
Que o preto velho me contava?  
Que fim levaram todas as flores  
Que a rainha louca não gostava?

Que a lapela morta carregava  
Que olhar de todos me lembrava  
Que fim levaram todas as flores  
Que qualquer coisa não estragava?

Em qualquer dia que podia  
Com grande amor e alegria  
Que fim levaram todas as flores  
Que a criança as vezes me pedia?

La la la la....

Que a lapela morta carregava  
Que o olhar de todos me lembrava  
Que fim levaram todas as flores  
Que qualquer coisa não estragava?

Em qualquer dia que podia  
 Com grande amor e alegria  
 Que fim levaram todas as flores  
 Que a criança as vezes me pedia?  
 Que fim levaram todas as flores  
 Que a criança as vezes me pedia?  
 Que fim levaram todas as flores?

No canteiro, no lugar das primaveras já adultas, foram plantadas algumas mudas de árvore bastante espaçadas e solitárias. Durante os primeiros dias após a reforma dos canteiros, os caminhões pipa da prefeitura jogaram água no local, porém, com o passar das semanas, notou-se que as mudas estavam secando e algumas morreram.

Os dias seguiram e o descuido com as novas plantas resultou numa sensação de impotência diante do extermínio da vida que ali estava presente e pulsante.

#### Manacá solitário

Hoje representa a aspereza  
 Diante do extermínio da vida  
 A indiferença

Em conversas com as pessoas que passavam pelo local, alguns vizinhos e colegas que utilizam esse caminho no cotidiano, o sentimento geral era de tristeza, indignação e revolta. Recebi relato de uma senhora que evitava passar pela avenida após o extermínio das primaveras, dizendo que sente falta da vida e daquele colorido das flores.

Para a maioria das pessoas, a importância das primaveras era a beleza, diziam que as flores, com suas cores vibrantes, traziam um pouco de alegria para os seus dias. Meninas que brincavam de roda na praça contaram que gostavam de fazer buquês de casamento e que tinham se casado diversas vezes ali, na Igreja Santo Antônio.

Em nossa percepção, as reclamações dos comerciantes era de que as primaveras, que cresceram tanto que viraram árvores, acabavam escondendo as fachadas de alguns estabelecimentos por ali.

A repercussão do crime ambiental cometido contra as primaveras adentrou nosso cotidiano escolar, e professor Marcos Reigota iniciou um diálogo sobre a produção de ausências de sentidos e a urgência de criarmos rotas de fuga diante dos extermínios de direitos à vida.

Paulo Freire (2006) ressalta a necessidade de uma educação “para a decisão, para a responsabilidade social e política” (FREIRE, 2006, p.97), uma “educação que possibilite ao homem a discussão corajosa de sua problemática. De sua inserção nesta problemática” (FREIRE, 2006, p.97) e segue com a orientação de que a educação seja capaz de advertir “dos perigos de seu tempo, para que, consciente deles, ganhasse a força e a coragem de lutar” (FREIRE, 2006, p. 98). Sinto que é disso que se trata e assim tem sido pautado em nossas práticas cotidianas.

Diversos fatos reforçam a produção de ausência de sentidos nos meses que seguiram, e professor Marcos foi convidado para fazer uma palestra no Instituto Sedes Sapientiae, em São Paulo, no dia 10 de setembro de 2019, no evento “Paulo Freire: educação e política no enfrentamento do obscurantismo”, onde apresenta o texto “A produção de ausência de sentidos adentra o cotidiano escolar... e mata”. Nele, faz uma série de denúncias do tempo atual, apresenta as bases teóricas e torna pública a definição de produção de ausência de sentidos:

A maquinaria de produção de ausência de sentidos está entranhada nos ambientes mais sofisticados de poder bélico, econômico, político, social e cultural para daí, difundir o elogio da ignorância e o desprezo aos modos de viver não convencionais.

Essa maquinaria bélica, aterrorizante e totalitária faz com que o seu vizinho ou pessoas muito próximas e com as quais foram, anteriormente, estabelecidos sólidos laços afetivos, sejam elos e difusores da política de extermínio de vidas, de sensibilidades, de modos de viver e de alternativas políticas pacíficas, viáveis, propositivas e criativas.

O que aconteceu na sociedade brasileira contemporânea para que pessoas que pertenciam aos nossos círculos profissionais, sociais e afetivos, mais próximos tenham se tornado nossos detratores, juizes e algozes que proferem sentenças cruéis, injustas e irreversíveis? (REIGOTA, 2019, p.2).

Acredito que a fala do professor Marcos tem essa amplitude, não diz respeito somente ao cotidiano escolar, mas a muitos cotidianos nos quais podemos experimentar essa produção de não sentido e é como se morrêssemos.

Marcos Reigota (2019) apresenta também o que nos traz a força e a coragem para resistirmos:

Resistimos e resistiremos com a “pedagogia da solidariedade” (Freire; Freire; Oliveira (2018) ações e encontros nos quais os sentimentos universais e atemporais de solidariedade e de amizade (no que esses sentimentos têm de mais profundo) se fizerem presentes e provocarem a criação de conhecimentos, possibilidades de existência e de alternativas coletivas relacionadas em direções opostas à crueldade, à indiferença e ao sangue derramado. (REIGOTA, 2019, p.3).

Assim enfatiza o professor Marcos Reigota ao lembrar da importância da pedagogia da solidariedade, da esperança, dos encontros dos coletivos, das relações de amizade tão necessárias para manter esses cotidianos vivos e para manter as pessoas vivas na “prática educativa revolucionária-libertadora” (FREIRE, 2011, p. 186).

## **2.9 O que me aproxima, o que me distancia?**

Tantos grupos...

Ritmos de Pensamentos, Perspectivas Ecologistas de Educação, Comunidade que Sustenta a Educação, Floresta Cultural Parque Três Meninos...

Cada um deles ganhou meu coração por diversos motivos e me encantam... a beleza de cada um brilha aos meus olhos.

Não cabíamos mais dentro da sala de aula, não suportavam a morosidade burocrática da instituição... nossos pensamentos, planejamentos e ações buscavam frestas para explosão de ações no além das grades da UNISO e de outras escolas parceiras.

Assim, em encontros pós-aula, nas celebrações após as aulas do curso de doutorado, nas conversas em mesas de boteco ou na casa da nossa anfitriã Verônica Hoffman, foi entoadado o ritmo das batidas do meu coração e a composição envolveu, de uma forma amorosa e bastante acolhedora, todos que ali estavam presentes.

E o Ritmos de Pensamentos foi ganhando alma, foi crescendo no amor ao aprendizado constante dentro da perspectiva ecologista de educação e principalmente, no auto respeito ao assumirmos que nada sabemos diante desse infinito de possibilidades que os cotidianos nos apresentam... todos os cotidianos: o cotidiano escolar, familiar, pessoal e mais íntimo... a cada ação, um novo desafio e um novo aprendizado!

O que ganhou meu coração no Ritmos? Ah... sentir a sinceridade de cada um, sentir um lugar seguro para abrir todas minhas incertezas, inconstâncias e incoerências na busca por algo que nem eu ainda não sei.

Estar com eles, olhar nos olhos... o abraço, o afago na alma. O calor de um diálogo repleto de Paulo Freire, casal Spink, Bené Fonteles, Nilda Alves, Ana Godoy, Murilo Moscheta, Marcos Reigota, Rodrigo Barchi, Eder Proença, Peter Pal Pelbart, Nita Freire, entre tantos outros mestres... um diálogo na prática cotidiana, nas decisões diárias e na leitura do cenário brasileiro atual.

Ah, como é bom estar com eles! E como é difícil pra mim escolher não estar porque preciso me concentrar em escrita, em cuidados com meu pai e minha mãe e até mesmo em lavar a roupa da semana toda porque foi outra semana tumultuada entre agendamentos de atendimentos pro meu pai e brigas com plano de saúde.

Queria mesmo conseguir somente estar, sem assumir qualquer papel... sem me interessar tanto na próxima ação e centralizar em mim uma tarefa que não tenho certeza se darei conta de conseguir realizar.

Ontem, dia 27 de fevereiro de 2019, estive com parte do Grupo Ritmos de Pensamento, após uns quatro meses sem nenhum contato. Larguei tudo e fui assistir a defesa da tese de uma pesquisadora, artista, mulher, professora, pesquisadora, secretária de cultura, multi pluri trans em pessoa... um ser humano maravilhoso que conheci nessa trajetória.

Que sentimento único poder ouvi-la mais uma vez e participar de tantas mudanças em seu texto, em sua postura, em sua vida e perceber o quanto existe de cada um de nós na vida dela.

E tudo faz sentido... se não é essa a função prática da educação nas nossas vidas, eu não sei então qual é!

E minha maior alegria foi estar presente nesse momento de vitória, depois de tantos percalços, tantos choros, tanta angústia. Ela conseguiu! Mais uma vez e assim seguirá a vida, entre encontros e (des)encontros.

Enquanto houver um coração batendo dentro do peito (e fora dele, porque as vezes o coração sai sim pela boca...), enquanto houver ritmo biológico... seguiremos.

Olha, olha...

De novo eu aqui.

Proposta escrever sobre os grupos.

E de repente o texto extravasa, dos pensamentos, do teclado, das folhas... e inunda meus olhos, remete a reflexões e continua um texto e pensamentos inacabados.

Por que esse inacabamento e desvio me incomodam tanto?

Por que esse (des)encontro fica como algo que não fui capaz de realizar?

Por que sair da linha, sair do texto, sair do esperado me causa tanto desconforto e decepção comigo mesma?

Não sei...

....

Só sei que a fala e a vida da Carmem Machado (MACHADO, 2019) me faz perceber que não sou a única que sente dificuldade e que posso, mesmo navegando por linhas inundadas, realizar um belo trabalho.

Hoje o que mais me chamou a atenção foi o resgate do conceito de inacabamento e consciência do inacabamento de Paulo Freire (2007) que Carmem trouxe na sua pesquisa com potência e vivacidade:

É no reconhecimento de nossa inconclusão que tomamos ciência de que a educação é um processo permanente, e que só nos tornamos educáveis, no sentido de disponíveis para a educação, na medida em que nos reconhecemos como seres inacabados. Segundo Paulo Freire, o inacabamento do ser humano poderia ser um ponto de partida da nossa compreensão da educação. Porque esse caráter inconcluso é próprio da nossa existência, e porque não somos seres perfeitos, definitivos, os conhecimentos que produzimos são dinâmicas imperfeitas, limitadas, que exigem a transformação, que só é possível se agirmos com criticidade sobre nós e sobre o mundo. (MACHADO, 2019, p.41).

Então nesse texto torto, que começa de uma forma e talvez nunca seja finalizado, que me identifico como inacabada e ávida por conhecimentos (que podem ou não dar sentido à minha própria existência).

Registro a imensa gratidão que tenho por todas essas pessoas, do grupo Rítmicos de Pensamento e Perspectiva Ecológica de Educação, que desde o nosso primeiro encontro continuam acolhendo com tanta amorosidade ao mostrar que a vida é bem mais do que diálogos teóricos e que na tese da vida o aprendizado também é constante.

## 2.10 Distanciamentos sofridos

Há meses sinto falta do contato com o grupo de estudos Perspectivas Ecologistas de Educação e das atividades de escrita coletiva do grupo Ritmos de Pensamentos.

Sinto falta dos trabalhos, das reuniões, das leituras coletivas, planejamentos das atividades...

Sinto falta de estar com pessoas que eu me identifiquei desde o primeiro contato, com pessoas bastante diferentes de mim que aprendi a respeitar e admirar, me acolheram e foram acolhidas nessa atmosfera de carinho e crescimento não somente profissional, como também pessoal.

Sinto falta de me sentir ativa, alegre, empolgada e viva para tantos aprendizados.

Iniciou o 1º semestre letivo de 2019 e acende a esperança de retomar as atividades naquele ritmo alucinado que eu amava tanto...

O cérebro manda o recado pro coração: “Calma, desacelera! Vamos direcionar essa energia aos textos que você precisa produzir”

Muito bem, aqui estamos novamente.

*(toca o telefone – Home Care cancelando a visita da nutricionista agendada pra hoje no período vespertino. Vixe, já são 18h!!! E quando é o reagendamento? “Dia 21, senhora”! Olha, o paciente encontra-se numa situação difícil há dias, está se complicando mais o quadro, trazendo outras consequências, e estamos no aguardo dessa consulta desde que o médico veio, dia 07/03 e prescreveu uso de antibióticos para combater a infecção no rosto do meu pai. Preciso saber o que fazer porque não posso deixar meu pai nesse estado! “Ok, senhora! Veremos o que se pode fazer”)*

Volto ao texto...

O que eu estava pensando?

Ah... sobre o reinício de semestre e a necessidade da escrita.

Ah, peraí. Eu tenho o contato da Larissa, a nutricionista do meu pai. Vou explicar a situação e verificar se ela poderá atender meu pai antes do dia 21/03.

*(Larissa, boa noite! Tudo bem? Seguinte (...) diante dessa urgência, teria como vir antes do dia 21 pra atender papai? “Ok, amanhã?” MUITÍSSIMO obrigada!)*

Ufa! Deu certo.

Então... sobre o retorno do semestre e minha expectativa de retorno às atividades do Ritmos, de rever as pessoas que me trazem tanta alegria...

*(toca o telefone. Home Care informa: “reagendamento da Nutricionista para amanhã, período matutino.” Muito obrigada. E a respeito das escaras, o que posso fazer? “Ah, virar decúbito alternado direito e esquerdo, não deixar deitado e essa pomada com antibiótico.” ok! Obrigada)*

Volto de novo e já com a pesquisa do Google aberto “decúbito esquerdo”.

Beleza. Agora concentra!

Nesse minuto chamo o Léo chega para ajudar na virada de decúbito.

Ele passa o telefone celular e mostra que perdi a defesa de tese de um pesquisador muito querido.

E eu nem sei mais o que é minha vida como filha e minha vida acadêmica...

DESABO!

## **2.11 A Vida e a Pesquisa**

Eu nasci em Sorocaba, meus pais moram até hoje na cidade, saí de casa com 17 anos, em 1999, para morar com minha avó paterna que estava doente. Em 2012, meu pai foi diagnosticado com Mal de Alzheimer, eu estava morando no interior do Mato Grosso, recém empossada no concurso como professora do Instituto Federal de Mato Grosso.

Fiz algumas tentativas de retorno, mas só consegui em 2016, quando fiz a inscrição no Processo Seletivo para o curso de doutorado na Universidade de Sorocaba (Uniso), em outubro de 2015, iniciando em fevereiro de 2016.

Minha motivação para voltar foi poder auxiliar minha mãe, já idosa, aposentada, que havia realizado duas cirurgias para colocação de prótese no quadril e no joelho.

Minha intenção era conciliar os cuidados e suporte necessário no tratamento do meu pai e apoio à minha mãe, que estava muito sobrecarregada e adoecendo mais e mais a cada dia.

No âmbito familiar, que aqui chamo de “vida”, durante o curso de doutorado, desfrutei da oportunidade de assistir a melhora e a recuperação da saúde da minha mãe, compartilhei momentos com meu pai que antecederam o estado de coma vigil (estado vegetativo), acompanhei o nascimento e crescimento de três sobrinhos, experienciei minha gravidez e o nascimento do meu filho.

Segue minha tentativa de traçar um paralelo com as atividades do curso de Doutorado, chamado aqui de “pesquisa”, com as implicações de “vida” e “pesquisa” a seguir.

Durante o curso de doutorado, participei de diversas atividades curriculares e extracurriculares. Estive presente em praticamente todas as palestras do Projeto UniverCidades e demais eventos que foram realizados em sala de aula, e também em Pocinhos do Rio Verde (MG), Santos, São Paulo e Campinas.

Entre os anos de 2016 e 2018, os cuidados com meu pai não me impediram de frequentar as aulas nem de participar das atividades externas.

Em 2016 auxiliava nos banhos diários, acompanhava nas consultas e exames, realizava as compras de supermercado, farmácia e dava todo suporte para meu pai e minha mãe. Ambos já levavam uma vida bem reclusa, só saindo de casa quando absolutamente necessário.

Em 2017, meu pai se alimentava normalmente com auxílio para levar a comida à boca, não se levantava sozinho da cama e só conseguia caminhar com a ajuda do meu companheiro, foi quando passou a utilizar fraldas geriátricas.

A partir do ano de 2018, o quadro do meu pai piorou bastante. Não pude mais manter a rotina de cuidados diários, pois passou a ser bastante pesado levantar meu pai da cama e dar banho. Conseguimos contratar uma pessoa para realizar os cuidados de banho, hidratação da pele, higienização oral, troca de fraldas, alimentação e uma equipe multidisciplinar para realizar as sessões domiciliares semanais de fisioterapia motora e respiratória, terapia ocupacional e fonoaudiologia. A partir desse momento, meu pai já não coordenava movimentos de pernas, braços,

intestino e não conseguia se expressar verbalmente. Às vezes, ele sorria ou emitia sons repetidamente.

Eu tentei ser forte e me manter tranquila, mas passei a ter crises de pânico, ansiedade, enxaqueca crônica e fui diagnosticada com TAG (Transtorno de Ansiedade Generalizada). Achei que estivesse enlouquecendo, e de certo modo estava. Eu não conseguia assimilar novos conteúdos tampouco me lembrar de coisas já feitas ou lidas, e a minha carga de autocobrança aumentava à medida que eu me sentia mais e mais impotente diante da perda gradual do meu pai, do sofrimento da minha mãe e da dificuldade em lidar com a minha frustração diante da sensação de incompetência, fracasso e atraso no curso de doutorado.

Assim, em 2018, me vi bastante abalada no processo de escrita da tese. Ao mesmo tempo que eu constatava o aprendizado, experiências com o grupo de pesquisa Perspectiva Ecologista de Educação, grande quantidade de material que eu acumulava em textos, livros e anotações em meus cadernos eu não conseguia transformar em escrita. Era imensa a cobrança que eu fazia para alcançar a oportunidade de “contribuir com a possibilidade de se fazer ciência, de se atuar profissional e politicamente nas universidades, com os princípios éticos, de compromisso social, de solidariedade e de diálogo e respeito com as diferenças” (REIGOTA, 2008, p. 22).

No final de 2018, consegui buscar ajuda e senti melhora em relação à confusão mental, à minha capacidade de concentração e escrita. Foi como se eu estivesse reassumindo a pessoa que fui, a pessoa que decidia que escreveria um projeto e obtinha êxito. Tive essa melhora na mesma época que a fonoaudióloga me orientou em relação ao agravamento na dificuldade de deglutição de meu pai e alertou que ele estava perdendo a capacidade de engolir alimentos.

No início de 2019, meu pai ficou febril, com a respiração ofegante e pulmão com bastante secreção. A fisioterapeuta de imediato solicitou que uma ambulância fosse até o local para fazer uma averiguação e se necessário o levasse para um hospital. Foi quando meu pai ficou internado. O diagnóstico foi de pneumonia decorrente de uma broncoaspiração: algum alimento foi para o pulmão dele e causou a infecção, ou seja, ele não tinha mais controle para deglutir alimentos. Foram realizadas intervenções para que ele se alimentasse por uma sonda nasal, porém sem sucesso, e meu pai teve que ser submetido à uma cirurgia para fornecimento de dieta diretamente no estômago.

Em 2019, foram cinco internações hospitalares só no primeiro semestre do ano. Inúmeras vezes teve os cuidados com a saúde negligenciados pelos administradores do Home Care.

Por mais que a equipe multidisciplinar identificasse sinais e sintomas de hiperglicemia e indicasse que era necessário realizar exames, a administração só dizia que meu pai não tinha histórico de diabetes.

Foi muita briga, nervosismo e por fim, quando a ambulância chegou, o exame de glicemia em jejum do meu pai ultrapassava 500, quando o aceitável deveria ser menos de 100. No hospital meu pai convulsionou, ali mesmo na recepção, enquanto era aguardada a liberação das guias de autorização. Desde então ele nunca mais respirou por si.

Meu pai não é mais capaz de respirar, precisou ser intubado e hoje encontra-se traqueostomizado (dependente de respiração mecânica). Acompanhar meu pai morrendo assim, à conta gotas e sem poder fazer nada, têm sido um processo que não consigo nem descrever. Viemos saber que a convulsão que meu pai tivera, foi um ataque vascular cerebral (AVC).

Nessa época, com ajuda, comecei a aceitar que meu pai não iria se recuperar e estava fora do meu alcance qualquer decisão ou cuidado que fosse capaz de adiar a morte dele. Decidi então redirecionar os esforços físicos, financeiros e emocionais para tentar continuar mantendo-o em casa, só que a nova situação exigia cuidados profissionais.

Decisão difícil de tomar. Em fevereiro de 2019, dei entrada numa ação judicial para solicitar que o plano de saúde fornecesse toda a equipe, equipamentos e insumos necessários para tratamento domiciliar do meu pai. Fazer isso exigiu tempo de vida e que eu aprendesse toda uma linguagem outra. Liminar concedida e um respiro para que eu pudesse focar na minha vida e pesquisa.

Assim, acreditei que em 2019 eu poderia estar mais tranquila em relação aos cuidados e despesas decorrentes do tratamento do meu pai, e poderia me dedicar exclusivamente à escrita da tese.

Passados 20 dias, a liminar que concedia todo o tratamento necessário para meu pai foi derrubada por um desembargador do Tribunal de Justiça de São Paulo e eu, a essa altura, sem ainda saber, estava grávida.

Em março de 2019, descubro estar grávida de gêmeos, dou início ao pré-natal e fecho um plano de atendimento domiciliar particular para meu pai com

enfermagem 24 horas. Mas em abril de 2019 descobro também que minha gestação era de alto risco e fico em repouso absoluto, deitada e medicada a cada 6 horas. Foram longos meses e a perda de um dos bebês. Medo, insegurança, sentimento de impotência, fobia social e crises de pânico passaram a fazer parte do meu cotidiano.

Fui obrigada a me afastar da pesquisa, pois a autocobrança em relação ao conteúdo da tese me afundava num ciclo de desespero tão grande que eu não conseguia enxergar nenhuma saída. Senti a vulnerabilidade humana no seu extremo, percebi a fragilidade da vida e, diante do medo, eu estava decidida a abreviar o sofrimento. O que me segurou? Ainda busco responder, porque vez ou outra ainda vejo o fim da existência como saída para extirpar do peito a dor e dar descanso para a mente inquieta.

Em meio esse turbilhão de acontecimentos, Edu Hiroshi nasce saudável!

Sigo firme na escrita, entre meu tratamento para equilibrar a ansiedade, arnica para amenizar a dor física e limitação de movimentos decorrentes da síndrome do túnel do carpo e tenossinovite estenosante de Quervain nos pulsos direito e esquerdo, desenvolvido desde o 3º mês de gestação.

Como essas percepções me chegam? Reflexões e sentimentos que experimentei num momento de limite de dor física e abalo psicológico.

Esse texto foi necessário para refletir a partir de uma das últimas reuniões de orientação, quando meu filho Edu Hiroshi estava com dois meses. Naquele momento me vi tensa pelos acontecimentos, angustiada com os sentimentos e tentava reorganizar a vida e a pesquisa, e meu orientador perguntou: “Em quais condições produzimos conhecimento?”.

Cá estou tentando produzir conhecimento entre febres, picos de crescimento, mamadas, reação às vacinas, choros, pânico, privação de sono, dor nos dois pulsos que me impedem de realizar atividades como carregar meu filho, pentear o próprio cabelo ou escovar os dentes... desespero! Entre madrugadas de alma suicida e amanhecer sem esperança. Um momento para rever as prioridades, repensar o que é imprescindível diante da imprevisibilidade das situações que “fogem do controle”.

Para responder a segunda pergunta que ele me fez na penúltima reunião de orientação: “Onde encontramos energias?” Penso, hoje, que encontrei forças nas minhas fragilidades, onde a vida e a pesquisa se fundem, onde a pesquisa extrapola o prazo e a vida paralisa. E sigo consciente das e enfrentando as limitações e fragilidades na realização da pesquisa, compromisso que assumi numa época em

que as condições eram outras. Não me furto à responsabilidade, mas a coloco em relação com a fragilidade da vida e do vivo. Ética e politicamente, a pesquisa se mantém inseparável da vida, e por isso é portadora da fragilidade.

Hoje, em meio à intensidade que atravessa o cotidiano, me agarro às pequenas oportunidades que surgem da ajuda de alguns profissionais, na sensibilidade do exercício das práticas.

### 3 (RE)CONEXÕES

Nasce Edu Hiroshi

Reverberação da vida e da pesquisa

O nome é Hiroshi para não esquecer Hiroshima

Escolhi ressignificação, reconstrução, superação, promoção da cultura da paz.

Não desisti da pesquisa

Não desisti da vida

Sobrevivo

Sigo!

*“Hiroshima e Nagasaki, 70 anos depois do fim, respiram!”*

*“[...] ventila-se ar, pinta-se luz, inscrevem-se texturas. Há corpos, intensidades, memórias. Vida cotidiana se descola e rememora o fim e os começos”*

(Fundação Japão, 2015)<sup>6</sup>

Possibilidade de ressignificação e novos sentidos trazem à tona práticas outras nos cotidianos escolares e na vida.

#### 3.1 Políticas poéticas e práticas pedagógicas

Hoje resolvi reler *Pedagogia da Autonomia*, de Paulo Freire. Estava assim, triste com as últimas notícias a respeito das intenções do presidente da república e de sua equipe altamente “qualificada” e “técnica”.

Procurei meu acalanto nas páginas do autor que considero um grande mestre brasileiro, que me acompanha desde os mais íntimos conflitos durante a minha graduação em Engenharia Agrônoma. E logo na primeira página vieram ao meu pensamento algumas palavras geradoras: mundo, vida, educação e pesquisa.

---

<sup>6</sup> Embora a referência seja “Fundação Japão”, o texto é assinado pelo Grupo de Pesquisa “Coletivo Tecendo: cultura arte educação”, da Universidade Federal de Santa Catarina, que elaborou a apresentação da exposição fotográfica “Depois do fim, o cotidiano”, de Marcos Reigota, realizada de 1º a 29 de Outubro de 2015 no Museu da Escola Catarinense. A exposição contou os financiamentos da Fundação Japão e da Secretaria de Cultura e Arte da UFSC.

Somos mesmo sujeitos inconclusos, e a disciplina “Seminários Avançados em Educação Escolar” ministrada no 1º semestre de 2016, com a professora Alda Romaguera aprimorou meu olhar em relação às artes. Até mesmo porque a arte, em toda sua variedade – poesia, esculturas, práticas corporais etc. – são conhecidas por vários colegas do grupo de estudos, mas são tão distantes da minha trajetória.

Sou um sujeito inconcluso. Uma professora reaprendendo a pensar, a escrever, a me relacionar e a mediar novos conflitos (exteriores e interiores) em meio a todos os desafios que um curso de Doutorado em Educação e as relações familiares, com tantas peculiaridades e intercorrências, podem produzir no cotidiano desta doutoranda. Como contribuir?

É em Paulo Freire que me jogo tentando criar possibilidades de aprender e, ao aprender, também ensinar – conforme relato dos trabalhos apresentados e discutidos durante a aula com o grupo de estudos Perspectiva Ecologista de Educação.

### **3.2 Um convite, uma indicação, uma construção**

Em 2018, o professor Marcos Reigota foi convidado para palestrar num evento na Fundação Hermínio Ometo, conhecida como Universidade Uniararas, no município de Araras, interior de São Paulo, porém não poderia comparecer. Recebi um e-mail explicando a situação com a indicação de meu nome para que eu realizasse a palestra como representante do Professor Marcos.

Após algumas conversas com o organizador, professor Diogenes Rafael de Camargo, escolhemos o tema etnoconhecimento. A proposta era abordar o etnoconhecimento como um saber além dos conhecimentos científicos, e divulgar a necessidade de que os povos indígenas possam falar por si, e não através de uma pesquisadora *imute* (como o povo Paresis chama os não índios).

Cheguei ao auditório usando uma tiara Paresi. Contei sobre minha trajetória, assistimos um vídeo com os indígenas apresentando seus conhecimentos, e as provocações nos levaram para fora do auditório numa dança de roda entoada no ritmo da maraca (um instrumento musical indígena, que ganhei do cacique Pawanã do grupo Sabuká, povo Kariri Xocó, em sua passagem por Sorocaba).

Durante o último horário do dia, numa semana repleta de atividades, diante de um auditório homogêneo (no sentido de serem todos estudantes universitários e

professores não índios), ressaltar a contradição daquele momento diante da necessidade de se promover a democratização do acesso dos povos indígenas em todos os espaços da sociedade.

Ao realizar a reflexão em conjunto com os participantes, também pensamos propostas para a promoção da diversidade cultural, sai de lá bastante animada e acreditando que uma semente havia sido plantada, bastava cuidar para que germinasse.

Em 2019, novamente recebo um convite do professor Rafael – Fael, como ele gosta de ser chamado – para participar da XIV Semana da Biologia na Uniararas. Ele relata que a palestra do ano anterior teve uma grande repercussão e permitiu que as alas mais conservadoras da universidade conseguissem perceber a importância de reconhecer e valorizar os conhecimentos dos nossos povos originários.

Bastante entusiasmado, Fael diz que a semente estava crescendo e se disseminando de tal forma na Uniararas que a nossa conversa, que durou duas horas, dentro de uma semana de atividades na semana da biologia do ano anterior, deu origem ao tema da atual semana de biologia: "Dimensões Humanas: valorizando as diversas formas de saberes". Ou seja, encontramos uma fresta e simplesmente ocupamos a semana inteira de evento.

VIVAS!

Viva nós!

Viva as ocupações!

Viva os povos das florestas!

Viva romper padrões hegemônicos!

Viva a responsabilidade sócio ambiental e cultural!

Viva a educação libertária para a exercício da cidadania!

Viva estabelecer relações e construir pontes nas práticas cotidianas!

Viva nosso papel ético e político dentro da perspectiva ecologista de educação!

Dessa vez, foi reservado um espaço maior dentro da programação do evento. A proposta sugerida no evento anterior fora acatada e seriam chamados representantes de diferentes etnias indígenas, promovendo-se um momento de interação entre os convidados indígenas e os participantes do evento.

O espaço foi conquistado, a minha missão seria levar os representantes dos povos indígenas faltando apenas uma semana para o dia do evento. Entrei em contato com as atuais moradoras da República Gaia e com a amiga Gisele Zutin, feminista, ativista LGBTQ+ e bibliotecária do CCA UFSCar, consigo levantar os nomes para realizarmos a rede com a Uniararas, com o auxílio da professora Renata Sebastiani, coordenadora do Núcleo de Estudos Indígenas e tutora do Programa de Educação Tutorial Saberes Indígenas. Assim, uma reunião é organizada para nos conhecermos e podermos dialogar sobre a Semana da Biologia e construirmos, juntos, a proposta de intervenção.

Participaram da reunião oito estudantes indígenas: Aline, Júlia, Ariovaldo, Omar, Adriana, Fabiane, Wellima e Mônica, a professora Renata, o Leonardo e eu, meu companheiro que me acompanhou até Araras, também esteve presente nas atividades.

Com o trabalho em andamento, recebemos a visita do professor Aluísio, da Uniararas, que se juntou a nós. Os estudantes receberam o convite com curiosidade e entusiasmo, demonstraram interesse em participar da vivência na Semana da Biologia, porém, Omar e Adriana teriam prova no mesmo período e não poderiam estar presentes.

Uma das estudantes sugeriu que fosse organizada uma exposição de fotos (Figura 15), outra colocou à disposição os cestos confeccionados pela família dela e aos poucos, cada um e cada uma delas se lembrou de algum objeto produzido por sua etnia e fomos montando um acervo de artefatos. Também foi sugerido o uso da pintura corporal e adornos de cada povo.

A professora Renata mostrou a sala de reuniões repleta de materiais de divulgação da cultura e pesquisas realizadas pelos estudantes indígenas. Uma diversidade de painéis, artefatos e fotos. Entre todos os painéis, resolveram levar três: um com o mapa do Brasil e as divisões das regiões e os nomes das etnias “Povos Indígenas Representados na UFSCar Campus Araras 2019” (Figura 20), outro com a proposta do Núcleo de Estudos Indígenas - PET Saberes Indígenas

(Figura 21) e o último com imagens e mensagem sobre a importância da Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (APIB) (Figura 22).

Organizamos a logística para transporte dos estudantes com o material para a exposição durante a vivência indígena na XIV Semana de Estudos da Biologia da Uniararas e fomos bem recepcionados pelos organizadores do evento e conduzidos a uma sala preparada para os convidados, com uma mesa de comes e bebes, que ajudou a quebrar a tensão que os jovens traziam consigo. Ali, em volta da mesa, ao experimentarem leite fermentado, relataram que era a primeira vez o que faziam e tentavam identificar pelo sabor, o que era utilizado na sua formulação. Eu acabei repensando a respeito dos sabores artificiais, porque só consegui identificar como sabor de leite fermentado (Yakult) mesmo.

Fomos conduzidos até o auditório, onde organizamos o espaço com a exposição de fotos e artefatos (Figuras 15 e 18), as poltronas em forma de meia lua e os painéis no espaço lateral. Segundo uma das estudantes, “*nem deu tempo de ficar nervosa*”, porque os participantes foram chegando e realizando perguntas, o que já trouxe tranquilidade e naturalidade para iniciarmos a roda de conversa.

Cada um dos estudantes se apresentou com o nome completo, etnia e região de origem: Aline Hipananiro Apolinário José, povo Baniwa, de São Gabriel da Cachoeira, região do Alto Rio Negro no estado do Amazonas; Júlia Gaitan Batista, povo Tariano, de São Gabriel da Cachoeira; Fabiane de Oliveira Pena, povo Tukano, também de São Gabriel da Cachoeira; Wéllima Timóteo de Lima, povo Xukuru do Orurubá, no município de Pesqueira, na região do Agreste do Semiárido pernambucano, Ariovaldo Massi, povo Terena, de Aquidauana, Mato Grosso do Sul e Mônica Mozambite, povo Kokama, de Tabatinga, Amazonas.

A partir das perguntas dos participantes, pudemos contemplar narrativas de como chegaram à universidade, como tem sido a adaptação, a acolhida nos diversos espaços que frequentam, histórias que têm em comum muita coragem e enfrentamentos, na maioria das vezes marcadas pelo preconceito e pelo ativismo contra a violência e o extermínio dos povos indígenas.

Foi imensa minha satisfação ao presenciar a ocupação pelos povos originários, trazendo a força do protagonismo indígena nas narrativas de suas origens, culturas, trajetórias, desafios, conquistas, pesquisas e reivindicações políticas no espaço conquistado no tradicional evento da Uniararas (FHO).

Foi forte, intenso e potente, um importante ato político, que segue me afetando até os dias atuais.

Aproximadamente uma semana após o evento, recebo uma mensagem de uma das estudantes do CCA com um agradecimento pela “*oportunidade de participar e mostrar a história e luta do meu povo no evento*” e o relato do que ela achou curioso: tanto o CCA quanto a Uniararas são universidades dentro da mesma cidade, Araras que possui cerca de 120 mil habitantes, e resume dizendo que “*precisou sair a professora japonesa de Mato Grosso pra realizar a ponte entre os grupos*”. O meu desejo é que as possibilidades de parcerias entre as duas universidades sejam expandidas e fortalecidas.

Passados mais uns dias, outra estudante do CCA enviou um link e fotos do evento. A página da Uniararas publica:

XIV Semana da Biologia: roda de conversa sobre vivências étnicas foi um dos destaques do evento.

No dia 05 de setembro, o curso de Biologia da FHO promoveu a Roda de Conversa "Vivências Étnicas" durante a XIV edição da Semana de Estudos da Biologia. A atividade, considerada um dos destaques em relação ao tema do evento deste ano: "Dimensões Humanas: valorizando as diversas formas de saberes", reuniu representantes de diversas etnias ameríndias - universitários da UFSCar - Campus Araras dos cursos de Biologia, Agroecologia, Agronomia e Biotecnologia - que compartilharam com o público presente alguns dos costumes de suas aldeias e grupos de origem.

Mais de 260 pessoas participaram da Roda de Conversa, que contou ainda com a presença da Prof<sup>a</sup> Ma. Thereza Cristina Utsunomiya Alves, grande incentivadora e parceira do evento. O momento foi de muita aprendizagem e troca de experiências entre convidados, alunos e visitantes. Além de contarem sobre seus costumes originais e os conflitos enfrentados ao se depararem com novas realidades ao ingressarem no ensino superior, os ameríndios também compartilharam histórias de superação e enfrentamento, encerrando a conversa com a apresentação de materiais confeccionados por eles mesmos e demonstrando danças típicas.

O professor da FHO, Diógenes Rafael de Camargo, falou sobre a importância desta oportunidade para os alunos. "Trazer em um evento acadêmico com representantes ameríndios que também estão dentro da academia, tê-los como protagonistas, é sensacional. Os alunos da Biologia tiveram o privilégio de poder falar sobre a temática socioambiental com povos que têm a floresta como suas casas, um verdadeiro compartilhamento de diferentes formas de conhecimentos humanos sobre a natureza. Momento ímpar na história do curso de Biologia da FHO!"(UNIARARAS, 2019).

Li a matéria, gravei as fotos e enviei um texto para a equipe responsável pela página de internet da Uniararas agradecendo e nomeando cada estudante indígena que participou da “Roda de conversa vivências étnicas” no referido evento.

**Figura 14 - Equipe organizadora e alguns convidados da vivência étnica na XIV Semana da Biologia FHO, Uniararas**



FONTE: UNIARARAS, 2019

**Figura 15 - Exposição fotográfica e artefatos na vivência étnica**



FONTE: Arquivo pessoal.

**Figura 16 - Protagonismo indígena e público presente na vivência étnica**



Fonte: Arquivo pessoal.

**Figura 17 - Ariovaldo, protagonismo indígena na vivência étnica**



Fonte: Uniararas, 2019.

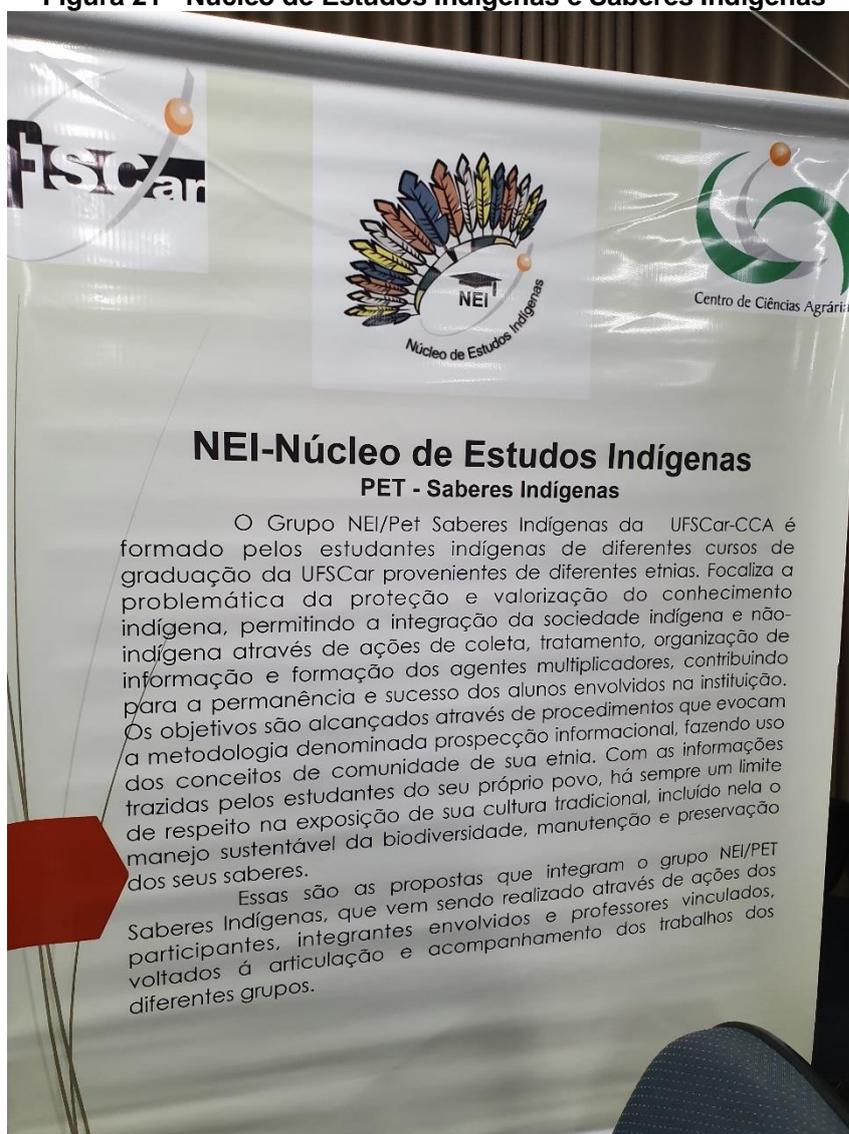


Figura 20 - Povos indígenas presentes na UFSCar 2019



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 21 - Núcleo de Estudos Indígenas e Saberes Indígenas



Fonte: Arquivo pessoal.

**Figura 22 - Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (APIB)**

UFSCAR

“Só quando a última árvore tiver caído, quando o último rio tiver secado, último peixe for pescado, vão entender que o dinheiro não se come.”

(Índia do Povo Yawalapiti – MT)

Centro de Ciências Agrárias

A constituição federal brasileira de 1988, em seu Artigo 231, reconhece a legitimidade e o direito dos povos indígenas à sua organização social, ao seus usos, costumes, crenças, tradições e às suas terras originárias.

É a Lei maior de nosso país, que obriga o Estado brasileiro a promover a demarcação de terras, a proteção dos povos indígenas e fazer respeitar todos os seus bens nelas existentes.

Em meio à tantas agressões e e desrespeitos contra os povos indígenas, o atual governo vem atuando com ações ilegais e criminosas, com a ideologia do integracionismo e do “progresso”, sinalizando o avanço da exploração dos territórios indígenas, o desmatamento e o estabelecimento de unidades de produção, hidrelétricas. Por fim, incentiva a não demarcação das Terras indígenas e a transferência da saúde indígena aos municípios.

Diante disso, entidades e organizações indígenas como a Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (APIB), instância de aglutinação e referência nacional do movimento indígena brasileiro, vêm manifestando sua indignação e repudiando qualquer ato que fere os direitos dos Povos Indígenas já garantidos por Lei.

NEI  
Núcleo de Estudos  
Indígenas  
UFSCAR-CCA

SÍMBOLOS  
INDÍGENAS  
UNIVERSITÁRIOS

CCA

Fonte: Arquivo pessoal.

Durante a roda de conversa, uma vivência ética, tivemos momentos de tirar o fôlego, onde senti forte a presença daquilo que conversamos no cotidiano das aulas do Grupo de Pesquisa Cotidiano Escolar e Ritmos do Pensamento, da Uniso. Ali tudo fez sentido e fugia do comum. A prática que expõe a carne, abre as feridas do corpo, do pensamento, chacoalha a mente, desestrutura inteiramente, causa desconforto, dor e alívio ao encontrar acolhimento no sentido dado a partir de diversas leituras e vivências.

Vivenciamos ali uma educação ambiental, ética, estética, política, muito além da educação ambiental dos currículos impostos por políticas públicas, além do que podem mensurar os dispositivos de validação dos órgãos de controle acadêmico.

Creio que seja essa a prática concreta, política, sensível, corajosa e libertadora da perspectiva ecologista de educação.

Durante os últimos anos, mergulhei nas teorias das aventuras de nos desnudarmos (YANG; REIGOTA; BARCHI, 2018), ensaiar-me com generosidade e honestidade (LARROSA, 2004), revivi minha trajetória como manifestação ética e política (REIGOTA; PRADO, 2008) na prática da educação ambiental canibal (YANG; REIGOTA; BARCHI, 2018), nos encontros e (des)encontros (MACHADO, 2019), com a coragem de colocar a própria pele-corpo como barreira ao preconceito contra um povo, com a sensibilidade (MARTINS, 2019), com a força dos que vem das margens (REIGOTA, 2010) e a potência das pedagogias do subterrâneo (PROENÇA, 2017).

A floresta ensina que a semente pode passar anos e anos adormecida, mas nunca perderá a memória da sua origem, da planta-mãe, de sua força. O instinto de sobrevivência é despertado diante da maior adversidade (acidez, calor do fogo, choques mecânicos), momento em que surge a plântula vigorosa com toda sua história de rusticidade e resistência.

Nesta experiência, pude conhecer um pouco mais sobre a floresta dos povos indígenas, que buscam na própria origem a fúria e a força para resistir. O fôlego dos jovens com a força dos antepassados. E isso me desperta o desejo de que o frescor e a força do pensamento desses jovens pesquisadores e pesquisadoras indígenas sejam disseminados por espaços outros.

Segue a fala do Professor Diogenes Rafael de Camargo, um dos organizadores da XIII e XIV Semanas de Estudos de Biologia promovidos pela

Universidade Uniararas (FHO), em que narra nosso contato inicial e o trabalho desenvolvido durante a prática proposta, desdobramentos e construção realizada a partir da indicação feita pelo professor Marcos Reigota.

**Para além dos conhecimentos científicos: uma abordagem multicultural**

*Primeiramente entrei em contato com uma palestrante indicada pelo Prof. Reigota. No E-mail em que enviei o convite da XIII Semana de Estudos da Biologia da FHO, fiz questão de utilizar a linguagem mais formal e acadêmica possível. Ela aceitou e, durante os muitos diálogos para alinharmos o tema da palestra e demais assuntos referentes ao evento, a Thereza, Leucena, como ela prefere, sempre fazia questão de falar mais do que eu (o que é raríssimo, uma vez que geralmente xs acadêmicxs convidadxs fazem questão de mostrar o máximo de distanciamento e “pedestáltica” possíveis). A Thereza, Thereza Leucena, disseminou seu carisma e amor pelos conhecimentos étnicos e pela Educação, exatamente como a Leucena, ela e também a árvore, fazem com as suas sementinhas. E as sementes, da Thereza e da árvore, germina, germinou por aqui, rapidamente. Por aqui, a palestra: “Para além dos conhecimentos científicos: uma abordagem multicultural”, disseminou tantas sementes e germinou tão rapidamente que, em menos de um ano, já dava saborosos frutos. A Leucena voltou, resiliente que é voltou e voltou acompanhada, novamente para ser a voz dos povos mais sofridos, oprimidos, novamente para espalhar sementes. São tantas sementes que carrega que uma, a melhor de todas, germinou dela nela. Aquela palestrante, acadêmica indicada por ninguém mais ninguém menos que o Prof. Reigota, “crush intelectual de tantas e tantos”, a Profa. Ma. Thereza Utsunomiya, ou Thereza Leucena, como faz questão de lembrar, espalhou tantas e tantas sementes, fez chuva de sementes, construiu um banco de sementes por aqui. Fez uma chuva de amizade por aqui. Sementes que germinaram em gratidão, parceria, resistência e amor, pelos conhecimentos étnicos e pela Educação. Muito obrigado, minha amiga! Muito obrigado Prof. Reigota, por ter me apresentado à uma amiga tão querida! (CAMARGO, 2020)*

### 3.3 Liberdade – filosofia de Rudolf Steiner e práxis

Andando apressadamente pelo corredor da PUC SP, após participar de uma reunião do grupo Perspectivas Ecologistas de Educação, vejo um panfleto que anuncia uma palestra do professor Rogerio Calia, na USP sobre a Filosofia da Liberdade. Lembro-me de ter em minhas mãos, nos anos 2000, o livro “Filosofia da Liberdade – Fundamentos para uma Filosofia Moderna”, de Rudolf Steiner, um dos autores apresentados pelos integrantes do grupo que originou a Associação Jequitibá de Agroecologia, a AJA!

O caminho todo de volta para Sorocaba fiquei em silêncio no banco de carona, envolvida num exercício de memória tento lembrar dos estudos antropológicos. Perguntaram-me umas 4 vezes se eu estava brava, ou cansada, ou

chateada com alguma coisa. Como tenho minha natureza falante, se me calo causo estranheza. Só respondi que estava tudo bem.

Cheguei em casa, rotina normal de organização doméstica, cuidados pessoais e fui dormir. Acordo de sobressalto às três horas da manhã, recorro aos meus cadernos antigos na busca das lembranças sobre os estudos da filosofia da liberdade e penso na leitura de “*Educação como Prática da Liberdade*”, de Paulo Freire, e lembro da questão da leitura da palavra que descortina a leitura do mundo e a tomada de consciência do seu lugar no mundo (FREIRE, 2006).

Os pensamentos voam para longe... como sementes aladas que bailam rodopiantes com brisa de outono. Semente que voa na liberdade em se assumir quem se é, sem moldes impostos pelos padrões morais e culturais da sociedade. Sementes de pensar na liberdade de expressão, que anda por esses dias novamente tão ameaçada... a própria liberdade de pensamento que me permite esses voos rasantes ou profundos e leva semente pra dentro da minha própria floresta.

A floresta ensina a retroalimentação – pensamentos que voam como sementes por campos teóricos distintos e retornam trazendo o vigor da nova plântula recém emergida.

Diante de conceitos fecundos, frente ao exercício de traçar possibilidades eu questiono em voz alta: Qual a responsabilidade que se assume quando se aprende a leitura da palavra e a leitura de mundo, se toma a consciência sociopolítica e se exerce a liberdade?

Quais pontos aproximam a “*Filosofia da Liberdade*” de Steiner (STEINER,2008) da “*Educação como Prática da Liberdade*” (FREIRE, 1980), de Paulo Freire? Semente encontra mente fértil. Encontro anotações datadas de março de 2001: “Filosofia da Liberdade” é a obra de Rudolf Steiner para entender a base do pensamento antroposófico. Exercício da busca interna, sobre o livre arbítrio na sua mais íntima conexão, tornar-se “senhor do seu próprio destino” para que se desperte para consciência de ser potencialmente livre!

Ao ler em voz alta o trecho, a provocação realizada por Marcos Reigota volta a pairar: “Quando você se torna aquilo que você é?”

Liberta-se!

Liberdade para criar.  
Liberdade para conectar.  
Liberdade para ensaiar-se.  
Liberdade para desnudar-se.  
Liberdade para vencer as amarras.  
Liberdade para manifestar o autóctone.  
Liberdade para exercer a cidadania coletiva.  
Liberdade para ser autônomo em pensamentos.  
Liberdade para estar alheio a qualquer expectativa.  
Liberdade para mergulhar na própria individualidade.  
Liberdade necessária para se tornar aquilo que você é.

Poucos dias depois eu recebi o convite para participar de uma roda de conversa sobre Rudolf Steiner, e pude ampliar meus conhecimentos sobre ele e seus trabalhos.

Rudolf Steiner nasceu em 1861, na Áustria. Viveu entre estações de trem e natureza ao caminhar até a escola rural, seu pai trabalhava na estação. Traz, desde criança, questionamentos/incômodos sobre a existência ou não de uma instância onde os seres humanos reais dialoguem sobre realidade espiritual com clareza de raciocínio e construção de conhecimento e se essa realidade for encontrada, saberia de onde partir.

Aos 12 anos mais ou menos, o professor da sala multisseriada apresentou a Rudolf um livro sobre geometria e foi a descoberta de uma realidade supra sensorial, reconhecida como um acesso.

Formou-se no ensino superior em ciências exatas apesar do interesse humanístico despertado ainda durante a infância, cumpriu a vontade de seu pai. Pelo bom desempenho acadêmico, a partir de 1883, a sensibilidade de Steiner permitiu que fosse tradutor Johann Wolfgang von Goethe, assim tornou-se responsável pela edição dos escritos científicos do escritor, cientista e poeta.

Ao trabalhar no arquivo Goethe, Steiner foi morar em Weimar até 1997 e desenvolveu interesse cognitivo e intensa atividade literária e filosófica. Goethe tinha uma habilidade de se colocar diante dos fenômenos de tal maneira que ele nunca abrisse mão do fenômeno, em resumo “a hipótese é sempre o fenômeno”, para Steiner indicava outro caminho de desenvolvimento a partir da percepção sensorial para transcender e Steiner escreve a “Teoria do Conhecimento” (Linhas Básicas para uma Teoria do Conhecimento na Cosmovisão de Goethe) (STEINER, 1986) e “Verdade e Ciência” (STEINER, 1985) baseados na cosmo visão de Goethe.

Nos anos seguintes Steiner conviveu com a elite intelectual do país e conheceu Friedrich Nietzsche e na mesma época escreveu a obra “Filosofia da Liberdade” (STEINER, 2008) e após alguns anos em Berlim foi conferencista e escritor, primeiramente na comunidade teosófica e depois Rudolf fundou a comunidade Antroposófica.

Ao final da 1ª Guerra Mundial veio a pergunta: “Qual é a proposta para o reerguimento social da Europa?” e encontramos Steiner envolvido em trazer a ideia da Trimembração do organismo social que quase se concretiza, mas Plano Marshal ganha e a ideia da trimembração para por ali enquanto o Plano Marshal dá origem à 2ª guerra Mundial.

Pós a 1ª guerra mundial e dificuldade em obter matérias primas e tempo ocioso, numa fábrica de cigarros onde trabalhavam em sua grande maioria funcionárias mulheres, surgiu a ideia que as operárias tivessem aulas, alimento para a vida cultural dessas funcionárias, o experimento é um sucesso, que as leva a questionar o diretor da fábrica se seus filhos também poderiam estudar. Assim como uma árvore que é cortada, a ideia de Rudolf Steiner que fora interrompida ressurgiu com a mesma força na rebrota e trouxe a força do conceito da trimembração do organismo social a partir de uma pedagogia fundamentada nessa cosmovisão na Pedagogia Waldorf (LANZ, 2005).

Segundo Lanz (2005), Rudolf Steiner nomeou em língua alemã de “*Dreigliederung des Sozialen Organismus*” a organização social que foi traduzida em português para “Trimembração do Organismo Social” e atribui características de um organismo vivo de interação entre membros de um mesmo corpo que têm funções diferentes, são interdependentes e interagem.

Sendo assim a proposta de Steiner para a sociedade é a divisão em três membros essenciais (LANZ, 2005):

1. *Wirtschaftsleben* ou econômica – Pautada na fraternidade e solidariedade no sentido de produção de bens para satisfazer as necessidades básicas dos seres humanos em relação aos aspectos físicos (alimentação, vestuário, moradia) como também não físicos (cultura, arte, espiritualidade) a ponto de se utilizar o essencial sem que seja induzido a adquirir além de sua própria necessidade.
2. *Rechtsleben* ou vida jurídica – Trata da relação entre os seres humanos, novamente traz a questão do espírito básico e deve ser pautada na igualdade perante os contratos estabelecidos.
3. *Geistesleben* ou prestação de serviços – É o exercício das habilidades dos seres humanos para ofertar suas funções na sociedade. Pautada na liberdade porque entende-se que a criatividade seja imprescindível no exercício das funções dos seres humanos, seja um artista, um cientista ou um jurista e a falta de liberdade prejudica as funções criativas.

Para Steiner (2006) em relação à economia e educação o foco deve ser ouvir as necessidades de cada participante, promover convivência social associativa entre as pessoas para atender os interesses do coletivo e cita:

[...] não podemos prescindir da compreensão do organismo social como um todo” e coletivizar as relações na sociedade mostra-se como uma forma eficiente de satisfazer as necessidades para além dos interesses individuais e passar a atender os interesses comuns. (STEINER, 2006, p. 18)

Assim, além dos conhecimentos na área de ciências agrônômicas e pedagogia, que já me fascinavam, acabo de perceber mais afinidades com as ideias deste autor e as conexões entre a teoria e a prática cotidiana também na área de economia. Talvez a forma que a Comunidade que Sustenta a Agricultura (CSA) trabalha seja a materialização do que Rudolf Steiner teorizou. Futuramente pretendo aprofundar os estudos para vivenciar possibilidades em relação à distribuição de alimentos.

### **3.4 O cotidiano no doutorado**

Na sequência são apresentados os textos desenvolvidos durante as aulas do curso de Doutorado. São narrativas produzidas no espaçotempo do cotidiano acadêmico e da sala de aula, contemplando parte do meu aprendizado,

descobertas, dúvidas, relatos de experiências, recomendações de leituras, filmes, músicas e estudos nas tentativas de inventar e reinventar a escola (ALVES, 2000).

Para desenvolver as narrativas, recorri à memória e utilizei minhas anotações realizadas durante as aulas. Utilizo a fonte `courrier new` durante as transcrições das anotações realizadas no caderno.

### **3.5 Atenção, Filmando - Narrativas dos estudantes em cena**

Entro na sala e aguardo um momento, logo vão chegando mais pessoas que se acomodam nas cadeiras da sala de aula abafada. Janelas fechadas por causa da chuva. Professora Alda coloca um filme para assistirmos, os ventiladores da sala ressoam e o barulho se aglutina ao cenário sombrio do filme “Últimas Conversas” (COUTINHO, 2015), gravado Eduardo Coutinho em 2013 e produzido por João Moreira Salles em 2015.

Ao assistir ao filme durante a aula, fiz as seguintes anotações da fala de Coutinho:

“Momentaneamente eu perdi a direção, aí eu vi que criança não precisa fingir”. Discorre em tom dramático, sobre o quanto “recuperar a via é muito difícil” e que se sente “morto pela vida”. Afirma que não quer filmar uma película que não deseja fazer, conta que já fez vários contratos com o governo do estado e fez outros filmes. Fecha-se a câmera:

A placa anuncia: 4º dia de filmagem.

A seguir utilizo as anotações das falas que consegui captar enquanto assistia ao filme e atribuo idades e nomes fictícios aos personagens:

#### **3.5.1 Kátia, 16 anos.**

“Estamos fazendo um filme que deve estar errado, com estudantes do ensino médio. (Seus pais estão vivos?) Sim. (O que eles fazem?) Pais católicos e eu sou ateia, aprendi um montão de lutas, MMA, aprendi a apanhar. As pessoas batiam em mim todo dia. Tudo é cruel, toda criança e adolescente é

cruel... eu tinha 14 anos, cheia de espinhas, andava estranho. Não tenho namorado porque não tenho interesse. (E o que você gosta?) Game of Thrones, sou viciada, escrevo versos e poemas. Eu escrevo sobre o amor, mas não acredito no amor. Provoca sofrimento, então tenho medo de passar por isso e não quero passar por isso. Vai em cinema e lê crítica em revistas, cita os filmes que assistiu, brasileiro: de pernas pro ar. (E o que você gosta de ouvir?) Eu tenho bom gosto, gosto de Beatles, Slipknot, pra provar pode ver minhas músicas no celular... (Você escreveu sobre manifestações...) O que é mais importante no Livro? Orgulho de ser brasileiro. Melhor você ler, tem história para maiores de 18 anos. Na 5ª da Boa Vista vi dois mendigos dormindo. Ouvia "- Chupa, chupa, chupa" a história dos "Mendigos Fodendo".

### **3.5.2 Bruna, 18 anos.**

"Pode responder mentindo?"

Quando era pequena achava lindo usar mochila e ir pra escola, quando entrei não gostei, acho perda de tempo. Importante só português. Só estudo porque quero entrar numa faculdade pública de cinema. Acho desnecessário e chato química. Português estava fácil, matemática nem li. Redação Lei Seca, desnecessário, chato. Tenho sonho louco e escrevo música. Sonhei quando pequena, que a menina tinha câncer e ia morrer e descobriu que a melhor amiga e o namorado estava traindo, pediu pro amigo matar ela assassinada... para culpar a amiga. Por fim quem morre é a amiga e ela se sente culpada. E é condenada.

Acho um saco desenvolver história, não existe "*serem felizes para sempre*" o vilão sempre se dá bem, o mais esperto se dá bem, na vida real é assim. 1ª coisa que me vêm na cabeça: pessoa boba não se dá bem, só com sorte ou milagre. Tenho amigos e testo se são bons amigos. O mundo só tem pessoas

idiotas que contam lorotas o tempo todo, tirando discussões ingênuas os demais são loroteiros. Os ingênuos acreditam em lorotas. Eu sou loroteira, claro que já fui enganada, agora sou loroteira. Sou nervosa, tenho gênio forte, as pessoas precisam concordar comigo... as pessoas são fracas pra mim porque elas não têm imposição, as pessoas desistem de lutar por aquilo que acredita.

Teve um concurso de Web designer, minha amiga fez o site melhor do que o meu. O meu estava péssimo. Mas eu dizia que o meu estava melhor e minha amiga desistiu sendo que o dela estava perfeito e eu nem sabia fazer metade do que ela fez. O meu ganhou. (O que foi o prêmio?) Ganhar dinheiro pra que eu gosto, comprar roupa que eu gosto. (Mentira, você trabalha pra comer) é primeiro pra comer, depois pra namorar."

### **3.5.3 Bianca, 19 anos.**

"Morei com a minha mãe até os 2 anos, se separaram e fui morar com a minha vó até 4 anos, fomos pra Araruama e fiquei até os 8 anos porque minha mãe não tinha como cuidar de mim. Minha mãe trabalhava com limpeza num hospital. Não temos relação de mãe e filha de novela, ela não fez parte da minha infância e adolescência eu não tenho ela como amiga pra contar. Não é uma relação linda, ela é minha mãe por ter me colocado no mundo. Mas o que é o mais importante que é o amor eu não tenho. Não sei como é. (Como você acha que é?) Eu vejo pelas minhas amigas, que possa abraçar, quando eu precisar de uma ajuda, ou quando eu estiver na igreja fazendo algo que eu gosto... dançando, que ela participasse, como as outras mães.

Meu pai fiquei sabendo sexta-feira, que ele está numa clínica, mas eu não fui visitar porque não sei qual será minha reação.

Dinheiro - o importante pra minha mãe é dar comida e roupa pra gente e pra gente estar na escola. (É forma de amor...) Mas não como eu queria.

(Sua mãe casou de novo?) Não, ela juntou - eu tinha 11 anos e ele foi morar conosco, considerei ele uma parte da minha vida como pai. Ele não soube aproveitar isso porque ele - choro - não sei por que ele fez aquilo, ele fazia coisas que não era de pai pra filha - choro - ele queria fazer coisas que não era o certo de ele fazer e eu não gosto muito de falar dessa parte. Eu contei pra minha mãe e ela não acreditou, só acreditou quando ele contou. Por mais dois anos ele continuou em casa. Aí ia acontecer o mesmo com minha irmã, aí a gente saiu de casa. Ele não chegou a encostar na gente mas ele mexia nas coisas íntimas do nosso quarto.

Tenho namorado, vai fazer 1 ano dia 27 de novembro (contou pra sua mãe?) contei e ele está aí. Ele é bonito, amigo, foi a coisa mais linda que aconteceu na minha vida. (Você está com 19 anos, não fez Enem.) Estou fazendo preparatório militar. Quero ser da aeronáutica. (Não pode ser comercial?) Não, só militar. Meu maior sonho é retribuir tudo o que ela fez por mim. Quero dar tudo o que ela me deu. Ter e dar o amor que ela não pode me dar. Ela não me amou pela falta de bem material. O sonho dela é ter uma lojinha, quero dar pra ela isso e tudo o que ela não teve. Construir uma família pra mim e poder dar tudo o que eu não tive. Primeiro realizar o sonho da minha mãe e depois ter minha família."

#### **3.5.4 Kleiton, 20 anos.**

"Bom aluno sempre, religioso na maioria das vezes. Sempre em casa, sem muita coisa pra fazer, ouvia música e ouço até hoje, filmes. Escrevo poesias... eu trouxe. Uma tem palavrão, pode ler? (Adoro.) Escrevo sobre mim, sobre o que estou sentindo. Uma forma de aliviar (Inadequação ao mundo?)..."

(Você não tem religião?) Já fui católico e hoje sou ateu. (Sofreu bulling na escola?) Zoação da maioria, piadinhas e uns batiam e tentavam bater. Um ou outro tentavam defender. (Por

quê?) Me chamavam de feio. Depois que eu era burro. No meio do ano parei de estudar. Eu não compreendia muito os jovens, adolescentes, achavam eles ridículos e eu não conseguia me encaixar. Aí a parte da religião eu comecei a questionar a existência de Deus. Eu estava surtando. (Como é?) Fiquei desesperado porque parar de estudar é algo ruim, minha vida estava em jogo, eu bati minha cabeça na parede. Meu pai é militar, agente de saúde, eles me botaram fazer terapia, com uns 3 psicólogos. Eu voltei com essa postura arrogante (Você voltou pior?) Eu vi meu potencial em sala de aula quando eu voltei e me impus mais. Fui representante de turma, então precisam de mim. Me impus de maneira que eu sou bom. Com quem vai fazer trabalho? Fazia uma fila de gente na minha frente então eu me garantia aí.

Eu me sinto entediado todo dia. Um tédio profundo que nada me satisfaz. (A vida é um tédio) Estou confiante que vou conseguir uma vaga em medicina (Com jaleco ou sem jaleco boa sorte.)

### **3.5.5 Pâmela, 17 anos.**

Boa tarde (Você é bem estilosa, eu nunca vi... isso é o que?) Não conheci meu pai não, minha mãe baiana, cidadezinha bem no interior da Bahia. Aí foi um amor assim, minha mãe inocente e se entregou. Ano passado fui na Bahia e tentei encontrar, mas não deu em nada. (Como é ficar?) Por um momento, nunca fiquei não. A menina diz que alguém quer ficar com você, hoje as meninas tem atitude. Dão em cima, mas eu ainda não sou assim. Fico observando e mando a amiga pra ajeitar. (Faz verso e música?) Eu fico ouvindo na cabeça. Não gosto de funk, nada contra. Gosto de Roxette, música antiga. *Colocou música no celular e começou a cantar lindamente.* Tá bom? (E como sua mãe conseguiu te colocar no colégio de freira?) Ela trabalhava direto, recepcionista em clínica veterinária. Quando saí do

colégio de freira foi a realidade. O mundo caiu. Eu era muito protegida lá. Teve um dia que resolveram fazer uma brincadeirinha na sala. Eu era a única negra. Vamos oferecer a Pamela como se fosse objeto, foi a pior coisa da minha vida - choro - o mundo real foi... desculpa.. todo mundo rindo de mim e foi o começo do inferno na minha vida. Descobri pessoas ... Minha mãe falava que havia preconceito... coloca porrada de curso, luta pra me ajudar um dia, mas colocam de informática. Quem tá na faculdade é branquinho e pode pagar faculdade sim. Geologia, sou louca pra conhecer o novo México... leio sobre terremotos, tamanho de rachaduras. Se um dia tiver uma viagem ao centro da terra eu quero ir. Eu passo de shorts e chinelo e mexem comigo "lá em casa, pretinha..." eu mando pro inferno."

#### **3.5.6 Lua, 17 anos.**

"Sou a única da minha família. (Sua mãe tem orgulho) sim. Ela quer que eu faça curso técnico em enfermagem e faça faculdade. Uma vou fazer de graça a outra minha mãe diz que me ajuda, ela sempre está do meu lado. Minha mãe e minha padrastra. Ela tirou minha mãe da noite, ela chamava de tia, mas aí resolveu falar a real. Chamo ela de Papi. Considero ela mais como meu pai do que o meu pai. Moramos juntos há 5 anos na Ungida Rainha, uma comunidade, planejo ser uma ótima técnica em enfermagem e ótima massagista e fazer de tudo pela minha mãe, meu papi é técnica em enfermagem. Ela cuida de um desembargador."

#### **3.5.7 Thiago Theodoro, 16 anos.**

"(O que você acha da vida?) Meu amigo disse que a vida é só comer e dormir, digo que não. É mais complexa do que você pode imaginar. Meu maior sonho era ficar com uma pessoa e a gente continuar juntos, mesmo com problemas a gente continuar a acreditar e tentar. Vamos dizer que sou do ultra romantismo."

Quando você entende o que é a vida, você não quer mais viver. Alguém já voltou da morte? A morte é algo belo e medonho. (Porquê?) É melhor ir porque você não sabe se é verdade e o silêncio é estranho. (O silêncio é ótimo.) Ninguém é apto ao silêncio. Quando você mora perto da floresta você ouve os pássaros. O silêncio é tão estranho para o ser humano que eu acho que pode causar insanidade. Depois do caos vem o paraíso."

### **3.5.8 Evani, 21 anos.**

"(Fez maquiagem?) Me maquiaram aqui. (Quem é você?) Sou filha da Ana Cristina, quando ela tinha 18 anos eu nasci, tem mais 4 filhos (20, 18 e gêmeos) quando eu tinha 6 meses minha mãe me deixou na casa da minha avó porque ela trabalhava. Ele não me ligou, 15 anos. Ai eu ligava pra ele todo ano, ano passado eu esqueci. (Sinal que ele não é tão importante.) Vejo ele terça e quinta. Ele mora no mesmo quintal da minha mãe, ele trabalha por escala. Segurança. Quando a gente se vê, a gente fala "Bença pai" "Como está na escola?" Só isso. O que aconteceu com ele e minha mãe eu nem tento entender, a culpa não é dele nem dela. Há 4 anos sumiu dinheiro e ele foi todo cheio de autoridade falando que fui eu. Ele preferiu ficar ao lado da mulher do que da própria filha.

Foto do Navio Negreiro, descartando negros doentes ao mar... eu fiquei gritando "não não". Eu nunca entrei em cotas de negros, só sou diferente dos deficientes físicos. Mas não existe diferença entre negros e brancos. Pra mim a cota é aceitar isso é racismo. Meus irmãos são racistas. Sou a preta, somos brancos. Já ouvi muito que tenho cabelo duro. Hoje em dia nem ligo porque é pura infantilidade."

### **3.5.9 Amanda, 18 anos.**

Minha vida é muito complicada, separação aos 9 anos, minha vida era boa...

Desde lá não vejo meu pai biológico e minha mãe começou a namorar um outro homem, um gaúcho e então fomos prá lá durante 4 ou 5 anos. Isso sem contato com meu pai. Um dia minha avó falou que meu pai queria falar comigo, eu chorei e desliguei. Meu padrasto teve oportunidade de emprego no RJ, aí voltamos. Encontrei com meu pai lá. Eu não reconheci. Eu era gordinha quando criança. Ele ficou chorando e me abraçou, ele disse que sempre queria ver a gente. Comecei a namorar o Rodrigo. (Ele faz faculdade Engenharia?) UFRJ, minha mãe deixou até porque viu que ele não era um cara qualquer. Tô gostando do Rodrigo e não quero ir embora."

#### **3.5.10 Menininha Luiza, 6 anos.**

"Fico na escola até às 6h, a van vai buscar. Minha baba abre o portão e eu entro. A van buzina. (E se ela não vier abrir?) Aí a van entrega todo mundo e me deixa por último, aí toca a buzina e liga. (E se ela fica doente?) Tenho duas babás, uma faxineira... (Você mora sozinha com duas babás e uma faxineira?) Não, tem também meu pai e minha mãe. (Os dois são iguais?) Minha mãe é loira e meu pai é moreno, ele é cirurgião, às vezes ele faz 5 operações. Você quer saber o que minha mãe é? Minha mãe é patologista. Ela é cientista de médico, que vê o que tem dentro das pessoas (Você tem cavalo?) Tenho uma potrinha, uma égua e um cavalo. (Já caiu do cavalo?) Meu pai caiu, quando era criança eu não existia. (Como era o mundo antes de você existir?) Eu não me lembro... eu era uma bolinha aí eu fui crescendo e chegou o dia de eu nascer e eu nasci. Você não sabe contar, não? (Deus) É o homem que morreu, a gente chama de Deus. (Sabe rezar?) "Pai nosso..."

Após Luiza rezar o "Pai Nosso" inteirinho, ela levanta da cadeira e sai. Ouve-se palmas dentro da sala onde ela estava

gravando, Luíza volta, segura no barrado do vestido e faz uma reverência de agradecimento.

Fim do vídeo. Boca seca e olhos marejados desde as primeiras narrativas, sensação de anestesia diante do contraste apresentado no último diálogo.

Abre-se a conversa com a turma reunida.

Inicia-se pela última fala, narrativa da criança rica. O que ela representa? “*Um tapa na cara de quem defende a meritocracia*”, eu ouço a voz ao fundo da sala.

Para o colega Leandro, o filme retrata o cotidiano de pessoas pobres. Acrescenta relato sobre sua juventude e o medo sempre presente na periferia. Medo de ser espancado por policiais, assim como presenciou seu amigo negro sendo chicoteado, preso numa árvore.

“*Dores de quem já sentiu na pele, nos olhares, nas palavras*” Leandro comenta.

Silêncio e reflexão. A chuva cessa e eu abro as janelas... brisa fresca renova o ar viciado da sala abafada.

Respiro profundamente em busca de fôlego para encarar a realidade. Ouço a pergunta: “*Até que ponto a escola contribui para criar máscaras para a pessoa se proteger?*”.

O que mais me chamou atenção durante as falas foi o semblante de cada jovem, os olhares fixos ou agitados e as expressões faciais. Além da estética e beleza do filme, o enredo é bastante intrigante e, a partir da primeira narrativa, onde Kátia afirma que “*tudo é cruel, toda criança e adolescente é cruel*”, discorro a respeito de um dos pontos comuns no cotidiano desses jovens: a violência. Seja violência doméstica, abuso sexual, violência na escola, e lembro-me das provocações do Professor Marcos Reigota, para trazer a reflexão: onde encontram as linhas de fuga? Ouvem música, escrevem textos como poemas e músicas para escapar ao peso da inadequação no mundo, da sensação de despropósito da própria vida.

A professora Alda também cita a expressão dos olhos e apresenta a palavra “rostidade”, e juntos vamos desdobrando o conceito da expressão que nos remeteu ao rosto que carrega a história, conta a trajetória, narra as dificuldades, anseios, despeja lágrimas de dor, de esperança, da crença e de sonhos. Na rostidade se manifesta, sem máscaras, as identidades construídas no decorrer da vida.

Segundo Deleuze e Guattari (1996), há uma máquina produtora de rostidade:

Essa máquina é denominada máquina de rostidade porque é produção social do rosto, porque opera uma rostificação de todo o corpo, de suas imediações e de seus objetos [...] (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p. 45).

Professora Alda nos conta que o vídeo é um documentário com adolescentes de escolas públicas cariocas, gravado por Eduardo Coutinho em 2013. Após o assassinato de Coutinho, aos 80 anos, pelo filho Daniel, quem assumiu a pós-produção do documentário foi o cineasta João Moreira Salles.

O diálogo continua a respeito das cenas, a escolha da coloração azul na paredes. Alda chama o tom de “azul melancolia” e identifica a tristeza nos olhos dos estudantes, como se trouxessem a tristeza como uma marca escolar.

Um outro professor comenta: “*Durante as narrativas dos estudantes cariocas eu identifiquei meus alunos, no Véritas inclusive (um tradicional colégio particular de Sorocaba), lembra os eventos traumatizantes que eu vejo, e o discurso de que ‘o que não me mata, me fortalece’, apresenta a indignação, o menino quase um niilista. Esses conflitos ajudam a construir o ser humano*”.

Vale lembrar que mesmo diante de relatos de violência, abandono, dificuldades e desânimo em estudar, também está presente a expectativa por dias melhores através da continuidade dos estudos. A palavra sonho aparece relacionada à conquista de uma vaga no nível superior e à oportunidade de recurso financeiro para realizar os anseios da família. O desejo de constituir família também está presente nas narrativas.

Trago a contribuição de Nilda Alves (2000), acerca da utilização da narrativa do cotidiano escolar e destaco o acolhimento dos estudantes com seus relatos orais, a “importância do momento e dos processos de afloramento da memória [...]; a influência do entrevistador durante todo o processo” (ALVES, 2000, p.1), presentes no documentário.

Paulo Freire (2003), participa do diálogo quando se percebe a autodesvalia presente na narrativa de uma estudante negra, ao se negar a inscrever-se como cotista nos processos seletivos que dão acesso às universidades, afirmando que “participar da política de cotas é ser racista”. A desvalia é uma característica do oprimido que constrói uma autoimagem idêntica à imagem que o opressor tem dele, resultado da introjeção do pensamento dominante. Uma grande ameaça à

autonomia, pois ao aceitar e reproduzir as ações e falas, o oprimido terá muita dificuldade em questionar a realidade e em transformá-la (FREIRE, 2003).

A intimidação desses seres humanos diante da dificuldade do oprimido em se enxergar como ser social e histórico, ser fazedor, transformador, Paulo Freire apresenta caminhos para reverter tal quadro:

A autodesvalia tende a ser superada por um sentimento de segurança e confiança na medida em que largos setores populares, mobilizando-se em torno de reivindicações que lhes são fundamentais, se organizam para concretizá-las. A partir daí se sabem sabendo e exigem saber mais. (FREIRE, 2003, p. 60).

Entendo o fato dessa estudante rejeitar a sua condição de cotista à diversas situações que presenciamos no cotidiano que são utilizadas com cunho político eleitoral, na tentativa de validar a perda de direitos dos sujeitos mais pobres e oprimidos na sociedade contemporânea, e reafirmo a importância da pedagogia dialógica, problematizante e transformadora apresentada por Paulo Freire (2011).

Marcos Reigota reforça que o filme não trata de nenhuma ficção e sim da visão de mundo, e insiste na importância do trabalho educativo do ponto de vista pedagógico e cultural.

O documentário é um artefato cultural repleto de significados, sensível e potente. Retrata o que uma geração está sentindo e isso tem um poder e uma dimensão política imensurável quando ganha o espaço público. É um exemplo da construção de sujeito de direito, principalmente os sujeitos que extrapolam os números das estatísticas, porque passam a forçar a ruptura com o instituído. O espaço da escola reproduz um sistema desestabilizador e nos provoca a repensar toda a questão pedagógica contemporânea.

### **3.6 Jonas que terá 45 anos em 2020**

O professor Marcos Reigota apresenta os personagens do filme "*Jonas que terá 25 anos no ano 2000*" (TANNER, 1976), descrevendo o momento em que o protagonista dá uma aula dentro de uma estufa e cita a obra "*Emílio, ou Da Educação*", de Jean-Jacques Rousseau (1762 apud TANNER 1976): "Toda nossa

sabedoria não é nada além do que servil [...] Servidão e confinamento. Socialmente o homem nasce, vive e morre na escravidão.”

Ressalta a importância da educação na perspectiva da revolução, vislumbra a libertação das amarras, das imposições negativas da sociedade contemporânea. Lembra-nos que na sociedade mais contemporânea “as palavras perderam o significado”, exemplifica com a palavra “inflação”, que “infinidamente repetida, exerce pesada influência dos meios de comunicação de massa, causa avalanche de palavras e significados [...] capta os sentidos” e questiona: “Qual é a intencionalidade em captar os sentidos?”

Professor Marcos Reigota continua a aula com uma reflexão sobre processo de anulação de sentido, “típico dos anos 70, onde o consumismo, publicidade são divulgados por meio das televisões”, traz o contexto de 1970 – União soviética e EUA com mísseis atômicos e discursos apocalípticos e cita como palavras geradoras: meio ambiente, guerra nuclear.

A rica narrativa do professor sobre o cotidiano da época, os detalhes dos abrigos antiatômicos na Suíça, fazem parte da memória de quando morou em Louvaine, na Bélgica, cidade universitária com abrigo antinuclear que os estudantes ocuparam e transformaram em discoteca.

A possibilidade dessa guerra atômica estava presente no cotidiano, com treinamento de evacuação quando soava o alarme, grupos que conduziam aos abrigos, principalmente em Genebra.

Marcos Reigota ressalta que Genebra sediava diversas embaixadas, com isso era comum conhecer pessoas de diversas nacionalidades com problemas ligados à imigração, o que permitia ricos aprendizados culturais e humanitários.

Esse viscoso caldo cultural é representado pela libertação da mulher no papel de Madeleine, feito pela atriz Myriam Mézière que brilhantemente atua como uma secretária que não tem nada de submissa, ao contrário, ela representa um movimento revolucionário. A busca por religiões orientais, distantes das tradições européias, como forma de aproximar-se de outras possibilidades de viver pode parecer uma sutileza, mas somada a outras representações como o estudo do sexo tântrico, pode ser vista como desconstrução do ideário eurocêntrico e o afastamento do microcosmo de família tradicional, quando o sexo é tido como fonte de prazer e

espiritualidade. Madeleine representa o papel da mulher na sociedade que rompe com o padrão europeu, oferece visibilidade política às mulheres, clama por liberdade sexual, pratica a sexualidade sem intenção de reprodução. Madeleine contrapõe pequenos elementos que são característicos de uma época.

Marcos Reigota lembra que a Primeira Ministra era uma mulher enquanto ele morou em Genebra e atribui a conquista do protagonismo feminino na política à luta cotidiana, à institucionalização de algumas das lutas sociais de 1968.

O filme também propicia encontro dos opostos: banqueiro e anarquista em diferentes espaços de conversa, assinalando mais uma vez a presença do cotidiano.

O machismo da parte do jornalista que não avança, a desilusão de um jornalista com a utopia de 1968 e ao mesmo tempo a busca por uma vida comunitária... o estar junto. Há ainda o sindicalista desiludido que atende ao pedido do professor de história para outro espaço de formação importante, promove a educação.

Para Samuel, colega de disciplina no Curso de Doutorado, a estética denominada “desagradável” do filme o motivou a continuar assistindo e o que prendeu a atenção dele foi a desvalorização da moeda, o franco, no decorrer do filme. Repara que determinado item era anunciado por 1,90 francos no início do filme e no final o valor na placa era de 2,40 francos.

Samuel faz a leitura de que o filme faz referência à educação pela ética (tema da pesquisa de Samuel – educação anarquista) e complementa: “o protagonista começa a trabalhar descarregando esterco, mas manipula os colegas para fazerem a parte dele e começa a dar aula dentro da estufa”. Ainda cita que “o filme faz a linha de Karl Marx, por exemplo, quando aborda a fictícia crise do petróleo”.

E eu continuo pensando em Jonas, aos 45 anos, vivendo nesse mundo onde as culturas tradicionais são massacradas e massificadas em nome de uma globalização que lhes impõe o padrão hegemônico.

A sequência dada pelo diretor Alain Tanner com o filme *James e Lila, até Amanhã* (1999) permite que tenhamos boas pistas sobre as escolhas pessoais e políticas de Jonas para o ano de 2020. No filme, o ano é 2000, Jonas completa 25 anos em Genebra, recém-formado na faculdade de cinema, casado com Lila, uma belíssima jovem africana (Aissa Maiga).

Para quem, como eu, esperava encontrar em Jonas um personagem envolvido em grandes causas humanitárias poderá acompanhar o enredo que aborda a questões das desigualdades entre os povos, a urgente questão dos imigrantes, durante os diálogos desenvolvidos no cotidiano de um casal que busca viver dos seus trabalhos artísticos.

Vinte anos depois, no ano de 2020, Jonas e Lila promoveriam campanhas on-line para ajuda humanitária aos que estão desassistidos em meio à uma situação que se instalou no mundo inteiro, diante de uma doença provocada por um vírus chamado Covid 19. Milhares de fronteiras fechadas, milhares de cidadãos sem poder retornar aos seus países de origem. Quarentena, isolamento social, toque de recolher, shoppings e demais lojas fechadas e falta de equipamentos de proteção para os profissionais da área da saúde, segurança, transporte alimentação. Jonas e Lila chamariam nossa atenção para as novas formas de nos relacionarmos como seres humanos.

### **3.6.1 Próxima aula**

Marcos Reigota nos lança uma pergunta: *“Daqui 25 anos em qual mundo vocês estarão vivendo?”*

Segundo Reigota, os anos 70 foram pródigos em propostas pedagógicas que foram podadas por um modelo centralizador. O ano de 1968 foi marcado por protestos em várias partes do mundo, desempenhando um papel incrível na França, talvez o centro do movimento: foram construídas 2 universidades: Paris 8 (projeto político pedagógico de Foucault) e Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais, que aglutinou os pesquisadores na casa dos 30 anos, jovens professores. A época coincide com o exílio de alguns pensadores brasileiros, como Celso Furtado, que foi professor lá.

Marcos Reigota indaga: *“Quais pensadores permaneceram? Qual resistência foi criada?”* e comenta que no Brasil a proposta libertária de uma universalidade foi criticada pela corrente de Demerval Saviani quando era o momento de fazer proliferar uma alternativa como proposta pedagógica. O pensamento surgido no Brasil pós-ditadura foi de uma pedagogia tradicional, cujo modelo se tornou hegemônico.

Ainda a respeito da experiência vivenciada em Genebra, o professor acrescenta, *“Genebra é fronteira com França, é uma cidade muito cara, o que faz com que os trabalhadores morem nas cidades francesas vizinhas, que é muito mais barato e permitido às pessoas que tiverem um trabalho remunerado em Genebra. Existia essa possibilidade com bastante fiscalização. A questão da imigração era bastante intensa, Genebra recebia os refugiados do leste europeu - albaneses, e outros da desintegração da Iugoslávia. O capitalismo avançado onde os direitos daqueles que vendem sua força de trabalho são garantidos, ausência de governo, leis trabalhistas é quase auto gestor. Isso é de uma sofisticação cultural, pois você reconhece o direito do outro”*.

Assim como no filme *Jonas que completa 25 anos no ano 2000*, o personagem, que é professor, corta uma linguíça e explica os cortes realizados na História para que caiba numa disciplina, as divisões e subdivisões de um texto, a mesma analogia foi dada por Samuel, ao afirmar que *“mata-se a filosofia para enquadrá-la em aulas e para se estudar em períodos.”* Como músico e filósofo, Samuel complementa: *“é como a questão rítmica. Apresentar conceitos musicais sem falar sobre a música.”*

Samuel diz que, no filme, conforme abordado anteriormente, compara os preços no início e fim. Exemplifica com a questão da escassez de um produto que não é escasso. Compara o capitalismo com um saca-rolha, onde se *“bebe o conteúdo e quebra a garrafa”* e acrescenta que o capitalismo simplesmente se apropria e descarta.

### **3.7 Formulações de Marcos Reigota: questões para pensar**

Em meu caderno encontro estas questões lançadas por Marcos Reigota a nós estudantes, um convite para pensarmos:

*Quais são as características dos dispositivos de controle que nos são comuns no cotidiano escolar (biopolítica)?*

*E as saídas, são provocadas por um indivíduo ou na coletividade? (“sempre tem um rebelde e é fantástico!”) O quantitativo de*

*peças não importa e sim o que elas estão trazendo, geralmente esse solitário está rodeado de outros, são as redes de como o processo se constitui.*

*Quem são os professores que fogem desse controle nas práticas pedagógicas cotidianas? (rompe com a chamada, a avaliação, os regulamentos, a obrigatoriedade dos conteúdos... rompe com a incoerência e a hipocrisia do sistema alienador e hegemônico).*

*Acesso ao conteúdo se tem em todo lugar, mas estabelecer relações não!!! Quais são essas relações? É disso que se trata nossa pedagogia contemporânea: da construção dessas relações!*

*Onde se produz uma subjetividade que venha com a força de ruptura com o instituído? Como isso adentra na questão pedagógica contemporânea? (passa pelos produtos culturais, sensibilidade, como os filmes que assistimos durante as aulas).*

*Onde estão essas zonas de resistência? Onde germinam possibilidades de resistência ao controle absoluto?*

*Diante de toda situação que tenta homogeneizar mentes, estabelecer padrões de comportamento e estimular o consumo, o que está prenhe de possibilidade de existência?*

O intuito de trazer todas essas falar reunidas no mesmo texto é de socializar para que outras pessoas possam ter a oportunidade de pensarem por elas mesmas, instigar a rebeldia de cada um, provocar (re)AÇÃO!

Eu faço o exercício durante o curso de doutorado e na escrita da tese, onde ensaio algumas respostas de forma explícita, outras dou pistas ou escrevo poemas a partir do que me reverbera.

### 3.8 Cabeças que falam, de Krzysztof Kieslowski

Um curta metragem “Cabeças que falam”, direção e roteiro de Krzysztof Kieslowski, Polônia, 1980.

Figura 23 - Cabeças que falam.



Fonte: Kieslowski, 1980

1979 - Um bebê e as perguntas do entrevistador: “Que ano você nasceu?”, “Quem é você?” e “O que você mais deseja?”

1978 - “tenho 2 anos” “Quem é você?” Weldek e “O que você deseja?” Nada.

1972 - Sou uma branquela feia, queria largar a escola e ter filhos bonitos.

Quando quero uma coisa eu consigo. Gostaria que todos fizessem algo pelo próximo.

Eu não estou pronto para ter desejos sérios.

Eu estava num orfanato, desejo que todos tenham uma infância feliz.

Sou um otimista sem nenhuma complicação... queria morar na natureza.

Sou nada, queria me tornar humano.

Queria que as pessoas vivessem livres do medo.

Queria uma vida decente para a minha família.

Casa própria.

Jovens não se preocupem tanto com o futuro - carpe diem.

Liberdade para escolhas de caminhos - Professor de história.

Um pai e funcionário público.

Escritor: Temo a falta de debate público, falta de troca de ideias, menos livres, menos idas e vindas de pensamento, resulta no que tenho observado: crepúsculo da democracia.

Sou operário de fato e queria pessoas mais honestas e justiça mais justa.

Motorista de taxi - sinto mais liberdade. Para ser livre de fato é necessário democracia e segurança. Liberdade individual não é suficiente.

O que sou? Há tanta expectativa. Impossível permanecer imutável. Queria ver o mundo de verdade, sem fachadas.

Sou um homem de responsabilidade e pouco senso de humor: desejo saúde para mim e para os que eu amo, menos sofrimento e humilhação para as pessoas do meu país e do mundo

Sou humano e relação com Deus, sou feliz e ajudo pessoas a serem felizes “Proletários do mundo: uni-vos!”

Vivo com minhas memórias pré-guerra, resistência no subterrâneo e a reconstrução pós-guerra. Nem todos os meus sonhos se realizaram. Queria que meus filhos e netos colhessem os frutos.

Humanista. Zelar pelos direitos humanos, pela lei, o direito de cada ponto de vista e o direito à dignidade. E como desejo quero tranquilidade pra mim e os demais.

1894 - Sou viúva há duas semanas. Viúva de Stanislaw, é tudo. Não quero nada.

1980 - Tenho 100 anos e quero viver muito mais.

A partir daqui inicia-se a roda de conversa a respeito do curta metragem:

Um professor pontua que historicamente a Polônia invadida pela União Soviética inibiu costumes e até a religiosidade das pessoas e, acrescenta ele, que as decisões políticas da Polônia eram tomadas em Moscou.

Reflexão sobre o tempo que se subtrai, avança no período histórico e diminui o tempo histórico à medida que aumenta idade dos personagens nascidos entre 1980 até 1880. Inicia-se com a bebê que não responde.

Professora Alda Romaguera achou interessante a ideia de perguntar quem você é e o que você quer, acredita que o documentário traz falas de crianças com identidade, jovens com projeção e adultos com valores, ainda pontua a presença das palavras democracia, liberdade e segurança nas falas.

São lançadas as perguntas geradoras: “Como se constrói identidade no cotidiano? O que podemos conversar nessa perspectiva de cotidiano escolar e contemporaneidade?”

Samuel diz que todos possuem desejos de ideário coletivismo.

Leandro percebe uma conexão com processo de “humanização”.

Rostidades que carregam olhares permeados por críticas e acontecimentos, que revelam as diferentes maneiras de ver e intervir no mundo, eu pontuo.

Alda sugere cavocar as pistas para trabalhar com as possibilidades.

Eu penso na Bienal Incertezas Vivas como um exemplo de arte para adiar o fim do mundo (KRENAK, 2019) e lembro o exemplo da utilização de artefatos culturais como filme ou documentário. Seriam formas de trazer novas perspectivas?

Alda: “Incomoda pensar no processo dicotômico ou de modos de estar no mundo, por conta que a tal da democracia não está nos levando adiante. Que fissuras, raspagens, provocações nós conseguimos fazer?”

Leandro cita Milton Santos e Eduardo Viveiros de Castro como provocadores dessa discussão e diz que ocorre o “*deslocamento de mundos, esse mundo moderno acabou*” (fadado ao fim, não há mais como transformar).

Comento que recentemente gostei de ouvir uma fala de Milton Santos que vem ao encontro do que diz o professor Rodrigo Aleixo Brito de Azevedo.

Para explicar sobre a aproximação que senti entre os pensadores, apresento um pouco do que está na minha memória, o que aprendi com Professor Rodrigo Aleixo durante o curso de Mestrado em Agricultura Tropical na Universidade Federal de Mato Grosso. Ele dizia que a superação do modo de vida consumista e do capitalismo se dará via “agricultura da escassez”, a vida árida e pobre, que extrai vida de onde aparentemente nada tem. Professor Rodrigo costumava apresentar sequências de fotos com diversos rostos, de diversos povos, trazer o diálogo sobre formas de se fazer agricultura como a própria cultura de cada povo, de cada comunidade tradicional, e afirmava que a nova forma de se relacionar (com justiça social para redução dos abismos sociais) emerge dessa relação com a terra, com as pessoas.

Milton Santos (2000) apresenta uma expectativa de que as periferias globais possibilitariam uma nova relação entre as pessoas do mundo, com mais igualdade e justiça entre os povos. A cultura popular e capacidade de comunicação estimulada pelas novas tecnologias da informação são apresentadas como possibilidade.

Aproximei os pensamentos de Milton Santos e Rodrigo Aleixo Brito de Azevedo porque creio que as sementes da revolução encontram solos férteis e são disseminadas pelos estudantes secundaristas, pelos que vêm das margens, periféricos da globalização, pelos povos que sobrevivem da “agricultura da escassez”, que germinam pensamentos de justiça social nos movimentos estudantis,

rostos comuns presentes nos artefatos culturais (“Bienal Incertezas Vivas”, “Cabeças que falam”, “Jonas...”) e ganham frutos nas plataformas sociais... para formarem mais sementes, plantar árvores com fortes raízes capazes de romper com o que há de institucionalizado, raízes capazes de romper preconceitos, desigualdades, desumanidades, injustiças... raízes que sustentem as florestas e nos mantenha na luta “à sombra desta mangueira” (referência ao título da obra de Paulo Freire, 1995).

#### **4 (SOBRE)VIVER COM E COMO AS FLORESTAS NOS COTIDIANOS ESCOLARES, NA ESCRITA E NA VIDA**

Início as considerações finais deste trabalho com um trecho de uma composição de Fernando Brant e Milton Nascimento, famosa na voz de Milton, e importante em minha trajetória. São estes os versos:

“Com a roupa encharcada e a alma  
Repleta de chão  
Todo artista tem de ir aonde o povo está  
Se for assim, assim será  
Cantando me disfarço e não me canso  
De viver nem de cantar”  
(Fernando Brant e Milton Nascimento, 1981)

Na minha adolescência me vi fascinada pela arte, despertada quando assisti uma peça de teatro escolar. Mas não foi possível, naquele momento, fazer da arte o meu projeto profissional.

Cavei frestas e encontrei brechas... segui para outra cidade para cursar engenharia agrônoma. E quem diria que encontraria nos movimentos estudantis minha identidade como artista?

Ali, eu me sentia realizada, tinha tomado consciência de que, sim, eu era uma estudante ativista artista.

Com o passar dos anos, foram inúmeras as situações desafiadoras, algumas delas narradas no texto tese, outras ainda não desnudadas. E eu segui me reinventando de acordo com cada cenário.

Durante o curso de doutorado, tive a oportunidade de me deparar com questões inéditas. Encarei o estudo formal das teorias educacionais com muita alegria e entusiasmo, como uma criança ao descobrir algo novo.

Também tive fases onde me senti inadequada, improdutivo...

Para superar o desânimo, inspirava-me em meus professores e colegas que pareciam ter uma habilidade em escrever com profundidade teórica e poesia. Eu estava repleta de inseguranças, o que me fazia parecer uma adolescente rebelde; estava em busca de respostas para minha pesquisa.

Com o passar dos meses, experimentei um grande amadurecimento na vida e na pesquisa. Foi um momento forçado, atropelado e dolorido, que resultou numa jovem ativista ecológica feminista artista professora pesquisadora mais

amadurecida, ciente de suas virtudes e limitações e pronta, novamente, para encarar mais aprendizados.

Fiz-me profissional, filha e mãe com a ajuda de uma rede de afetos que transpira empatia e segue inspirando por onde passa....

Foi no curso de Doutorado em Educação que aprendi que todo educador é um artista, e, como diria Milton Nascimento, “todo artista deve ir aonde o povo está”. E, como todo artista, também sigo, como educadora, cantando, nesse caminhar de aprender, viver. E cantar só faz sentido se for junto aos povos. Atenta aos povos e para os povos.

Como ser humano, consciente do próprio inacabamento, penso que a escrita da tese foi uma oportunidade de experimentar o exercício de autocuidado, tomada de consciência e reflexão a respeito da minha própria trajetória, dos aprendizados durante os percursos e aplicações nas nascimentopráticas pedagógicas e na vida.

A vida e os fazeres pedagógicos atravessados pelo momento histórico e político presente, a busca por teorias acerca dessa necropolítica, onde os (des)governantes não se contentaram em excluir, invisibilizar as pessoas, os povos, as vidas... passando a, deliberadamente, perseguir e matar.

A alienação em massa “contra a corrupção” juntou uma corja de algozes com sede de (in)justiça. O mesmo que utilizou seu passaporte diplomático para fugir do país após cometer crime de racismo, tendo como marco de último ato como ministro da (des)educação a revogação da política de ações afirmativas que reservava vagas para negros, indígenas e deficientes nos programas de pós-graduação das universidades federais; seria um ato escancarado de aniquilamento dos povos? O escancaramento do racismo?

Quem somos nós, diante dessa realidade? Como seguiremos?

Acredito que as possibilidades de fomentar diálogos, encarar desafios, fazer junto ao tecer possibilidades de crescimento mútuo na construção da sociedade que almejamos vai além das nossas práticas pedagógicas; diz muito a respeito das nossas ações cotidianas, da nossa empatia e nossos fazeres miúdos.

Pode germinar durante uma reunião *on line* de um grupo de estudos, onde a vontade de fazer algo pelas pessoas que estão passando fome e frio durante esses tempos tão assombrados por essa política nefasta, cresce rapidamente com ideias de diversos colegas e ações para que se concretize, onde em poucos minutos se mobilizam para encontrar fornecedores de cobertores, arrecadam recursos e

conseguem, entre mais ou menos 10 pessoas, os primeiros 250 cobertores para doação...

E começa a frutificar quando a ideia se dissemina entre familiares, amigos próximos, tornando-se uma onda de cuidado e amor ao próximo que vai afetando por onde passa... e conquista mais e mais pessoas, que continuam a espalhar as sementes.

Acredito no poder desse afeto, no afetamento por meio das narrativas, meditações, podcasts sejam com indicações de leituras ou gotas de meditação diária, belezuras de diversas formas nas redes sociais que despertam esses fazeres.

E vamos tecendo, um a um, uns com os outros, outros com outros, formas outras de nos relacionarmos e agirmos nesse fortalecimento para enfrentar e resistir ao que está posto.

É disso que se trata a tese: uma trilha por cotidianos diversos, entre florestas, escolas e a vida... que (CON)vida a perceber o que podemos aprender em cada ensaio, em cada linha de nossa própria história, não somente no cotidiano escolar, mas além das escolas, nos ciclos vivenciados, nas micropolíticas cotidianas.

A partir do trajeto cotidiano vivenciado, narrado, desnudado e exposto publicamente, deparo-me com mais perguntas do que respostas. São descobertas particulares, íntimas, e cada dobra se (des)dobra em infinitas formas de se resignificar.

Oportunidade de experimentar formas de se fazer sujeito da própria história, consciente do próprio inacabamento e aberto ao aprendizado.

Aprendizados que incorporam as teorias, os artefatos culturais, as vivências, a própria bio:grafia ao se fazer integral para práticas pedagógicas, para a pesquisa e para a vida.

Creio que as trans+forma+ações nas escolas, nas florestas e na sociedade também se dão a partir das ações miúdas do cotidiano, disseminando sementes em diversos tipos de solo, respeitando as diferenças e o tempo de cada um.

A floresta, assim como a escola, é uma entidade dinâmica e nômade, que é afetada pelos atravessamentos do cotidiano; cabe à cada um encontrar as frestas, enxergar possibilidades nas novas dinâmicas constituídas. É possível fazermos só ou juntos, como ensina Paulo Freire. E nada será definitivo ou absoluto.

Não há um único caminho. Eles são infinitos e ilimitados.

Como escreveu Professor Marcos Reigota (REIGOTA, 1999, p. 88):

“A educação ambiental, na escola ou fora dela, continuará a ser uma concepção radical de educação, não porque prefere ser a tendência rebelde do pensamento educacional contemporâneo, mas sim porque nossa época e herança histórica e ecológica exigem alternativas radicais, justas e pacíficas.”

Assim, a perspectiva ecologista de educação, nessa concepção repleta de resiliência, coragem, criatividade, participação e rebeldia, se faz com esse fazer miúdo, coparticipativo, ético, poético, fluído, político, ecológico, criativo do educador artista. E para se fazer sentir e sentido, o educador artista está onde o povo está... na persistência e coragem dos fazeres cotidianos que nos permite a própria (sobre)vivência.

## REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. **O que é contemporâneo?** e outros ensaios, Chapecó, SC: Argos, 2009. 92p.
- ALCALÁ, Carla Suresh; LIMA, José Felipe Godoy de Mello de; BAULY, Luanda Augusto. **Comunidade que sustenta a educação (CSE Sorocaba)**. In: 10a CONFERÊNCIA INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL E SUSTENTABILIDADE. Sorocaba: SESC. 12 a 15 de junho de 2019.
- ALMEIDA JÚNIOR, Antonio Ribeiro de. **A anatomia do trote universitário**. São Paulo: Hucitec Editora. 2011. 236p.
- ALMEIDA JÚNIOR, Antonio Ribeiro de; QUEDA, Oriowaldo. **Universidades, preconceitos e trotes**. São Paulo: Hucitec Editora. 2006. 237p.
- ALVES, Nilda; GARCIA, Regina Leite. **A invenção da escola a cada dia**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- ANJOS, Augusto dos. **Eu e outras poesias**. 42. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998. 126p. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv.00054a.pdf>>. Acesso em: 28 de Maio de 2000.
- ÁVILA, J. C. **Princípios básicos do método biodinâmico**. 2000. Disponível em: <<http://www.sab.org.br/agric-biod/principios.htm>>. Acesso em: 3 de Jun. 2020.
- AZEVEDO, Álvares de. **Lira dos Vinte Anos**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- AZEVEDO, Álvares de. **Poemas malditos**. 3.ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.
- BACCI, Christian; CHAGAS, Renato Luciani. **O Jequitibá: caminhos percorridos em direção à sustentabilidade**. A educação ambiental como processos do viver. Campinas, SP: Editora Komedi. 2009.
- BACH, Richard. **A história de Fernão Capelo Gaivota**. Rio de Janeiro: Nórdica. 1970. 152p.
- BAUMAN, Zigmunt. **Medo líquido**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2008. 229p.
- BAUMAN. **44 cartas do mundo líquido moderno**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2011. 228p.
- BOTH, S. J. **Migração e Historia dos estudantes indígenas em escolas urbanas**. 2014. 234f Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Uberlândia.. Disponível em: <[http://need.unemat.br/4\\_forum/artigos/sergio.pdf](http://need.unemat.br/4_forum/artigos/sergio.pdf)>. Acesso em: 05 de Abril de 2000.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Minha casa, o mundo**. Aparecida, SP: Idéias & Letras, 2008.
- BRANT, Fernando; NASCIMENTO, Milton. **Nos Bailes da Vida**. Rio de Janeiro: Gravadora Ariola, 1981. Álbum Caçador de Mim.
- CAMARGO, Diógenes Rafael. **Para além dos conhecimentos científicos: uma abordagem multicultural**. Destinatária: Thereza Cristina Utsunomiya Alves. Sorocaba, 09 de Mar. 2020. 1 mensagem eletrônica.

CAMARGO, Eduarda Carvalo; DALLA-NORA, Giseli. A permanência de jovens do campo em áreas de assentamento: Um olhar sobre o Assentamento Antônio Conselheiro – Tangará da Serra/MT. **Revista Científica Vozes do Vale**, n. 15, v. 8, 2019, p.1-14.

CB BRASIL, 2015. Correio Brasiliense Brasil. **USP abre sindicância para apurar ofensas contra alunas em Piracicaba**. Publicado em 18/06/2015 15:07. Disponível em: <<https://www.correiobrasiliense.com.br/app/noticia/brasil/2015/06/18/interna-brasil,487075/usp-abre-sindicancia-para-apurar-ofensas-contras-alunas-em-piracicaba.shtml>> Acesso: em 29 de Maio de 2020.

CB TURISMO. Correio Brasiliense Turismo. As empresas aéreas transportam 2,92 milhões de passageiros em 2000 e em 2014 foram 102,32 milhões. Publicado em 11/11/2015 17:07. Disponível em <[https://www.correiobrasiliense.com.br/app/noticia/turismo/2015/11/11/interna\\_turismo,506012/numero-de-passageiros-aereos-cresceu-210-de-2000-a-2014-diz-cnt.shtml](https://www.correiobrasiliense.com.br/app/noticia/turismo/2015/11/11/interna_turismo,506012/numero-de-passageiros-aereos-cresceu-210-de-2000-a-2014-diz-cnt.shtml)> Acesso em: 10 de Maio de 2020.

CHABOUSSOU, Francis. **Plantas Doentes Pelo Uso de Agrotóxicos**. São Paulo: Expressão Popular, 2006. 320p.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Mil Platôs. Rio de Janeiro: Ed.34 1996. 110p. Disponível em: <<http://escolanomade.org/wp-content/downloads/deleuze-guattari-mil-platos-vol3.pdf>>. Acesso em: 22 de Março de 2020.

DESMAIRAIS, Annette Aurélie. La Vía Campesina: Globalização e poder dos camponeses. **Revista Nera**. Ano 10, n.10, p.165-173, 2007.

FERRAÇO, Carlos Eduardo; ALVES, Nilda. As pesquisas com os cotidianos das escolas: pistas para se pensar a potência das imagens narrativas na invenção dos currículos e da formação. **Espaço do currículo**, v. 8, n. 3, p 206-316. 2015.

FOUCAULT, Michel. **A verdade e as formas jurídicas**. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2002. 160p.

FREIRE, P. **Conscientização: teoria e prática da libertação**. São Paulo: Moraes, 1980.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 17ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

Freire, Paulo. **Conscientização: teoria e prática da libertação. Uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. São Paulo: Centauro. 2008. 116p.

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. São Paulo: Paz e Terra. 2007. 112p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo, Paz e Terra, 2011b.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler em três artigos que se completam**. 45ª ed. São Paulo: Cortez. 2003.

FREIRE, Paulo. **À sombra desta mangueira**. 2ª ed. São Paulo: Editora Olho d'Água. 1995.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 29ª ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra. 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 50ª ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra. 2011a.

- FREIRE, Paulo; FREIRE, Ana Maria Araújo; OLIVEIRA, Walter Ferreira de. **Pedagogia da Solidariedade**. São Paulo: Paz e Terra. 2014. 122p.
- FUNDAÇÃO JAPÃO. **Fundação Japão apoia “Depois do fim, o cotidiano”, de Marcos Reigota**. Publicado por FJSP em Arte e Cultura em 30 de Setembro de 2015. Disponível em <<https://fjisp.org.br/agenda/depois-do-fim/>>. Acesso em 18 de maio de 2020.
- GALLO, Domingos *et. all.* **Entomologia Agrícola**. Piracicaba: FEALQ, 2002, 920p.
- GALLO, Sílvio. A Vila: Microfascismos, fundamentalismos e educação. In: GALLO, Sílvio; VEIGA-NETO, Alfredo. **Fundamentalismos & Educação**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2009. p.17-36.
- INPE. 2020. **Zoneamento de Cobertura Vegetal do Estado de Mato Grosso**. <[http://www.dsr.inpe.br/panamazon/img/MT\\_Valdete1.pdf](http://www.dsr.inpe.br/panamazon/img/MT_Valdete1.pdf)>. Acesso em 29 de Abril de 2020.
- JONAS ET LILA, À DEMAIN. Direção Alain Tanner. Gênero ficção. Ano de produção 1999 (SUÍÇA/FRANÇA) - Duração 124 minutos.
- JONAS QUI AURA 25 ANS EN L`AN 2000. Direção Alain Tanner. Gênero ficção. Ano de produção 1976 (SUÍÇA/FRANÇA) - Duração 110 minutos.
- KHATOUNIAN, Carlos Armênio. **A reconstrução ecológica da agricultura**. Botucatu, SP: Agroecológica, 2001.
- KNABBEN, Virginia Mendonça. **Ana Maria Primavesi – Histórias de vida e agroecologia**. 2ª Ed. São Paulo: Expressão Popular. 2017, 486p.
- KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. 2019. São Paulo: Companhia das Letras. 2019. 64p.
- LANZ, Rudolf. Introdução. In: LANZ, Rudolf. **Noções Básicas de Antroposofia**. 7. ed. São Paulo: Antroposófica Ltda., 2005. 101p.
- LARROSA, Jorge. A operação ensaio: sobre o ensaiar e o ensaiar-se no pensamento, na escrita e na vida. **Educação & Realidade**. n.29, v.1, p.27-43. 2004.
- LEON. G. P. *et al.* **Um Olhar no entrelace da Cultura e Educação do Povo Paresi Haliti**, Mato Grosso, Brasil. Segundo Congresso Internacional de Educação de Ponta Grossa-Brasil. Maio de 2010.
- LIMA, Walter, Matias. A Vila: O medo nem sempre ensandece – Uma pequena apresentação. In: GALLO, Sílvio; VEIGA-NETO, Alfredo. **Fundamentalismos & Educação**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2009. p.13-16.
- LOVELOCK, James. **A Vingança de Gaia**. Rio de Janeiro: Editora Intrínseca. 2006. 160p.
- LOVELOCK, James. **Gaia: um novo olhar sobre a vida na Terra**. São Paulo: Edições 70 Almedina Brasil. 2007.168p.
- MACHADO, Camem Silva. **Cotidiano escolar e a arte: pedagogia do (des)encontro**. 2019. 287p. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de Sorocaba, Sorocaba, SP, 2019.
- MARTINS, Nataliane Isabela Oliveira. Ritmo de pensamento: rastros de cotidianos- educação. 2019. 247p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Sorocaba, Sorocaba, SP, 2019.
- MATURANA. Humberto. **Gaia – Uma Teoria do Conhecimento**. 4ª ed. São Paulo: Editora Gaia Ltda. 2011. 208p.

- MAZZUCHELLI, Frederico. **A contradição em processo: O capitalismo e suas crises**. 2ª Edição. Campinas SP: Unicamp. 2004. 185p.
- MESQUITA, Marcos Ribeiro. Movimento estudantil brasileiro: Práticas militantes na ótica dos novos movimentos sociais. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 66, v.1 p. 117-149. 2003.
- MIKLÓS, Andreas Attila de Wolinsk. **Agricultura biodinâmica, nutrição e desenvolvimento humano**. Botucatu: Associação Brasileira de Agricultura Biodinâmica, 2019. 222p.
- MOREIRA, Roberto José. Críticas ambientalistas à Revolução Verde. **Estudos, Sociedade e Agricultura**. V.8, n.2, p.39-52. 2000.
- OLIVEIRA, Jorge Eduardo Dantas de. **Guariba – retrato de problemas ambientais. 2011**. Disponível em: <<https://www.wwf.org.br/?29587/expedicao-guariba--retrato-de-problemas-ambientais>> Acesso em: 08 de maio de 2020.
- PAES, Maria Helena Rodrigues. Questão da língua na escola indígena em Aldeias Paresi de Tangará da Serra-MT. Universidade do Estado do Mato Grosso, Campus de Tangara da Serra. **Revista Brasileira de Educação**, Dezembro de 2002.
- PEREIRA, Benedito, Fernando. Foucault e a educação libertária: por uma escola transformadora da sociedade. **Theoria** – Revista eletrônica de filosofia da faculdade Católica de Pouso Alegre. v.5, n.13, 2013 p. 80-102.
- PEREIRA, Elenita Malta. **Lutemberger e a militância pela agricultura ecológica**. Publicado em 14/05/2012. Disponível em <<https://alfonsin.com.br/lutzenberger-e-a-militancia-pela-agricultura-ecologica-por-elenita-malta-pereira/>> Acesso em: 30 de Abril de 2020.
- PINTO, JOAO RICARDO CARNEIRO TEIXEIRA. **Que fim levaram todas as flores?** Secos e Molhados. Gravadora Phillips. 1978.
- PONCIATO, Jéssica, Kurak; RIBEIRO, Arilda Inês Miranda. Escola e tecnologia: as ferramentas de “assujeitamento” dos corpos e mentes. **ARTEFACTUM** –Revista de estudo em Linguagens e tecnologia. n.1, 2014. Disponível em: [artefactum.rafrom.com.br](http://artefactum.rafrom.com.br)
- PRIMAVESI, Ana Maria. **Agroecologia: Ecosfera, tecnosfera, agricultura**. São Paulo: Nobel. 1997. 199p.
- PRIMAVESI, Ana Maria. **Manejo ecológico dos solos: A agricultura em regiões tropicais**. São Paulo: Nobel. 2002. 552p.
- PRIMAVESI, Ana Maria. **Manual do solo vivo: Solo sadio, planta sadia, ser humano**. São Paulo: Expressão Popular. 2016. 206p.
- PROENÇA, Eder Rodrigues. **Pedagogia do Subterrâneo**: narrativas trans, éticas, estéticas e políticas dos e nos cotidianos escolares. 2017.343f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de Sorocaba, Sorocaba, 2017.
- REIGOTA, Marcos. A contribuição pedagógica e política dos que vêm das margens. **Revista Teias**. Ano 11, n. 21, p1-6. 2010.
- REIGOTA, Marcos. A educação ambiental para além dela mesma. **Ambiente & Educação**, v.13, p.11-22. 2008
- REIGOTA, Marcos. **A floresta e a escola: por uma educação ambiental pós-moderna**. São Paulo: Cortez, 1999.

- REIGOTA, Marcos; PRADO, Bárbara Heliodora Soares do. **Educação ambiental: utopia e práxis**. São Paulo: Cortez, 2008. 208p.
- SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 2ª Edição. Rio de Janeiro: Editora Record. 2000. 174p.
- SCOTTINI, Debora Tiemi. **A Função Social da Terra**. Conteúdo Jurídico, Brasília-DF: 28 abril 2012. Disponível em: <https://conteudojuridico.com.br/consulta/Artigos/28621/a-funcao-social-da-terra>. Acesso em: 25 mar 2020.
- SPINK, Mary Jane Paris. **Viver em áreas de risco: reflexões sobre vulnerabilidades socioambientais**. São Paulo: EDUC, Terceiro Nome, 2018. 237p.
- SPINK, Peter Kevin. O pesquisador conversador no cotidiano. **Psicologias & Sociedade**. Porto Alegre, v. 20, Edição Especial, p. 70-77, 2008.
- STEINER, Rudolf. **A Arte da Educação I: O Estudo Geral do Homem - uma base para a Pedagogia**. São Paulo: Antroposófica, 2003.
- STEINER, Rudolf. **A Filosofia da Liberdade: Fundamentos para uma filosofia moderna**. 4ª ed. São Paulo: Livraria Antroposófica. 2008. 200p.
- STEINER, Rudolf. **Linhas Básicas para uma Teoria do Conhecimento na Cosmovisão de Goethe**. Editora Antroposófica. 1986. 89p.
- STEINER, Rudolf. **Verdade e Ciência**. São Paulo: Editora Antroposófica. 1985. 53p.
- ÚLTIMAS CONVERSAS. Direção Eduardo Coutinho. Produção João Moreira Salles. Edição Jordana Berg. Gênero Documentário. Ano de produção 2015 (BRASIL) - Duração 85 minutos.
- UNIARARAS. **XIV Semana da Biologia**: roda de conversa sobre vivências étnicas foi um dos destaques do evento. 2019 Disponível em <http://uniararas.br/noticias/?codigo=2800>. Acesso em 20 de outubro de 2019.
- VEIGA-NETO, Alfredo. Uma vila voltada para trás. In: GALLO, Sílvio; VEIGA-NETO, Alfredo. **Fundamentalismos & Educação**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2009. p.67-106.
- VINCENT, Nina. Mundos incertos sob um céu em queda: o pensamento indígena, a antropologia e a 32a Bienal de São Paulo. **Revista de Antropologia**. V.60, n. 1, p. 653-661. 2017.
- YANG, André Luiz Chaves; REIGOTA, Marcos; BARCHI, Rodrigo. Ecosofia tropical, educação ambiental e a aventura de desnudar-se. **Linha Mestra**. n. 35, p.265-277. 2018.
- ZANATTA, HUMBERTO GABBI; ALVES, FRANCISCO. **América Latina**. Dante Ramon Ledesma. Rio de Janeiro: RBS. 1988.